

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÉVELIN ZANELATTO BORDIN

**OFÍCIO COSTUREIRA:
UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO E AS POSIÇÕES OCUPADAS NO
MERCADO DE TRABALHO DA CONFECÇÃO DE VESTUÁRIO NA
REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre
2019

ÉVELIN ZANELATTO BORDIN

**OFÍCIO COSTUREIRA:
UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO E AS POSIÇÕES OCUPADAS NO
MERCADO DE TRABALHO DA CONFECÇÃO DE VESTUÁRIO NA
REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Rosa Ribeiro

Porto Alegre
2019

ÉVELIN ZANELATTO BORDIN

**OFÍCIO COSTUREIRA:
UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO E AS POSIÇÕES OCUPADAS NO
MERCADO DE TRABALHO DA CONFECÇÃO DE VESTUÁRIO NA
REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Orientador: Prof. Dr. Jorge Alberto Rosa Ribeiro

Aprovada em 16 de janeiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria Clara Bueno Fischer – UFRGS

Dra. Ana Claudia Ferreira Godinho – UFRGS

Dr. Moacir Fernando Viegas – UNISC

CIP - Catalogação na Publicação

Bordin, Evelin Zanelatto
OFÍCIO COSTUREIRA: UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO E AS
POSIÇÕES OCUPADAS NO MERCADO DE TRABALHO DA CONFECÇÃO
DE VESTUÁRIO NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE /
Evelin Zanelatto Bordin. -- 2019.
136 f.
Orientador: Dr. Jorge Alberto Rosa Ribeiro.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Costureira. 2. Trabalho e Educação. 3.
Aprendizado. 4. Qualificação Profissional. 5.
Reconhecimento. I. Ribeiro, Dr. Jorge Alberto Rosa,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas e professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo acolhimento especial que sempre me deixou muito à vontade, mesmo sendo de uma área de formação completamente diferente. O diálogo e a receptividade com certeza fizeram diferença para esta pesquisa.

Ao meu querido orientador Jorge, pelo sorriso acolhedor e pela tranquilidade com que conduziu todo o meu tempo de orientação. Obrigada pelas leituras, pelos conselhos, indicações e, especialmente, pelo seu carisma, que sem dúvidas quebrou todas as barreiras que me faziam temer em relação ao meio acadêmico.

Às costureiras que participaram desta pesquisa, que me permitiram entrar em suas vidas, ouvir suas histórias e propiciaram os melhores momentos desta caminhada. Às costureiras de minha trajetória profissional, que foram muitas e que sem dúvida fizeram nascer em mim um estado de inconformidade em relação a esta profissão tão linda. Às costureiras de minha família, minhas avós e minha mãe, que desde muito cedo me inspiraram e me transformaram em uma delas também.

Aos meus familiares, amigos e colegas de trabalho que entenderam a importância desta pesquisa para mim, torceram e comemoraram comigo em cada etapa concluída e foram compreensivos com minhas faltas e ausências.

Ao Maurício, com quem divido uma vida inteira. Obrigada por ouvir todas as minhas dúvidas, discutir meus dilemas, tranquilizar minhas ansiedades. Por ser o suporte de todo este trabalho e por sempre me deixar livre para ser quem eu sou, mesmo quando isso muda a vida de ambos.

“A invisibilidade da costureira e a visibilidade
da roupa são absurdamente contrárias.
Todos nós, por mais pobres que sejamos,
carregamos conosco sobre o corpo
alguma peça de vestuário.
Levamos o tempo inteiro,
muitas horas do trabalho de
uma costureira sobre a nossa pele.
Nada está mais em contato com uma pessoa
do que a roupa que ela veste.”

RESUMO

Analisar a relação entre o aprendizado da costura, a experiência e as posições ocupadas pela costureira foi o principal objetivo deste estudo realizado com profissionais atuantes na região metropolitana de Porto Alegre. Foram realizadas entrevistas com oito costureiras que se encontravam em quatro posições de atuação: na fábrica, trabalhando a domicílio como terceirizadas ou com reformas de roupas e em atelier próprio, com a finalidade de trazer experiências, considerações sobre o aprendizado da costura e o mercado de trabalho. As entrevistas foram estruturadas no formato de tópicos-guia em uma abordagem qualitativa. Este estudo inicia com um levantamento histórico do ofício, contextualizando-o no sistema capitalista de produção, explicando a organização do trabalho da costura, sua hierarquia e a divisão sexual, levantando historicamente a influência do gênero na profissão. Através dos relatos das entrevistadas, é possível identificar questões importantes da atualidade da profissão frente às rotinas e limitações profissionais, tais como gênero, família, tempo, aprendizado, qualificação e posições profissionais. Concluiu-se com esta pesquisa que a necessidade de trabalhar caracteriza as entrevistadas que ocupam posições fabris e concretizam seu aprendizado na prática do trabalho, entendendo a qualificação formal como única possibilidade para crescimento profissional. As costureiras que tiveram algum aprendizado formal optaram por se afastar de posições na indústria e têm expectativas que se relacionam com a possibilidade de criar suas peças e a autonomia de poder trabalhar diretamente com o cliente. Indiferentemente ao grupo de pertencimento, o desajuste da educação profissional em relação ao mercado de trabalho, em conjunto com a falta de reconhecimento, associa o ofício a atividades domésticas e cargos de baixa qualificação.

Palavras chave: Costureira. Trabalho e Educação. Aprendizado. Qualificação Profissional. Reconhecimento.

ABSTRACT

Analyzing the relationship between sewing learning, experience and positions occupied by seamstresses was the main objective of this study with professionals working in the metropolitan area of Porto Alegre. Interviews were carried out with eight seamstresses who were in four positions: at the factory, working at home as outsourced or with clothing reforms and in their own atelier, with the purpose of bringing experiences, considerations about sewing learning and the job market. The interviews were structured in a guideline format with a qualitative approach. This study began with a historical survey of the trade, contextualizing it in the capitalist system of production, explaining the organization of the sewing work, its hierarchy and sexual division, historically raising the influence of gender in the profession. Through the interviewees' reports, it was possible to identify important questions of the current profession in relation to professional routines and limitations, such as gender, family, time, learning, qualification and professional positions. It was concluded with this research that the need to work characterizes the interviewees who occupied factory positions and achieved their learning in the work practice, understanding the formal qualification as the only possibility for professional growth. Dressmakers who had some formal learning chose to move away from positions in the industry and had expectations that related to the possibility of creating their pieces and the autonomy of being able to work directly with the client. Regardless of the group of belonging, the mismatch of professional education in relation to the labor market, together with the lack of recognition, associated the office with domestic activities and positions with low qualifications.

Keywords: Seamstress. Job. Learning. Qualification. Professional recognition.

LISTA DE ABREVIACOES UTILIZADAS

ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil

CBO – Classificação Brasileira das Ocupações

CETIQT – Centro de Tecnologia Da Indústria Química e Têxtil

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

MEI – Microempreendedor Individual

PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

RMPA – Região Metropolitana de Porto Alegre

RS – Rio Grande do Sul

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio s Micro e Pequenas Empresas

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SIVERGS – Sindicato das Indústrias de Vestuário do Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma de Desenvolvimento de Produto	77
Figura 2 – Organograma de posições do atelier de costura.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de ocupações CBO.....	18
Quadro 2 – Quadro das entrevistadas	21
Quadro 3 – Lista de Tópicos-Guia.....	27
Quadro 4 – Comparativo entre posições de atuação.....	74
Quadro 5 – Etapas do Aprendizado de Costura.....	99

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	SOBRE MINHAS INQUIETAÇÕES	13
1.2	A COSTUREIRA	15
1.3	DISCUSSÕES SOBRE A COSTUREIRA	21
1.4	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	24
2	BREVE HISTÓRIA DA COSTURA: DO ARTESÃO À INDUSTRIALIZAÇÃO DO VESTIR.....	29
2.1	O SURGIMENTO DO OFÍCIO.....	29
2.1.1	TRANSFORMAÇÃO DO OFÍCIO PELO CAPITAL	30
2.1.2	A INDUSTRIALIZAÇÃO	32
2.2	HISTÓRICO DO OFÍCIO NO BRASIL	33
2.3	UMA QUESTÃO DE GÊNERO	36
2.4	SEPARAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO TÉCNICO E O CRIATIVO	39
3	A COSTURA POR DENTRO DA MODA E DA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO....	43
3.1	A MODA E O CONSUMO PELA ÓTICA CAPITALISTA.....	43
3.2	CONFECÇÃO DO VESTUÁRIO: UM PANORAMA ATUAL.....	48
3.2.1	DADOS NO BRASIL.....	50
4	SOBRE SER COSTUREIRA	53
4.1	IDENTIFICAR-SE.....	55
4.2	SER UMA TRABALHADORA	57
4.3	SER MULHER E ESPOSA.....	60
4.4	SER CONSCIENTE DO SEU TRABALHO	64
5	OS DILEMAS DO OFÍCIO	68
5.1	O TRABALHO E A COSTUREIRA.....	68
5.1.1	O DOMÍNIO DA INFORMALIDADE.....	69
5.1.2	POSIÇÕES DE ATUAÇÃO	73
5.1.3	SALÁRIO E REMUNERAÇÃO.....	87
5.1.4	TEMPO	89
5.2	OS CAMINHOS DO APRENDIZADO	92
5.2.1	APRENDER	93
5.2.2	FORMAÇÃO PROFISSIONAL E QUALIFICAÇÃO.....	103
5.3	SUBMISSÃO E AUTONOMIA: A CONTRADIÇÃO EXISTENTE NA ATIVIDADE DA COSTUREIRA.....	109

5.4 RECONHECIMENTO	115
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	136

1 INTRODUÇÃO

Muitos anos de inconformismo se somaram para resultar nesta pesquisa. Das primeiras observações que ouvi sobre a costureira ainda em minha juventude até o convívio com essas profissionais no dia a dia de trabalho, foram inúmeras as percepções que me trouxeram aqui. Minha trajetória pessoal acabou inclinandome à área da Educação e, por escolha, a me vincular à linha de *Trabalho Movimentos Sociais e Educação* da UFRGS. As questões que ficaram sem resposta ao longo de minha formação e atuação profissional passavam principalmente pela certeza de que essas profissionais são de alguma forma *invisibilizadas*. Nasceu em mim um desejo profundo de ouvi-las e, mais ainda, de entender suas dificuldades, suas opiniões e seus desejos.

Este trabalho está organizado em seis capítulos. O primeiro, a introdução, está dividido em quatro partes que desenvolvo da seguinte forma: uma apresentação de minhas aproximações com o tema; a caracterização da costureira, sujeito desta pesquisa; uma revisão bibliográfica sobre essa profissional e as temáticas em que está envolvida; e, por fim, a delimitação do problema, do objetivo, da metodologia e dos instrumentos utilizados.

O segundo capítulo tem o objetivo de aproximar o leitor ao assunto e lhe apresentar a questão da historicidade do sujeito. O desenvolvimento desta seção passa pela construção de um breve histórico da profissão, tratando dos primeiros registros sobre a costura, passando pela sua metamorfose do artesanal para o industrial e situando o leitor no contexto histórico brasileiro.

A aproximação entre a costureira e a moda é tratada no terceiro capítulo. Neste momento, além de alguns aspectos específicos, como o consumo de moda e sua ligação com o capitalismo, exponho o panorama atual da indústria da confecção ainda com intenção de cercar o leitor de informações para posteriormente ser possível compreender as implicações que surgem no trabalho da costureira, relatos descritos na sequência.

No quarto capítulo enumero alguns conceitos essenciais para o desenvolvimento das análises. Neste capítulo abordo importantes considerações teóricas sobre trabalho, trajetória profissional, educação e qualificação.

O quinto capítulo trata das categorias que surgiram na análise das entrevistas com as costureiras. Nesta seção trato cada uma separadamente, colocando para o leitor minhas percepções sobre as falas dessas profissionais.

O último capítulo apresenta minhas considerações finais e alguns desdobramentos que são de importante destaque para a finalização da pesquisa.

1.1 SOBRE MINHAS INQUIETAÇÕES

Em *Observatório de Sinais*, Dário Caldas cita que “nada está mais perto do corpo do que a roupa, nenhum outro material se adapta tão bem a ele quanto o tecido”¹. Essa frase, de forma breve, é capaz de resumir meu interesse pela produção de peças do vestuário desde a infância. Talvez, porém, só quem já tenha vivido a experiência de vestir-se de si mesmo, mostrando em seu corpo o fruto do próprio trabalho, possa entender o quanto de minha vida coloco nestas primeiras linhas.

Dos presentes mais vivos na minha memória, uma sacola de retalhos e trapos de tecidos que ganhei de minha avó quando tinha seis ou sete anos é o que até hoje foi o mais importante. Em meu imaginário infantil, aquela sacola, que não deveria ser maior que uma sacola plástica comum de supermercado, era a materialização da felicidade. Embora algumas pessoas da minha família costurassem por hobby ou até informalmente como autônomas, acabei aprendendo a costurar sozinha. Contando erros e aprendizados, pode-se dizer que aos 12 anos eu já dominava uma máquina com certa destreza e produzia algumas peças simples para meu próprio uso.

Ao longo da vida, minha ligação óbvia com a moda foi sendo trilhada por caminhos que foram surgindo, mas em nenhum momento se distanciaram da costura. Algumas vezes fui questionada sobre por que eu faria uma graduação de Moda, com tom de sarcasmo, que precedia a pergunta: vai ser costureira? E respondia com um sorriso amarelo, pelo não aceite e desprezo em relação àquela profissão.

Graduada em Moda, nunca consegui me apropriar da denominação de estilista – sempre me causou desconforto. Aos meus ouvidos soava como algo perdido no mundo do imaginário, com muita pompa e elegância e tão longe das máquinas das quais eu nunca quis me distanciar. De fato, nunca o fiz. Em minha trajetória, passei por diversos caminhos, todos eles sempre ligados às costureiras. Se não fui efetivamente uma, ocupando essa posição no mercado de trabalho, atuei ao seu lado em todas minhas colocações na Indústria e no Varejo de Vestuário.

Sempre houve de minha parte uma profunda admiração por essas profissionais, que tinham histórias de vida muito ricas, rotinas diárias muito difíceis e que conseguiam através de suas mãos habilidosas transformar pedaços de tecidos em pedaços de sonho para vestir. A

¹ CALDAS, Dário. **Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio, 2006. p.81.

moda² em si, a meu ver, sempre pareceu demasiadamente cruel, com suas imposições de estilo, suas regras e verdades que atribuíam valores errôneos às roupas. Comprar uma peça de roupa que daqui a seis meses não terá mais significado, de acordo com as tendências de moda, sempre soou um tanto absurdo. Dando peso a esses pensamentos, surgiram as leituras de Lipovetsky³ sobre nossos tempos de hiperconsumo e nossa ânsia em obter a felicidade através de nossas compras e aquisições. Logo surgia mais uma inquietação: se a roupa era agora descartável, onde ficava o suor daquele trabalho humano extraordinário da costureira?

Em 2015, por total acaso do destino, substituí uma docente em um curso livre do Senac, na cidade de Viamão, onde residia. E lá estava eu, inebriada com o perfume do aprender, apaixonada pelo ensinar. Nos dois anos que se seguiram, dei aulas de costura para interessadas, aspirantes e apaixonadas como eu pela costura. Mudei minha trajetória profissional e reorganizei minha vida para possibilitar esse novo caminho na educação. O desconforto com alguns modelos preexistentes na relação professor-aluno que habitava o imaginário das alunas e a minha incansável vontade de fazê-las buscar novos caminhos me despertaram um questionamento: como elas aprendiam? Eu, assim como elas, um dia também não soube como realizar aquela “tarefa”, mas fui construindo meu próprio saber. E esse saber não foi aprendido pelas linhas dos livros, foi muito mais moldado na aventura da criatividade.

“Me diz como é o jeito certo, professora?” Era o que eu mais ouvia na hora de executar algum exercício. Um pouco preocupada com o sentido que essa pergunta fazia para mim, respondia: “Não existe o jeito certo, existem algumas maneiras de realizar, tu que vais ter que interpretar qual melhor se adequa ao que tu deseja fazer”.

As alunas ansiavam por regras, receitas, métodos. Faziam-me lembrar das costureiras com quem convivo em ocupações anteriores, na indústria. Quando eu oferecia a elas a possibilidade de opinar e escolher qual o método que preferiam executar seu próprio trabalho, era comum ouvir: isso quem tem que me dizer é tu!

Carlos Skliar diz que “[...] educar é colocar no meio. Entre”⁴. E então o que poderia existir entre elas e eu? Qual era a ponte que faltava entre o meu entender e o delas? Desse espaço vazio que se encontrava *entre*, surgiu esta pesquisa. Além de minha incomodação inicial quanto à desvalorização da profissão, carregava muitos outros exemplos de “vazios”

² Entre inúmeros significados que a palavra *moda* pode designar, devido ao seu uso coloquial, utilizarei o do conceito simplificado traduzido por Ana Paula de Miranda, como sendo moda o estilo aceito correntemente ou popular em dado momento. MIRANDA, Ana P. *Consumo de moda: a relação pessoa-objeto*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

³ Citando as obras de Gilles Lipovetsky: *Os tempos hipermodernos* (2004) e *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo* (2006).

⁴ SKLIAR, Carlos. *Escritas. Desobedecer a linguagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 119.

frutos das experiências de trabalho no dia a dia. O saber prático da costureira era um saber não valorizado, assim como sua identidade no mercado da moda, que tornava a costureira existente até a saída da fábrica. Dos caminhos seguintes, que vão das vitrines das lojas até o vestir, a costureira era *invisibilizada*.

1.2 A COSTUREIRA

Para conhecermos a costureira como sujeito desta pesquisa, é imprescindível tratarmos de alguns conceitos importantes, já que o que a define como foco desta pesquisa é justamente a sua profissão.

Em um primeiro momento vale esclarecer as origens das palavras Ofício e Profissão. Ambas remetem às primeiras regulamentações de trabalhos artesanais, de onde se originaram as Corporações de Ofício durante a Idade Média – dentre elas a das costureiras como afirma Dubar (2005, p.163-164) quando diz que “as ‘profissões’ (liberais) e os ‘ofícios’ têm, no Ocidente, uma origem comum: as corporações”. Dubar cita que foi com o desenvolvimento e a consolidação das universidades que as artes liberais e as artes mecânicas começaram a ser separadas criando uma oposição entre as “profissões” que eram ensinadas nas universidades, e eram de essência mais intelectual; e os “ofícios” provenientes das artes mecânicas, em que as mãos trabalhavam mais que a cabeça. Embora provenientes da mesma origem, a construção de sua oposição é visível segundo o autor:

Assim, é possível associar a oposição entre “profissões” e “ofícios” a um conjunto de distinções socialmente estruturantes e classificadoras que se reproduziram através dos séculos: cabeça/mãos, trabalhadores intelectuais/ trabalhadores manuais, alto/baixo, nobre/vil etc. (DUBAR, 2005, p.165).

O autor afirma ainda que o ofício era um meio de estabelecer a posição de alguém na vida, já que o artesão, ao entrar em determinada corporação, adquiria uma condição social e uma qualidade ontológica permanente, que compartilhava com quem exercia o mesmo ofício e o diferenciava de pessoas de outras profissões. A formação profissional e o acesso ao emprego seriam componentes da identidade social do indivíduo sendo que socializar-se seria pertencer a um grupo, que guiaria sua conduta pessoal e profissional. O indivíduo passaria então por duas formações identitárias: a primeira identidade social, formada na escola e a segunda que ocorre no processo de profissionalização no início de sua carreira, onde ele obtém competências e entra em um ambiente social específico (DUBAR, 2005).

Apesar de a construção histórica ter separado os termos *ofício* e *profissão*, e a sequência de debates sobre ambos poder ser estendida sob diversos aspectos, utilizarei esses conceitos apenas para emprego da definição de função de trabalho da costureira, simplificada pela palavra *profissão*.

Nas conversas com as entrevistadas desta pesquisa, é possível perceber que na maioria dos casos a profissão se estabeleceu a partir de um aprendizado não formal, mas nem por isso mostrou algum obstáculo no exercício da mesma. Esta observação é possível de ser compreendida na colocação de Franzoi:

Da forma como é aqui entendida, profissão envolve: a) correspondência entre a posição ocupada no mercado de trabalho e os conhecimentos adquiridos na esfera da formação (que pode se realizar no próprio trabalho) b) reconhecimento da validade desses dois elementos – conhecimento e valor social dos serviços – por parte da sociedade, através da inserção desse indivíduo, no mercado de trabalho (FRANZOI, 2006, p.50).

Ao deparar com os relatos das entrevistadas, é válido afirmar que, embora existam qualificações em relação à atividade da costura, essa qualificação não é obrigatória nas posições de trabalho existentes, até porque a profissão da costureira ainda é uma atividade não regulamentada no Brasil⁵.

O que se observa na prática é a utilização de outros meios para validar o conhecimento da costureira, como a comprovação de experiências anteriores (empregos) ou a aplicação de testes práticos de costura. Isso ocorre porque o aprendizado da costura nem sempre é obtido através de uma qualificação formal, muitas vezes é uma consequência do aprendizado obtido proveniente da necessidade de se inserir no mercado de trabalho ou do interesse de aprender a costurar. Tais evidências podem ser encontradas nas falas das entrevistadas que são exemplificadas nas passagens a seguir⁶:

Quando eu fiz 17 anos a mãe disse: tu vai ser costureira, eu vou te colocar numa firma porque tu precisa trabalhar(Ana).

Eu precisava muito trabalhar, eu tinha que escolher uma profissão para mim (Beatriz).

Desde pequena eu amava a costura (Elaine).

⁵ O Projeto de Lei 7.806/2014 foi criado em 2014 com a intenção de regulamentar a profissão de costureira em todo o território nacional, ainda em tramitação aguardando aprovações. No projeto várias definições a respeito da profissão incluindo temas como jornada de trabalho, insalubridade, piso salarial nacional entre outras coisas. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=620217>. Acesso em: 05 maio 2018.

⁶Foi mantida a oralidade dos depoimentos.

Eu comprei uma máquina, [...] porque eu queria fazer roupas para mim (Denise).

Dando peso a esse argumento, Franzoi (2006, p.51) destaca que a profissionalização não se realiza apenas na formação, inclusive só se completa no momento em que o trabalhador se insere no mercado de trabalho, pois é neste local que o conhecimento é validado na prática e onde as relações de trabalho acontecem.

Importante ressaltar que se trata de uma ocupação constituída majoritariamente pelo gênero feminino, fato de fácil observação nestes anos em que atuo na área de confecção de vestuário. Essa informação é evidenciada em relatório de 2011 publicado pelo: na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), os costureiros e outros profissionais afins da indústria do vestuário são, na maioria, do sexo feminino (78,9%), numa estimativa total de 25 mil trabalhadores. O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) informa que estes trabalhadores têm, em média, oito anos de estudo e estão há aproximadamente sete anos em seu trabalho atual, com um salário médio de R\$ 738,00 (reais), um pouco acima do salário mínimo vigente à época⁷, apenas para apontar alguns dados relevantes.

Construo esta pesquisa, portanto, delimitando as entrevistadas a partir do recorte de gênero, seguindo pela sua localização que, neste estudo, abrange a Região Metropolitana de Porto Alegre e, na sequência, na observação de que as entrevistadas deveriam se encaixar no critério de ter a costura como fonte de renda, sendo proveniente do trabalho de confecção de vestuário.

Na classificação da cadeia produtiva têxtil no Brasil, a Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT) separa o grande grupo têxtil em três segmentos: produção de fibras e filamentos, produção de têxteis básicos e produção de artigos confeccionados. Abordaremos o setor dos artigos confeccionados, sendo que dele faz parte a Indústria de Confecção de Vestuário, principal gerador de empregos formais para a costureira.

No Quadro 1, listo as ocupações citadas pela Classificação Brasileira das Ocupações (CBO)⁸ sobre as variações de posições para a costureira dentro do emprego formalizado e regulamentado.

⁷Considerando que o valor do salário mínimo no ano de publicação do estudo era R\$ 545,00 (quinhentos e quarenta e cinco reais), conforme Lei 12.382/2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12382.htm. Acesso em: 02 jun. 2017.

⁸A Classificação Brasileira de Ocupações é uma norma de classificação enumerativa e descritiva de atividades econômicas e profissionais determinada pela Comissão Nacional de Classificação para o uso de órgãos governamentais. Disponível em:

Quadro 1 – Lista de ocupações CBO

CÓDIGO DA OCUPAÇÃO	OCUPAÇÃO	SINÔNIMOS PARA ESTA OCUPAÇÃO⁹
7630-10	Costureira de peças sob encomenda	Modelista
7630-15	Costureira de reparação de roupas	Reformadora de roupas
7632-10	Costureiro na confecção em série	Auxiliar de costura Costureira em geral Costureiro de amostra
7632-15	Costureiro à máquina, em confecção de série	Costureira de máquina overloque Costureira de máquina reta Costureira de máquinas industriais

Fonte: elaboração da autora.

Uma vez que esta pesquisa trata da costureira como profissional atuante em diferentes posições, porém, não utilizo o emprego formal como limitador da profissão, e sim apenas uma de suas possíveis colocações no mercado de trabalho. O que ocorre normalmente na profissão é justamente a troca ou o deslocamento da costureira entre duas ou mais posições ao longo de sua vida, evidenciando as mudanças na sua trajetória profissional.

A trajetória pode ser entendida como o conjunto de experiências profissionais ou, como aborda Cogo (2012, p.469), uma série de posições que um agente ocupa em um mesmo grupo, espaço no qual é submetido a transformações contínuas que permitem seus deslocamentos, situando os acontecimentos biográficos em diferentes posições no espaço social. O autor levanta uma preocupação pertinente sobre reordenamento das profissões, revisão de valores e de estrutura de empregos que estiveram em vigência até o presente momento, e sinaliza que cada vez menos se crê na possibilidade de o trabalhador seguir uma trajetória linear de conteúdo e ascende no quesito renda e mobilidade social.

Nesse contexto, foi possível observar que as entrevistadas ocupam mais de uma posição dentro da mesma profissão ao longo de sua trajetória, adquirindo experiências diversas e preferências por posições conforme os relatos que serão analisados com mais ênfase no quinto capítulo.

Dentro dessa esfera das posições, procurei abranger a maioria das ocupações da costureira da RMPA, relacionadas nas quatro esferas abaixo:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Classifica%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Ocupa%C3%A7%C3%B5es. Acesso em: 04 set. 2018.

⁹ Ocupações que utilizam a mesma codificação, mas que possuem nomenclatura diferente, porém similaridade nas características de tarefas.

- a) Costureira de Ateliê (ou atelier): nesta nomenclatura se encontram as costureiras que trabalham em casa ou possuem ateliê de costura próprio, porém produzem sob encomenda peças de vestuário ao cliente final.
- b) Costureiras de Reformas: costureiras que fazem reformas de peças e trabalham em casa, fazendo consertos e customizações em peças de vestuário já prontas.
- c) Costureira de Fábrica: neste caso estão inseridas as costureiras contratadas regularmente dentro da indústria de confecção em série.
- d) Costureira de Facção: utilizei para nomear as costureiras terceirizadas que realizam a montagem de peças em série para a indústria de confecção, normalmente em casa.

Dada a informalidade de algumas posições de atuação, infelizmente não foi possível fazer o levantamento numérico do contingente de trabalhadoras que ocupam cada uma das posições acima descritas. Dentro dos critérios listados anteriormente, de gênero, localização, atuação na profissão e as posições antes descritas, elegi¹⁰ oito entrevistadas para que fosse possível gerar ao menos duas fontes de relatos distintos de cada uma das posições estudadas. Segue um breve perfil de cada uma das entrevistadas para aproximar o leitor das mesmas:

- **Ana:** mora e trabalha na cidade de Gravataí, e a contragosto herdou da mãe a profissão. Chegou a largar a costura e trabalhar em um supermercado onde constatou que de fato gostava de ser costureira. Tem três filhos e trabalhou a maior parte do tempo como costureira faccionista em casa, pois segundo ela tinha a ilusão de que isso ajudaria com o cuidado das crianças.
- **Beatriz:** mora e trabalha na cidade de Viamão, aprendeu a costurar porque precisava trabalhar. Tem dois filhos e durante toda a sua trajetória alternou entre diferentes posições na indústria; e como faccionista, além de alguns períodos trabalhados em casa, motivados pelos cuidados com os filhos.
- **Cristina:** tem dois filhos, mora e trabalha na cidade de Viamão; se interessou por costura quando foi trabalhar como recepcionista em um ateliê de moda festa de Porto Alegre. Lá aprendeu a fazer algumas tarefas, todas voltadas para a confecção das peças, porém saiu sem nunca ter aprendido a costurar. Montou um ateliê em casa e aprendeu a costurar sozinha.
- **Denise:** é solteira, sem filhos, mora e trabalha em Porto Alegre, sempre fez trabalhos manuais e quis aprender a costurar para fazer roupas para ela mesma. Fez um curso de

¹⁰As participantes foram escolhidas a partir de uma lista inicial que foi criada através de minhas próprias redes de contatos profissionais, sendo que adotei em um primeiro momento o critério de não estar em contato com as mesmas ou envolvida de alguma forma em uma relação de trabalho.

costura, foi indicada para um estágio em um ateliê de moda festa e lá continuou aprendendo. Abriu seu próprio ateliê.

- **Elaine:** tem uma filha, mora e trabalha em Esteio; gostava de costura, mas nunca teve uma oportunidade de aprender. Anteriormente trabalhava na construção civil, fez um curso de costura através de um projeto social que finalizou com a criação de uma cooperativa com as próprias participantes. Hoje trabalha com reformas e peças sob encomenda em sua residência.
- **Fátima:** tem uma filha, mora e trabalha em Esteio, fez alguns cursos de costura, mas acabava sempre abandonando para cuidar da filha. Participou do mesmo projeto social que Elaine e foi integrante da cooperativa criada. Hoje atua como costureira de reformas em casa.
- **Graça:** tem duas filhas, mora em Gravataí e trabalha em Porto Alegre. Começou a trabalhar com costura para ajudar a tia, mas queria estudar para outra profissão. Trabalhou como faccionista e em fábricas, citando momentos de mudança de posição por causa das duas filhas. Trabalha atualmente em uma fábrica.
- **Heloisa:** casada, sem filhos, mora em Gravataí e trabalha em Porto Alegre. Começou a trabalhar como auxiliar de costura em uma fábrica e, motivada pela informação de que a costureira obtinha maior salário, quis aprender a costurar. Trabalhou sempre em fábricas e quando ficou desempregada costurava lingerie para vender. Trabalha atualmente em uma fábrica.

Na página seguinte, o quadro das entrevistadas evidencia a relação entre idade e experiência profissional, além de sinalizar um grau de escolarização bastante homogêneo, tendo apenas um desvio pelo fato de uma entrevistada ter frequentado e finalizado o curso superior em Moda. Ênfase também neste quadro a relação das posições ocupadas pelas costureiras durante suas trajetórias.

Podemos verificar que as mais experientes construíram sua profissão dentro da esfera da produção em série, seja ela como costureira de fábrica ou de facção terceirizada, enquanto as que possuem uma experiência menor foram provenientes de áreas diversas que não a da costura. Trouxe essa informação como composição de perfil das entrevistadas, pois não identifiquei nenhuma trabalhadora que tenha atuado o tempo todo em apenas uma posição, apresentando isso como uma possível característica. Como se trata de uma atividade que nem sempre proporciona o planejamento de carreira, muitas trabalhadoras acabam experimentando novas posições de atuação na tentativa de melhorar suas condições de trabalho.

Quadro 2 – Quadro das entrevistadas

Nome	Idade	Escolaridade	Experiência na costura	Posição inicial	Posição intermediária	Posição atual
Ana	52 anos	2º grau completo	35 anos	Costureira fábrica	Costureira fábrica	Costureira facção
Beatriz	58 anos	2º grau completo	40 anos	Costureira fábrica	Costureira fábrica	Costureira facção
Cristina	54 anos	2º grau completo	8 anos	Auxiliar administrativa	Modelista ateliê	Costureira ateliê
Denise	34 anos	Ensino Superior completo	10 anos	Cabeleireira	Costureira ateliê	Costureira ateliê
Elaine	34 anos	2º grau completo	5 anos	Empregada da construção civil	Costureira cooperativa	Costureira ateliê Costureira reformas
Fátima	49 anos	2º grau completo	5 anos	Empregada doméstica	Costureira cooperativa	Costureira reformas
Graça	52 anos	2º grau completo	34 anos	Costureira facção	Costureira fábrica	Costureira fábrica
Heloisa	49 anos	2º grau completo	32 anos	Auxiliar de costura	Costureira fábrica	Costureira fábrica

Fonte: elaboração da autora.

1.3 DISCUSSÕES SOBRE A COSTUREIRA

Embora a atividade decostura seja um trabalho historicamente constituído muito antes de ter virado uma profissão, estudos específicos sobre esse ofício são bem mais recentes, tendo sido produzidos em sua grande parte a partir da segunda metade do século XX.

Mesmo estando a costureira completamente ligada à área da moda, a literatura que cita essa trabalhadora limita-se a posicioná-la brevemente dentro da história, sem trazer de fato estudos sobre sua figura singular. Em um dossiê sobre a produção acadêmica de moda na pós-graduação no Brasil no período de 1978 a 2010, Bonadio ressalta que 40% das produções acadêmicas se concentram nas áreas de Administração, Comunicação e Design, sendo que assuntos como a Educação eram alvo de 5% das pesquisas apenas (BONADIO, 2010).

Entender os mecanismos da moda é fundamental para situar a trabalhadora da costura dentro do contexto que norteia o seu trabalho. Lipovetsky (1989), filósofo e pesquisador, relata o fenômeno da moda como um mecanismo que vai além das rivalidades de classe, de seu surgimento dentro da Idade Média pela imitação da burguesia, a classe nobre em Império do Efêmero, porém pouco fala sobre a costureira. Braga (2005), historiador e pesquisador, traz, através de uma coletânea, importantes textos diversos sobre a moda com diferentes perspectivas, abordando brevemente a temática da costureira em um texto da segunda edição de *Coletâneas de Moda*. Em *Histórias da Moda*, Grumbach (2009) tece uma linha do tempo que vai desde o surgimento da costura e seus primeiros papéis até os dias atuais, marcados

pelos criadores de moda. Em todos esses relatos, a costureira tem uma breve aparição como coadjuvante em um sistema muito maior: a moda.

A bibliografia mais preciosa que trago do contexto histórico, especificamente sobre a costureira, é de Maleronka (2007), que conseguiu criar um panorama dessa profissional no Brasil pela ótica do ofício. Seu trabalho foi de imensa contribuição para este estudo, uma vez que abrange vários contextos das costureiras entre os anos de 1920 e 1950 na cidade de São Paulo.

Os estudos que focam suas motivações na pesquisa, especialmente sobre a costureira e seu trabalho, normalmente se concentram em uma das posições de sua ocupação. Da análise dos primeiros estudos encontrados, podemos averiguar uma forte tendência em pesquisar o trabalho da costureira industrial, consequência da transformação do trabalho artesanal em fabril e da implantação da atividade industrial na produção do vestuário. Dentre as publicações mais relevantes para este estudo, apontoa investigação de Saffioti (1981) que utiliza dados de censo para falar sobre o trabalho feminino na indústria têxtil e de confecção no Brasil. Gazzona (1997) também aborda essa ótica, falando sobre o trabalho feminino em uma grande empresa de vestuário da cidade de Porto Alegre, analisando as mudanças que estavam ocorrendo e suas consequências para a mão-de-obra feminina, sinalizando a existência da baixa escolaridade, baixos salários e a divisão por gênero do trabalho na empresa.

É possível verificar uma quantidade significativa de trabalhos que buscam descrever como se dá o funcionamento do trabalho terceirizado dentro da indústria de confecção, quais as suas implicações para o mercado de trabalho e as implicações para as trabalhadoras envolvidas. Como exemplo, cito o trabalho de Abreu (1986), de forte impacto para este estudo, em que a autora explora o trabalho da costura a domicílio. Algumas conclusões do estudo de Abreu são válidas e permanecem vivas mesmo com uma grande distância de tempo, principalmente na similaridade entre as falas das entrevistadas da época e as que apresento nesta pesquisa.

Além disso, ressalto a colocação da lógica do capital que se integra às rotinas do trabalho a domicílio, observando as mesmas lógicas de subordinação encontradas nas fábricas. Abreu constrói, através do relato, a importância entre o mundo da costura e trabalho e o envolvimento familiar dessas profissionais. A diferença mais visível entre o estudo de Abreu e os dias atuais é a existência dos meses de pico de produção e de escassez de serviço, característica que hoje não se aplica, devido à evolução do calendário de lançamentos de moda que praticamente não possui interrupções ao longo do ano.

Fischer (2016) apresenta uma importante contribuição no cenário de trabalho da costureira atual, em um artigo sobre o aprendizado do trabalho coletivo. O estudo realizado em uma cooperativa de Porto Alegre contextualiza a adaptação dessas trabalhadoras a um sistema de trabalho diferente e demonstra que essa modalidade associada privilegia a participação das trabalhadoras em uma gestão mais homogênea do trabalho, com uma visão menos hierárquica e mais horizontal, bem diferente do cenário que ocorre normalmente no emprego formal. As trajetórias são resgatadas para complementar esse processo de mudança de trabalhadoras assalariadas para trabalhadoras associadas. Embora tenha sido um objetivo abraçar esse grupo de indivíduos em minha pesquisa, por conta de uma reviravolta¹¹ com as entrevistadas eleitas, não houve possibilidade de tratar dessa posição específica.

Novaes (2016), em sua dissertação *Evolução Histórica do Ofício de Costureira e sua configuração em ateliês de costura em Viçosa – MG*, cita a flexibilidade como fator comum para as trabalhadoras optarem por essa modalidade de posição, além de contribuir para a adaptação de conciliação com as tarefas domésticas. O aprimoramento constante e a busca de saberes através da experiência também são pontos fortes do relato de suas entrevistadas. A pesquisadora, porém, relata limitações para encontrar literatura específica sobre as costureiras de ateliês.

Käercher (2017) inicia um artigo sobre os fazeres e saberes domésticos entre mulheres que costuram com a mesma falta de fontes sobre a costureira, sinalizando que a maioria dos estudos privilegia o vestuário e a moda em vez das mulheres e do cotidiano da costura. A diferença entre o trabalho do alfaiate que é realizado fora de casa e o da costureira que precisa dividir seu trabalho com o espaço e tarefas domésticas é problematizada nesse texto, que contribui para o contexto da formação dos saberes femininos. Barbosa (2016) segue por este mesmo assunto, ao entrevistar costureiras e dialogar com a ergologia sobre a produção de saberes no trabalho e a falta de ligação da educação formal e dos saberes escolares.

Sobre a educação, ainda é válido citar o artigo de Frasquete e Simili (2017) que fala sobre o aprendizado de costura e a sua prática, associando ao trabalho feminino social e

¹¹ Na época em que contatei e selecionei as entrevistadas, duas delas faziam parte de uma cooperativa que havia sido criada após a finalização de um projeto em parceria com a prefeitura da cidade de Esteio e o Senac. A cooperativa estava em funcionamento quando a visitei para realizar um primeiro contato. Porém, na oportunidade da coleta das entrevistas, as cooperativadas estavam há mais de 2 meses trabalhando em suas casas, por conta própria, fazendo serviços diversos de reformas e peças sob medida. Tal situação ocorreu, pois seriam removidas do lugar onde a cooperativa estava situada e seriam instaladas em um novo local, desta vez definitivo, disponibilizado pela prefeitura da cidade. A mudança não havia ainda ocorrido, e elas estavam esperando há alguns meses, sem perspectiva de data. Atualmente, na RMPA existem diversas cooperativas de costura/costureiras cadastradas junto ao Sindicato da Economia Solidária. Dentre elas a Univens, fundada em 1996, é a que possui o trabalho mais longo e consolidado, gerando trabalho e renda para várias famílias, utilizando algodão orgânico e comercializando roupas em todo o país, com a marca Justa Trama.

doméstico na década de 50 e 60 no Brasil. Segundo as autoras, a profissão, por se aproximar de adjetivos culturalmente atribuídos às mulheres, surgia como um ofício que não denigria a imagem idealizada da mulher à época, sendo que os saberes e fazeres deste proporcionavam ainda a preservação da sua imagem de dona de casa de família.

1.4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Iniciocom a aproximação com alguns conceitos fundamentais, sinalizando que fazer nascer uma peça de vestuário implica muitas tomadas de decisões criativas. Trata-se de uma construção complexa, que passa resumidamente pelas etapas de criação da peça, escolha de tecido, desenho do molde¹², corte e costura. Embora, na indústria, fazer o molde seja uma tarefa da modelista, algumas costureiras, como as que fazem peças sob encomenda, realizam esta e todas as outras tarefas necessárias para a produção de uma peça de roupa. Porém, ao longo da história, como veremos no capítulo seguinte, essas tarefas foram sendo separadas e extirpadas da costureira. Os processos criativos foram os primeiros a fugir de suas mãos, mobilizados pelo processo de industrialização.

Analisando esse contexto, emergiu a ligação com alguns conceitos marxistas e como a centralidade do trabalho e a produção capitalista permeiam, de alguma forma, com intensidades diferentes, todas as posições que a costureira pode ocupar, fundamentadas no modo de produzir capitalista, mudando alguns personagens e cenários, porém dando continuidade à exploração e alienação do trabalho.

[...] o trabalho capitalista se apresenta de forma diferente do trabalho do artesão; enquanto este exigia o domínio completo do processo de trabalho, adquirido durante anos de experiência, caracterizado pela unidade entre concepção e ação, controlado pelo próprio trabalhador, mobilizador de capacidade intelectual e criativa, o trabalho capitalista se desenvolve, sobretudo a partir de sua desqualificação. Quanto mais desenvolve a mecanização, mais ele se fragmenta e automatiza menos domínio do saber sobre o trabalho total ele exige, menos energias intelectuais e criativas ele mobiliza; gerido externamente pelo capitalista, cuja eficácia repousa na divisão do trabalho, na ruptura entre decisão e ação, entre trabalho intelectual e manual, ele passa a ser desinteressante e monótono (KUENZER, 2009, p. 77).

A aproximação com o materialismo histórico-dialético é baseada na historicidade desse sujeito e seu ofício, entendendo que abordagem tende a contribuir para os resultados da pesquisa, pois tem como interesse transformar a realidade de educação profissional atual das costureiras. Como cita Frigotto (2000): “neste processo dialético, o que importa é acrítica e o

¹² Um molde nada mais é do que um modelo de papel pelo qual será cortado o tecido para depois ser costurado.

conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social”.

Esta análise passará do nascimento da costura sob um viés de produção artesanal, atravessando a fase da industrialização e finalizando com o cenário atual, em que se enraíza o trabalho terceirizado como grande opção da indústria de confecção. Será possível verificar em algumas passagens desta pesquisa que a costureira, mesmo tendo saído da fábrica e transitado por outras modalidades de emprego ou novas posições, continua reproduzindo a educação fabril em outros espaços. A educação de operária, consequência da economia capitalista, acaba moldando a costureira a serviço do capital. Ela mesma, uma vez que não domina outras formas de pensar seu próprio ofício, acaba se colocando em situações iguais ou mais precárias do que a posição de assalariada da qual foge. E assim: “Neste mesmo processo, contraditoriamente, o trabalhador, pelas formas de enfrentamento que desenvolve, ensina ao capital novas formas de dominação” (KUENZER, 2009, p 78).

A dialética está implícita na própria transformação da indústria de confecção de vestuário na criação de outras posições que a costureira possa ocupar. No momento em que busca novas colocações tentando se desvincular de trabalhos depreciativos, técnicos e que não valorizam o seu pensar, cria situações de trabalho piores que as anteriores, com serviços autônomos que lhe colocam em situações precárias sem benefícios nem direitos legais como trabalhadora.

A situação não superada de produção capitalista piora essas posições informais, quando a necessidade de mercado instaura uma necessidade de agilidade de produção absurda. As indústrias de confecções, pressionadas de um lado pelo imediatismo dos varejistas em obter rapidamente novos produtos e de outro pela concorrência mortal que oferece produtos idênticos aos seus cada vez a um valor menor, precisam achar uma forma melhor de continuar obtendo lucros. Sendo assim, surge a solução perfeita: terceirizar. E mesmo que, anteriormente na história da moda, as confecções usassem a terceirização em suas produções, nunca houve tamanha naturalidade com esse meio de produção. Nesse caso, as facções de costura¹³ terceirizadas são a solução barata e livre de qualquer vínculo empregatício. Em um mundo globalizado, onde o produto é praticamente igual, ganha o dinheiro do consumidor quem consegue ofertar antes.

¹³ Podemos descrever as facções de costura como empresas menores que prestam serviço de confecção a empresas maiores. Essas empresas operacionalizam a parte de montagem das peças de vestuário, sendo que recebem os insumos necessários para confecção, e em geral produzem sob demanda em quantidades definidas pelas empresas maiores, a quem de fato o produto pertence.

Enquanto triunfa o capitalismo globalizado, o assalariado, os sindicatos e o Estado passaram para segundo plano, suplantados que são, daí em diante, pelo poder dos mercados financeiros e dos mercados de consumo. A nova economia-mundo não se define apenas pela soberania da lógica financeira: é também inseparável da expansão de uma “economia do comprador” (LIPOVETSKY, 2007, p.13-14).

Dito isso, meu interesse principal com esta pesquisa foi *analisar qual a relação entre o aprendizado da costura e as posições ocupadas e/ou escolhidas pelas costureiras*, além dos objetivos específicos:

- a) Verificar como as costureiras enxergam seu trabalho dentro das posições que ocupam, analisando sua formação profissional, tempo, submissão criativa e valorização.
- b) Analisar as implicações resultantes de condicionantes sociais, tais como gênero, acesso à educação, condição social.
- c) Compreender como percebem o reconhecimento da profissão.

A escolha por uma abordagem qualitativa se deu, principalmente, por entender que seria a melhor forma de dar voz a essas trabalhadoras, *invisibilizadas* na maior parte do tempo. Mesmo trazendo algumas informações quantitativas pertinentes, o foco deste estudo é mostrar o parecer das próprias costureiras sobre alguns pontos de seu ofício.

Por se tratar de um grupo específico, de convívio próximo, seria redundante trabalhar sob a forma de questionários, pois, listando inúmeras perguntas, eu estaria apenas refletindo sobre minhas próprias conclusões acerca das entrevistadas. Optei, portanto, pela realização de entrevistas abertas, como proposto por Minayo (1993), sugerindo sua utilização quando o pesquisador pretende obter um grande número de informação sobre determinado tema, sob a ótica do entrevistado, com a possibilidade de um maior detalhamento.

Com o intuito de não tornar essas entrevistas longas demais e conduzidas por caminhos que não fizessem parte de meus objetivos, considerei prudente limitar de certa forma os espaços por onde transitaríamos. Logo, escolhi trabalhar com tópicos-guia propostos por Bauer e Gaskell (2010), utilizando pequenos enunciados, que funcionam como lembretes para guiar e nortear, de forma geral, estas conversas. Dentro dessa lógica, permitiu-se que as entrevistadas falassem de forma aberta sobre os assuntos, mas quando necessário fazia outro questionamento para que a conversa voltasse para os temas de meu interesse.

Cada tópico-guia foi construído para auxiliar a sequência de nossas conversas, levando em consideração a lógica na vida dessas trabalhadoras. Como sugerem Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999), o pesquisador pode ir suscitando a memória do entrevistado para que relembre partes de sua vida, proporcionando uma narrativa natural. Existiu por

minha parte a intenção de estabelecer uma relação de confiança com as entrevistadas, o que aconteceu naturalmente, já que, assim como elas, eu também costuro e essa informação foi sinalizada para que elas ficassem à vontade para utilizar termos mais técnicos. Essa intencionalidade da confiança assumiu um papel importante para que houvesse a naturalidade dos relatos, visto que para mim esta é a parte central das conversas informais.

As entrevistas ocorreram entre os meses de janeiro e maio de 2018 e tiveram uma média de duração de 30 minutos a 1 hora, gravadas com autorização das participantes e após transcritas.

A proximidade de minha área de atuação profissional com a das entrevistadas possibilitou conversas bastante naturais, sendo que várias informações foram subentendidas por mim¹⁴ e não foi necessário solicitar que relatassem mais especificamente esses pontos. Fato que foi extremamente importante, pois conhecer os processos de costura me proporcionou uma análise muito mais detalhada dos relatos, uma vez que já vivenciei, na prática ou na participação como observadora, grande parte das experiências relatadas.

Na sequência, apresento um quadro contendo os tópicos-guia que foram utilizados como referência.

Quadro 3 – Lista de Tópicos-Guia

Tópico-Guia	Perguntas Relacionadas
Ofício	<ul style="list-style-type: none"> ● Como começou a costurar? ● Como se tornou costureira?
Aprendizado e qualificação	<ul style="list-style-type: none"> ● De que forma aprendeu a costurar? ● Quem foram as pessoas que te ensinaram? ● Fez algum curso ou aperfeiçoamento? ● Como aprende novas técnicas?
Posição de atuação	<ul style="list-style-type: none"> ● Por que escolheu trabalhar nesta posição? ● Quais os benefícios e pontos ruins? ● Como enxerga as outras posições dentro do mercado?
Tempo	<ul style="list-style-type: none"> ● Como organiza a sua rotina de trabalho? ● Como administra os períodos ociosos e de intensa produção? ● Qual a jornada de trabalho?
Submissão da parte criativa	<ul style="list-style-type: none"> ● Quem estipula como vai ser feito seu trabalho? ● Você executa ou dá opinião sobre a peça a ser confeccionada? ● Como você sinaliza suas opiniões?

¹⁴Trata-se de aspectos técnicos relacionados ao trabalho e da nossa área de atuação em comum, como, por exemplo, algumas especificações de maquinários, técnicas de execução de determinada tarefa ou até mesmo nomes de ferramentas. Atuo na indústria de confecção como designer de moda e modelista, e minha rotina de trabalho inclui o contato direto com costureiras no dia a dia.

Reconhecimento e valorização	<ul style="list-style-type: none"> ● Você se sente reconhecida sendo costureira? ● Acha que recebe um valor correto pelo seu serviço? ● As pessoas valorizam seu trabalho?
------------------------------	---

Fonte: elaboração da autora.

Os relatos das entrevistadas foram separados em dois capítulos, na tentativa de fazer duas abordagens distintas: primeiramente uma abordagem do indivíduo, passando-se para as influências do meio externo. No quarto capítulo, construo um panorama sobre as marcas identitárias dessas trabalhadoras. Através de suas falas, pude colher muitas informações que conseguiram desenhar um perfil das costureiras participantes desta pesquisa, quem são, como se enxergam, entre outras especificidades de seus entendimentos sobre ser costureira. O quinto capítulo mostra um agrupamento das implicações relatadas, que fazem parte de sua rotina profissional, na intenção de apresentar como cada uma das categorias as influencia, de acordo com as posições que transitaram em suas trajetórias.

2 BREVE HISTÓRIA DA COSTURA: DO ARTESÃO À INDUSTRIALIZAÇÃO DO VESTIR

Nas páginas que seguem, construo uma linha do tempo que se concentra na descrição bibliográfica referente ao surgimento do ofício da costura explicando seu desenvolvimento após a industrialização e sua intensa relação com o capitalismo.

2.1 O SURGIMENTO DO OFÍCIO

A história da costura começa muito antes da própria tarefa de costurar, com o surgimento das primeiras ferramentas da costureira. A agulha, primeiro de osso depois de metal, tem sua origem na pré-história. A tesoura aparece em um primeiro momento na Grécia em 700 a.C. (BRAGA, 2005).

Mesmo em se tratando de uma das atividades primárias do trabalho humano, levou-se muito tempo para que o ofício da costura fosse abordado na bibliografia histórica. Este capítulo trata de forma resumida os principais acontecimentos que influenciaram a construção desse ofício no mundo.

Assim como a moda, as principais fontes bibliográficas que se referem à costura são oriundas da Europa, tidas como berço principal a França, devido ao seu pioneirismo nos modos e costumes de vestir. O Brasil só passa a se constituir como cenário desse tema a partir da chegada da família real portuguesa.

A partir do século XI, e atingindo seu auge no século XV, com a expansão das cidades medievais, houve uma “especialização intensiva dos ofícios, com uma organização minuciosa e de uma regulamentação coletiva, encarregada de controlar a qualidade das obras, assim como a formação profissional” (LIPOVETSKY, 1989). Assim deu-se início às Corporações de Ofícios, reunindo artesãos que fabricavam um mesmo tipo de produto. Durante esse período, distinguiram-se os trabalhadores entre “pessoas que podiam fazer parte de uma corporação reconhecida”, como carpinteiros, ferreiros, alfaiates e sapateiros; e os “que não tinham esse direito”, como jornaleiros, trabalhadores braçais e carrascos, por exemplo (DUBAR 2005).

Com o passar do tempo, essas corporações passaram a tabelar preços de mão de obra e de valor de venda de seus produtos, além de criar certo padrão de qualidade para a fabricação. Para combater a concorrência, proibiam que pessoas não associadas à determinada corporação tivessem autonomia para realizar a fabricação de um mesmo produto fora de suas exigências.

Além da organização produtiva, as Corporações tinham divisões de categorias de trabalhadores de acordo com a hierarquia de seu artesão:

- a) *Mestres*: eram os donos de oficina e com muita experiência no ramo em que atuavam.
- b) *Oficiais*: tinham uma boa experiência na área e recebiam salário pela função exercida.
- c) *Aprendizes*: eram jovens em começo de carreira que estavam na oficina para aprender o trabalho. Não recebiam salário, mas ganhavam, muitas vezes, uma espécie de ajuda.

Aprender um ofício não consistia apenas em adquirir uma habilidade para a vida adulta, mas também significava entrar em uma comunidade moral com obrigações profundas (DUBAR, 2005). Cada uma dessas corporações possuía seu próprio regimento e seus participantes deviam operar dentro dessas regras preestabelecidas.

Apesar de já existirem vários Ofícios regulamentados entre 1260 e 1270 (LIPOVETSKY, 1989), foi apenas em 1675 que a corporação das costureiras se constituiu:

Até o século XVII, o status da costureira é mais que modesto, faz consertos e ajustes para alfaiates e camiseiros. Somente em 1675, por ordem de Luís XIV, é que as mestras costureiras adquirem reconhecimento e parte de mercado por ser conveniente ao pudor das mulheres e moças que lhes seja permitido se vestir com pessoas do mesmo sexo (GRUMBACH, 2009, p.15)

Em meados do século XIX, era possível identificar uma separação entre os ofícios honrosos e desonrosos, sendo que os alfaiates e outros ofícios da indústria de vestuário facilmente poderiam ser observados esta diferença. Os mestres-artesãos em geral se dedicavam à fabricação de artigos de luxo e de alta qualidade, enquanto a parte desonrosa ficava para os artesãos, que se destinavam à confecção de peças prontas e baratas (ABREU, 1986). Na tentativa de assegurar seus direitos de uso e transmissão de suas atividades, os alfaiates passaram por períodos críticos de luta pelo status artesanal, sendo que aos poucos as partes “desonrosas” do ofício cresceram, dando espaço para as indústrias externas num regime de subcontratação em situações em que o artesão perdia completamente seu status.

2.1.1 Transformação do ofício pelo capital

Enquanto artesão, o trabalhador era o proprietário da mercadoria que produzia, uma vez que a ele mesmo pertencia a tarefa de comprar a matéria-prima, fabricar e vender seu produto final. Podemos dizer que, independentemente do ofício específico ao qual fazia parte, o artesão era o “dono” do resultado de seu trabalho.

Com o surgimento do capitalismo, um novo produto nasce à disposição dentro da lógica produtiva: o próprio trabalho. O artesão então podia vender o seu trabalho aos capitalistas interessados em comprá-lo. A natureza de seu trabalho não se altera, se está executando para si ou para outro, porém o resultado de seu trabalho agora não será de sua posse, e sim do capitalista que comprou a matéria-prima e o trabalho do artesão (MARX).¹⁵

Além de ser o proprietário da mercadoria produzida, o capitalista quer obter um novo valor com aquele produto, de modo que o resultado da fabricação seja maior do que os gastos que ele teve com a sua produção. Na busca por esse resultado, o capitalista descobre que é somente através do excesso quantitativo de trabalho, da duração prolongada do mesmo processo de trabalho, que ele conseguirá obter esse valor, a mais-valia¹⁶.

Nesse novo cenário, o artesão que vende seu trabalho para o capitalista passa a ser regido pelas regras do próprio capitalista e não mais à da corporação à qual era associado. Nesse novo regimento, em que ele é assalariado, deve aplicar de forma adequada os meios de produção (ferramentas, por exemplo) e não causar desperdício de matéria-prima (KUENZER, 2009)

Se antes os trabalhadores poderiam ser distintos devido às suas categorizações de mestres, oficiais e aprendizes, agora em uma lógica capitalista a habilidade individual deste trabalhador desaparecia, uma vez que para esse novo processo produtivo, ao capitalista, já bastava um trabalhador que possuísse um grau médio de habilidade, destreza e rapidez. A valorização do trabalho individual, que poderia ser um reconhecimento dado ao trabalhador, desaparece conforme o trabalho coletivo toma forma, a serviço do capital (KUENZER, 2009)

Esse novo trabalhador já não é o artesão que domina o processo produtivo em sua totalidade, mas faz parte de uma divisão do trabalho. Assim, as diferenças de qualificação dentro de determinadas funções começam a não existir, pois para um trabalhador normal importa apenas saber uma parte do processo ao qual venderá sua força de trabalho. O ganho para o capitalista é transformar o trabalhador numa mercadoria móvel, que ele encaixa conforme suas necessidades dentro do seu processo produtivo no momento em que compra sua força de trabalho.

¹⁵ MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1. Capítulo V – Processo de Trabalho e Processo de Valorização. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹⁶ Por mais-valia podemos entender o resultado gerado pela produção de uma mercadoria cujo valor é mais alto que a soma dos valores das mercadorias necessárias para produzi-la, os meios de produção e a força de trabalho. MARX, Karl. *O Capital*. Livro 1. Capítulo V – Processo de Trabalho e Processo de Valorização. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

2.1.2 A industrialização

Com início na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, a Revolução Industrial foi a mola propulsora do modelo capitalista e encerrou a era do feudalismo instaurando o domínio do capital mercantil. A sociedade se transformou pela substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e do modo de produção doméstico pelo sistema fabril num processo de constante desenvolvimento tecnológico.

A evolução da indústria têxtil foi uma das maiores marcas da Revolução Industrial. Embora existissem teares manuais que produziam tecidos artesanalmente desde o século XIV, a fabricação de tecidos se manteve até o fim do século XVIII, exercida em empresas familiares constituídas por fiandeiras e tecelões qualificados (PEZZOLO, 2013). Com um processo demorado e muito fragmentado, ela teve em poucos anos um absurdo aumento de produtividade com a invenção de novas máquinas e ferramentas como as de John Kay em 1733¹⁷ e Edmund Cartwright em 1785 com o seu tear mecânico.

Importante deixar clara a imensa diferença entre a indústria têxtil que emergiu na Inglaterra, que nesse caso basicamente era a indústria de tecelagem, encarregada de produzir os tecidos, e a indústria de confecção do vestuário, nessa época inexistente. A confecção de vestuário ainda acontecia em pequenas oficinas e tinha caráter muito artesanal, visto que não existia a máquina de costura.

A máquina de costura, ferramenta que revolucionou a industrialização de roupas, apareceu pela primeira vez em 1790, criada para elaboração de trabalhos de couro, seguida de outra criada para confecção de chapéus em 1814. Em 1830 na França, surge a primeira patente de máquina de costura, por um alfaiate que em 1841 teve a sua oficina destruída pelos funcionários (BRAGA, 2005). Os trabalhadores, revoltados com as novas máquinas da indústria, viam ameaçados seus postos de trabalho, com a criação desses primeiros inventos.

O trabalhador passa a ser uma peça dentro do processo produtivo, e a máquina passa a assumir o principal papel dentro da produção. Se antes eram reconhecidas e medidas as capacidades do trabalhador em executar determinada função, a partir da mecanização do processo produtivo é a máquina que assume o papel de “virtuosidade” que pertencia ao trabalhador-artesão (KUENZER, 2009).

A primeira máquina de costura considerada apta para uso foi atribuída ao norte-americano Elias Howe, patenteada em 1846. Porém foi Isaac Merrit Singer que, com sua

¹⁷John Kay inventou a lançadeira volante, que deixava livres as mãos do tecelão. PEZZOLO, Dinah B. **Tecidos: histórias, tramas, tipo e usos.** SP: Editora Senac São Paulo, 2013.

patente em 1851, ao apresentar seu invento em Paris, encantou todos e recebeu uma encomenda do governo francês, interessado em produzir uniformes para os soldados. Logo em seguida, surgem as primeiras confecções de roupas em série, que em sua maioria produziam uniformes e roupas de trabalho, destinados à população menos favorecida (BRAGA, 2005).

Acompanhadas da chegada da era industrial, surgiram também as primeiras dificuldades recorrentes: conflitos entre patrões e funcionários passaram a ser frequentes no fim do século XIX. Os interesses industriais e a empolgação com o aumento da produção fizeram com que as indústrias priorizassem os lucros, oferecendo salários muito baixos, riscos para a saúde e o emprego de crianças e mulheres com salários muito mais baixos que o dos homens. Desses primeiros conflitos surgiu o movimento do sindicalismo que, aos poucos, foi se configurando como uma grande defesa para a classe operária (PEZZOLO, 2013)

Com a mecanização e a divisão do trabalho, houve uma melhoria na capacidade produtiva. Na observação de Smith sobre a produção de alfinetes, indica que a divisão do trabalho gera em cada ofício um aumento proporcional das forças produtivas de trabalho (SMITH, 1988). Assim, o trabalhador mantido em uma mesma função limitada se especializa garantindo maior produtividade. Segundo o autor, portanto, três pontos poderiam ser destacados no crescimento da produtividade a partir da divisão do trabalho: aumento da destreza do trabalhador, economia de tempo e utilização das máquinas.

As inovações que nasceram com a industrialização crescente e os novos processos de produção instituíram um novo cenário produtivo que exige novas considerações. Na sequência das observações de Smith, James Mill sugere em 1826 os estudos de tempo para aumento da produção. Em 1832, Babbage sugere a divisão do trabalho para o barateamento do custo de produção. No século XX, Taylor aperfeiçoa alguns conceitos de Smith, como a especialização do trabalhador através da função limitada, e traz a heterogestão como fundamento básico da organização capitalista do trabalho. E assim, em definitivo, tirava do trabalhador a possibilidade de pensar, criar e controlar o seu trabalho; a gerência do trabalho passaria a ser científica, enquanto o trabalho seria técnico (KUENZER, 2009).

2.2 HISTÓRICO DO OFÍCIO NO BRASIL

A história da costura no Brasil nasce a partir da colonização. A princípio, a única produção existente na época colonial concentrava-se nos tecidos grossos de algodão feitos em

teares para uso e vestuário dos negros. Em sua única investida para fabricar tecidos mais refinados, o Brasil colônia teve refreada sua tentativa com um alvará de D. Maria I, que mandou destruir todos os teares do Brasil (JOFFILY, 1999). Não era possível que aqui, sendo uma colônia de Portugal, fossem confeccionados tecidos para uso geral, uma vez que era de interesse comercial que o Brasil importasse esses artigos de Portugal alimentando assim o mercado com o país colonizador. Morria, já em seu nascimento, a primeira iniciativa da Indústria Têxtil no Brasil.

Portugal nunca teve uma tradição própria na indústria têxtil nem de confecção de vestuário, tanto que desembarcando junto com a família imperial no Brasil em 1808, veio a moda francesa (JOFFILY, 1999). A França era referência por toda a Europa na difusão da moda e quem ditava as regras do vestir.

Na questão do trabalho no Brasil colonial, com a miscigenação entre brancos e negros, já era possível notar a diferenciação entre os escravos negros e os mulatos, que tinham alguns privilégios em relação aos primeiros. Segundo Alencastro (2000), no século XVIII, os mulatos ocupavam mais de 20% das funções mais qualificadas de supervisão, de artesanato e domésticas, sendo que os negros ficavam com os trabalhos mais pesados, em geral no campo. As mulatas eram as que podiam realizar as tarefas de bordado e de costura, trabalhando dentro das casas, enquanto as negras faziam o trabalho pesado e da rua (MALERONKA, 2007). A costura, mesmo que proveniente de mãos de escravas, era uma tarefa feminina.

Com a abolição da escravatura e o fim do Império, embora surgissem medidas de trabalho compulsório e descarte de ex-escravos pelos estrangeiros, o movimento maior seguia em direção da tentativa de educar esses recém-libertos para transformá-los na força de trabalho livre e qualificada, disposta à exploração capitalista, tendo interiorizado as disciplinas e as motivações necessárias ao trabalho fabril. A instrução primária era considerada uma qualificação importante para o operariado, e constavam no currículo do ensino de 1º grau matérias destinadas à formação de força de trabalho, como, por exemplo, “costura simples” (CUNHA, 2005).

Com poucas alternativas de subsistência, no início do século XIX, o ofício de costura era uma opção para as mulheres. As restrições a outros ofícios e a pobreza empurravam desde a infância as meninas à costura (MALERONKA, 2007), era uma alternativa para se ganhar algum dinheiro, já que as mulheres não tinham quase opções no mercado de trabalho e essa era uma tarefa feminina que fazia parte das obrigações da casa. As peças de vestuário da família eram praticamente feitas pelas mulheres da casa, pois roupas prontas eram

inacessíveis para compra. Era imprescindível então que a costura fosse ensinada para as meninas naquele contexto social.

No final do século XIX, modistas¹⁸ e alfaiates vão adquirindo renome enquanto a pobreza extrema ocasionava a falta de recursos para investir na compra de uma máquina de costura, o que levava as costureiras a se alistarem como proletárias nas fábricas de roupas da cidade. As primeiras fábricas que surgiram em São Paulo em 1870 fabricavam basicamente uniformes e roupas de uso cotidiano (MALERONKA, 2007). As costureiras tinham então duas opções neste ofício no Brasil:

- a) Trabalhar de forma autônoma, oferecendo seus serviços.
- b) Oferecer sua força corporal e habilidade, tornando-se trabalhadoras assalariadas (poderiam trabalhar em suas residências, mas os comerciantes lhes davam a matéria-prima e pagavam-lhes por peça).

Nessa época, as casas de prestígio,¹⁹ como eram chamadas as lojas de vestuário da época, vestiam as “*madames e mademoiselles*” ricas. As mulheres de classe média usavam as costureiras para copiar modelos de figurinos estrangeiros, réplicas fiéis dos lançamentos dos franceses (JOFFILY, 1999). Os tecidos eram todos importados, já que o Brasil não possuía uma indústria têxtil de grande produção.

A criação do Instituto Profissional Feminino em 1911, no bairro do Brás em São Paulo, demonstra a inclinação formativa da indústria para as mulheres. Esse Instituto visava preparar as filhas dos operários ali residentes para encaminhá-las às indústrias locais. Com a finalidade de definir as ocupações que fossem femininas, era interessante direcionar as mulheres para algumas profissões, sendo que as mais indicadas envolviam a confecção de artigos do vestuário (MALERONKA, 2007).

A costura oferecia àquelas que precisavam trabalhar a conciliação das tarefas domiciliares e a obtenção de alguns rendimentos, porém sempre enfatizando a precariedade de seu trabalho. Era sempre vendida como a alternativa viável para se obter algum sustento,

¹⁸ As modistas eram consideradas as versões femininas dos alfaiates na época. O termo apareceu no Brasil junto com a chegada dos primeiros imigrantes franceses que trouxeram algumas tradições da moda europeia em suas malas. As modistas eram conhecidas pelo bom gosto e estilo, além do conhecimento da confecção do vestuário. Logo caíram nas graças da sociedade urbana da época, o que lhes deu certo reconhecimento como profissionais que faziam as roupas de festa ou ocasiões importantes ao lado dos alfaiates. MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950)**, São Paulo, 2007.

¹⁹ As famosas casas de prestígio foram montadas pelos franceses em sua chegada ao Brasil. Os franceses já tinham vasta tradição na moda e exportavam suas técnicas e estilo para o mundo. JOFFILY, Ruth. **O Brasil tem estilo?** Rio de Janeiro, 1999.

como se fosse a tarefa básica primordial de qualquer mulher para a garantia de sua sobrevivência, visto sua deficiência no mercado de trabalho.

Em 1957, numa publicação do *Livro de Costura* da Singer, ainda era ressaltada a diferença de alfaiates e costureiras, mostrando que os primeiros manuseavam ferramentas específicas e que seu trabalho exigia uma enorme qualificação, visto que eram tarefas complexas (MALERONKA, 2007). Os alfaiates eram “mestres” na arte de costurar, materializando costuras perfeitas, enquanto as costureiras faziam peças básicas e sem tanta qualificação.

Em geral as costureiras trabalhavam em sua própria moradia, muitas vezes na sala sem espaço destinado de fato ao seu ofício. Enquanto isso, mesmo os alfaiates que trabalhavam em casa, dispunham de um cômodo com mobiliário condizente e muitas vezes com o seu progresso se estabeleciam em pontos comerciais. O trabalho das costureiras era associado a um trabalho doméstico e não profissionalizado, enquanto o dos alfaiates era visto como um ofício de extremo respeito.

No final do século XX, com a crescente evolução da industrialização, o mercado dos alfaiates começou a declinar. O modelo artesanal de fabricação de trajes deu lugar à confecção em ritmo acelerado em grande escala e com a instituição de preços cada vez mais acessíveis ao consumidor. O trabalho do alfaiate virou produto de luxo e os profissionais dessa área foram diminuindo. Porém não existe uma gangorra de valorização com este declínio: a costureira continuou sendo a mesma trabalhadora, sem prestígio ou reconhecimento social.

2.3 UMA QUESTÃO DE GÊNERO

O objeto desta pesquisa é a costureira, não o profissional da costura, nem o costureiro. Hoje, na confecção de vestuário, uma ocupação formada quase totalmente por mulheres já teve em outros tempos suas origens no mundo masculino.

Falando-se na confecção de vestuário, podem-se distinguir essencialmente duas categorias principais de profissionais na Idade Média: os alfaiates e as costureiras. Segundo Calanca (2008, p.122), a categoria dos alfaiates é constituída por homens os quais vestem os dois gêneros enquanto as mulheres desempenham funções mais simples, como remendar. Ambos estavam reunidos em uma mesma Corporação, formada pelo conjunto de ofícios que envolvia a confecção de roupas masculinas e femininas, reunidos através de uma definição do governo francês do século XVI.

Durante o século XVII, os alfaiates ainda gozam de notável celebridade e dirigem a confecção de um vestido do início ao fim, criando obstáculos para o trabalho das costureiras mediante denúncias, protestos e sequestros. O governoda França acaba por reconhecer a Corporação das Costureiras em 1675, inclinado por motivações morais e de razões político-econômicas. Primeiro por permitir assim que as moças pudessem prover seu sustento de formas lícitas e segundo para se beneficiar do pagamento proveniente pelo status dessa nova corporação (CALANCA, 2008).

Mesmo com o reconhecimento do seu ofício de costureira, somente em 1782 é concedido a elas o direito de rivalizar com os alfaiates. Até então, por mais que algumas costureiras tivessem atingido alguma notoriedade, sua autonomia e poder de atuação ainda eram restritos (GRUMBACH, 2009).

O próprio Ministério do Trabalho, através da CBO, possui nomenclaturas distintas para as ocupações de Alfaiate e Costureira, sendo que ambos possuem a mesma descrição, formação e condições do exercício.²⁰ É extremamente comum associarmos o trabalho do Alfaiate a certa exclusividade e atrelar a isso um valor superior do que à atividade da costureira. De certo modo, pensamos o trabalho do Alfaiate na dimensão do criar e construir roupas enquanto à costureira sobram os consertos e tarefas rápidas.

Na Idade Média, com o surgimento das oficinas e antes mesmo na instauração do capitalismo, o trabalho foi separado do lar, uma vez que o trabalhador que atuasse em uma oficina precisaria se deslocar. E assim, por consequência do deslocamento do trabalho, nasceu a disposição do homem para a saída do lar enquanto a mulher se ocupava com as tarefas ligadas a casa e ao cuidado da família. Já na era pós-revolução industrial, era possível verificar o trabalho feminino fora de casa quando a mulher era solteira ou viúva, ou em algumas exceções, quando o trabalho masculino não conseguia prover o sustento completo da família. O trabalho feminino era comum apenas em determinadas circunstâncias como, por exemplo, em algumas indústrias têxteis da Inglaterra do século XIX em que mulheres casadas trabalhavam.

Apesar de existir o trabalho feminino de certa forma nas fábricas, este não se equiparava ao trabalho masculino. As mulheres não trabalhavam junto com os homens e eram

²⁰ Segundo a descrição da família de profissionais polivalentes da confecção de roupas, a definição de suas atividades é a seguinte: “Projetam e modelam confecções de roupas sob encomenda; confeccionam peças-piloto; preparam peças e costuram roupas em tecidos, couros e peles; preparam produtos para armazenagem e expedição, incluindo atividades de passadoria, embalagem e controle de estoques; realizam manutenção produtiva. Atuam em todas as etapas da confecção de roupas sob medida, desde o desenho do modelo até sua expedição.” BRASIL. Ministério do Trabalho. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaHistoricoocupacoes.jsf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

simplesmente rejeitadas: a manutenção da moralidade e o medo da concorrência feminina por parte deles eram fatores que aumentavam esse distanciamento. O universo dos trabalhadores masculino, que já começava a engajar-se nas primeiras lutas operárias, via as trabalhadoras femininas como concorrentes diretas que poderiam desvalorizar suas ocupações, uma vez que possuíam salários muito baixos. Crescia na época uma indignação pública em relação aos trabalhos femininos e infantis que na verdade estava principalmente focada em preocupações morais. A extensa carga horária de trabalho não era novidade no mundo feminino, massim o fato de a mulher utilizar a máquina para se tornar tão produtiva quanto o homem e receber por esse trabalho (ABREU, 1986).

O trabalho feminino no final do século XIX era comum, mesmo sendo absurdamente discriminado. Alguns fatores, como a situação miserável da classe trabalhadora, já não sustentavam o fato de a mulher cuidar dos afazeres domésticos e da família exclusivamente, mas obrigavam-nas a buscar empregos de operárias. A convivência com suas famílias era limitada, já que em algumas oficinas e ateliês de costura as jornadas diárias eram de 15 a 18 horas (MALERONKA, 2007).

No início do século XX no Brasil, os alfaiates costuravam para os dois sexos e impediam a concorrência feminina. Mas, como havia muito serviço e pouca mão de obra disponível, acabavam contratando costureiras para alguns serviços. Eles confeccionavam roupas masculinas e trajes femininos enquanto as costureiras faziam vestidos e outras peças femininas e preparavam a roupa pessoal e de uso da casa (MALERONKA, 2007). A confecção do vestuário masculino era exclusivamente realizada por um alfaiate.

Um estudo na Indústria de Vestuário francesa do ano de 1957 mostra que as mulheres eram a força de trabalho que sustentava essas empresas enquanto os homens haviam se deslocado para os serviços de corte e modelagem que exigiam maior qualificação (MALERONKA, 2007). Abreu (1986) cita o mesmo movimento ao apresentar dados de Censos demográficos do Brasil das décadas de 1970 e 1980 chamando atenção para a crescente feminização da mão de obra empregada na fabricação de roupas, tanto no setor formal quanto no informal. Enquanto as mulheres se concentravam cada vez mais no manejo das máquinas de costura, os homens iam sendo deslocados para ocupações consideradas mais qualificadas, como as de modelistas e cortadores.

No Brasil, é possível, através da verificação de dados analisados por Saffioti (1981)²¹, citar alguns comportamentos do trabalho feminino na indústria de confecção comparado com o masculino. A autora cita, partindo do Censo de 1872, que as mulheres foram perdendo terreno no setor têxtil à medida que o artesanato dos tecidos foi se transformando em indústria, no caso das tecelagens. Porém, como a indústria de vestuário ou de confecção estavam menos sujeita à intervenção tecnológica, ainda em 1950 era possível verificar a predominância industrial no ramo têxtil enquanto o setor de confecção era caracterizado basicamente por oficinas menores e sem nenhum avanço. A mulher foi então perdendo terreno na indústria têxtil e se consolidando como trabalhadora da indústria de confecção.

Saffioti ainda ressalta que as ocupações normalmente femininas têm a tendência de não serem atuantes nas lutas sindicais e na busca por melhores condições de trabalho. Fatores como a ausência de formação política e a sua dupla jornada seriam fortes influenciadores, já que as mulheres não possuíam tempo livre para participar de atividades que não fossem as profissionais ou do lar.

Outra questão importante é a diferença entre os salários pagos para mulheres e homens na mesma função, decorrente da baixa qualificação das mulheres, que normalmente colocavam a atividade profissional em segundo plano. Além disso, as famílias que não possuíam condições de prover estudo a todos os filhos sempre priorizavam os filhos homens e assim em geral as mulheres eram menos escolarizadas.

2.4 SEPARAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO TÉCNICO E O CRIATIVO

Com a divisão do trabalho no início do capitalismo, surgiu a separação entre o conhecimento criativo e o conhecimento técnico. O artesão, que antes elaborava o processo do seu trabalho através de anos de experiência até dominar efetivamente seu ofício, se torna um trabalhador assalariado que acaba não se qualificando na produção completa, uma vez que precisa apenas executar uma parte do processo de produção (KUENZER, 2009).

No vestuário podemos dizer que essa separação foi determinante para a criação e distinção de alguns ofícios. Nos primórdios do surgimento dos ofícios, o artesão que dominava todo o seu processo produtivo era também quem tomava as decisões a respeito da fabricação do seu produto. No caso da costura, estaria em suas mãos definir como seria

²¹ Heleieth Saffioti analisa em sua obra vários dados de censos do Brasil do século XIX até o século XX. SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Do Artesanal ao Industrial: a Exploração da Mulher**. Um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

realizada a confecção de determinada peça do vestuário, mesmo que dentro daquele espaço de tempo não fossem tantas as possibilidades de inovação.

Lipovetsky nos mostra a dialética imposta pela divisão do trabalho no caso particular da confecção de vestuário:

Por um lado, a especialização extrema e o enquadramento corporativo refrearam o dinamismo dos ofícios, a iniciativa e a imaginação individuais. Por outro, permitiram múltiplas inovações na tecelagem, nas tinturas na execução, e foram a condição de uma produção de altíssima qualidade (LIPOVETSKY, 1989, p.47).

Mesmo fora da indústria, essa parte criativa da costura muito vinculada aos ofícios manuais também sofria com a imposição externa. Ainda as costureiras autônomas, que trabalhavam sob encomenda em suas próprias casas, tinham seu lado criativo castrado no momento em que eram em sua grande maioria executoras de pedidos de suas clientes, conforme mostra essa passagem:

O papel da costureira, operária em domicílio, consiste em confeccionar um vestido encomendado por uma cliente, tendo esta escolhido o tecido no armarinho. A originalidade da roupa é antes subordinada à escolha do tecido do que à forma em si (GRUMBACH, 2009, p.16).

Durante muito tempo, principalmente por consequência da Revolução Industrial, a costura foi tratada como uma tarefa basicamente de execução. Era um fazer de algo predeterminado, sem qualquer evolução criativa por parte do executor. Foi com o costureiro inglês Charles Frederick Worth que o ofício começava ter alguma relevância. Apelidado de pai da “alta-costura”, Worth trouxe inovações no corte das peças da época e divulgou suas criações com modelos vestidas para as clientes em sua loja. O segredo de seu sucesso era a criação, pois essa era a centralidade de seu trabalho: criar e não apenas executar (GRUMBACH, 2009). Com Worth, o costureiro, antes artesão desconhecido, se torna criador de vestuário e pode começar a assinar suas criações. Nasceram assim as etiquetas assinadas, usadas até hoje na indústria de vestuário para sinalizar quem é o fabricante de cada peça do vestuário.

A separação entre costura e confecção é em sua origem ainda muito sutil até o século XIX e, a partir de 1910, distinguem-se claramente. A primeira veste mulheres sob medida, ao passo que a segunda se dirige ao resto do público. A confecção, mais dinâmica, com maior oferta de opções e quantidade, assume o risco da estocagem ao produzir de antemão modelos sem possuir um pedido. Além disso, se aproveita da escala para possibilitar a compra de peças com preços mais acessíveis. Durante esse processo, ambas se moldam aos limites e exigências

de uma sociedade dividida de um modo irremediável em duas classes sociais bem distintas (GRUMBACH, 2009). Em 1942, um decreto na França separa as duas ao regulamentar “costura” e “costureira”, por um lado, e, por outro, “alta-costura” e “costureiro”. O domínio da moda passa das altezas para a oligarquia dos costureiros. Nas décadas de 70, esses profissionais passariam a ser chamados de estilistas, como são assim conhecidos até hoje.

Ainda sobre a separação da técnica e da criatividade, Marx e Engels²² já na época de seus escritos citavam que a divisão do trabalho acabava ocasionando “a concentração exclusiva do talento artístico em alguns indivíduos e, com isso, a sua permanente asfixia em meio às grandes massas”.

Nas oficinas de costura, durante o século XIX, era comum a admissão de meninas como aprendizes para que executassem os trabalhos de acabamentos à mão, que muitas vezes tomavam todo o seu tempo e não lhe rendiam mais ensinamentos. Alguns educandários que surgiam na cidade de São Paulo, ligados à educação e ao amparo de órfãs e meninas carentes, já instituíram o aprendizado de costura como parte de preparação das meninas para a vida adulta, a fim de conferir a elas algum possível sustento (MALERONKA, 2007).

As necessidades impostas pela crescente industrialização do país acabaram levando à criação de cursos para qualificação da mão de obra fabril. Em 1942, administrado pela Confederação Nacional da Indústria, surgiu então o Senai. Uma de suas opções de qualificação, a formação no curso de confecção de roupas, era principalmente destinada às jovens de 14 a 18 anos. Complementando a formação profissional, existia a proposta de orientar essas meninas ao bom desempenho das funções domésticas, adquirido através da redução de tempo de ensino de português, aritmética e desenho.²³

O ensino da costura foi modificado através da divisão das funções e das tarefas, cada vez mais fracionadas, abrindo novas possibilidades de controle de tempo e produção: interesse maior da indústria fabril. Hoje podemos destacar a continuidade do Senai como referência no ensino profissionalizante da costura, seguido do Senac²⁴ e de algumas pequenas iniciativas

²² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846); tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007, p.381.

²³ Cabe ressaltar nesta informação como, de certo modo, as qualificações profissionais já se moldavam para a separação das partes técnica e criativa mesmo em seus primórdios.

²⁴ Ambos pertencentes ao Sistema S, fomentados pelas federações de indústria e comércio do país, o que implica basicamente a qualificação voltada para os interesses dos empregadores. Conforme informação retirada de página da web do Senado: “Sistema S – Termo que define o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares. Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac).

privadas que ainda atuam na formação deste ofício. Para Sennett (2012, p.57), “é este o ponto crítico no problema da capacitação: a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente”.

Uma notícia publicada em 2012 no portal R7²⁵ e divulgada amplamente na internet em vários outros trouxe que a profissão de costureira era uma das 20 profissões que corriam o risco de ser extintas ou ao menos ter o número de trabalhadores drasticamente reduzidos até o ano de 2020. Os dados do U.S. Bureau of Labor Statistic sinalizavam se tratar de profissões que exigiam pouca qualificação profissional e indicavam que em dez anos poderia ocorrer uma redução de 25,8% do número de costureiras existentes.

A desvalorização do ofício, juntamente com a crescente oferta de cursos técnicos e de graduação acessíveis a uma parte da população que antes não conseguia chegar ao ensino superior, tornou essa profissão pouco almejada pelas jovens ingressantes no mercado de trabalho. Mesmo as classes mais baixas, que outrora encontravam na profissão uma alternativa de entrada no mercado de trabalho, hoje acabam preferindo qualificações em áreas administrativas.

Frente a essa decadente procura pelo ofício, no estado do RS, o SIVERGS,²⁶ em parceria com o Senai e com apoio de indústrias locais, realiza desde 2010 a capacitação gratuita de profissionais da costura para inseri-las nos postos de trabalho da região metropolitana. Tal estratégia se utiliza do oferecimento da qualificação profissional para pessoas que não possuem qualificações e em geral sofrem com a falta de oportunidades para sua colocação no mercado de trabalho.

Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescop); e Serviço Social de Transporte (Sest)”. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/sistema-s>. Acesso em: 02/06/2017.

²⁵Matéria publicada no portal de notícias R7, em 08 jul. 2002. **Confira as 20 profissões que desaparecerão em 2020**. Disponível em: <http://noticias.r7.com/economia/fotos/confira-as-vinte-profissoes-que-desaparecerao-em-2020-20120707-3.html#fotos>. Acesso em: 02 jun. 2017.

²⁶**Nascido em 1942 em Porto alegre, o Sindicato trabalha para qualificação, promoção e fortalecimento das indústrias do vestuário atuando em âmbito estadual**. Disponível em: <http://www.sivergs.org.br/historico>. Acesso em: 02 jun. 2017

3 A COSTURA POR DENTRO DA MODA E DA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO

Seria impossível falarmos do ofício da costureira sem adentrarmos à complexa trama que envolve estes três fatores: o capitalismo, o consumo e a moda. Eles estão irremediavelmente vinculados e, embora proponha analisá-los em separado neste capítulo, a ligação que se criou entre eles é o que nos conduz às práticas atuais de consumir roupa e permeia a produção de peças de vestuário, conseqüentemente moldando as posições em que a costureira pode atuar.

3.1 A MODA E O CONSUMO PELA ÓTICA CAPITALISTA

O item mais valioso que uma pessoa das classes baixas esperaria herdar podia perfeitamente ser uma peça de vestuário. Em geral, as pessoas não possuíam mais que um conjunto de roupas (SVENDENSEN, 2010, p. 41).

Até a mudança do trabalhador para a cidade, o camponês adquire suas roupas de trabalho trocando por mercadorias que ele mesmo produzia em sua fazenda. Essa era a base da economia da sociedade feudal, que se resumia praticamente a um sistema de trocas. Com o avanço do mercantilismo e com a mudança das pessoas para a cidade, o trabalhador é obrigado a “lidar” com os custos do vestir que são mais elevados. Nessa fase, com a lenta evolução da vida operária, podemos evidenciar, conforme aponta Grumbach (2009, p.179), que o vestuário confeccionado é “de uma grande pobreza de invenção e de fabricação medíocre, com tecidos grosseiros e pouco atraentes”.

Embora o trabalhador fosse uma das fontes de existência do capital através de sua força assalariada, era ele mesmo a maior vítima do novo sistema mercantil que se instalava. A classe operária vivia da desapropriação de seus pertences para subsidiar as compras de posses da burguesia que crescia. A pequena quantidade de itens que os trabalhadores conseguiam adquirir em suas vidas constantemente fazia visitas às casas de penhores da época, sendo que itens do vestuário e artigos domésticos eram os objetos mais comuns de penhora. Em geral, as mulheres se incumbiam da tarefa de visita a essas lojas e penhora de objetos, fato que é evidenciado pelo maior volume de penhora de peças de vestuário femininas e artigos de casa (STALLYBRASS, 2008).

Os operários utilizavam as lojas de penhores semanalmente, como uma negociação cotidiana para sua sobrevivência no mundo capitalista. Em alguns casos, os trabalhadores penhoravam suas ferramentas de trabalho no final de semana para resgatá-las na segunda-feira

e poder trabalhar; deixavam em seu lugar as melhores peças de roupa. Quando chegava o sábado, novamente penhoravam suas ferramentas em troca das roupas, que eram as únicas que possuíam para as atividades da cidade em seu tempo ocioso.

Durante o crescimento da classe operária, Engels²⁷, dentre muitas outras situações, escreve que a roupa dos homens da classe operária está, na maioria dos casos, em péssima condição e até mesmo quando estão em melhores condições, são pouco apropriadas ao clima, como podemos ver na passagem abaixo:

As roupas da esmagadora maioria dos operários estão em péssimas condições, os tecidos empregados em sua confecção são os menos apropriados e o linho e a lã quase desapareceram do vestuário de homens e de mulheres, substituídos pelo algodão; as camisas são de algodão branco ou colorido e as roupas femininas são de chita estampada; nos varais, raramente se veem secar roupas interiores de lã (ENGELS, 2008, p.109).

Além disso, o autor relata nas páginas seguintes que quando o operário consegue comprar alguma peça para uso dominical, que lhe seria a peça mais requintada, o mesmo acaba recorrendo às lojas mais baratas que oferecem artigos com tecidos de péssima qualidade e que em uma quinzena de dias já se encontra esgarçado. Ainda assim, é um hábito comum dos trabalhadores levarem as melhores peças de uso próprio à casa de penhores (ENGELS, 2008, p. 110).

As peças de vestuário já ditavam certas regras dentro da sociedade, elas podiam definir, por exemplo, em quais lugares o cidadão poderia entrar. O próprio Marx vive um confronto durante a pesquisa para escrever *O Capital*, pois em certa ocasião, vendo-se obrigado a penhorar seu casaco de inverno, dado às extremas dificuldades que passava, não podia entrar no Museu Britânico, já que qualquer homem não poderia adentrar no recinto, a não ser que portasse um casaco. Se ele não conseguia realizar pesquisas para escrever, não obtinha dinheiro com seus escritos e assim, sem dinheiro, também não conseguia retirar seu casaco da casa de penhores. Como cita Stallybrass (2010, p.48): “as roupas que Marx vestia determinavam assim o que ele escrevia”.

Durante todo o capítulo homônimo do livro de Peter Stallybrass, *O casaco de Marx*²⁸, ele cita as contínuas idas e vindas de Jenny Marx à loja de penhores e das dificuldades da família, que usualmente eram relatadas por Marx em algumas cartas, que chegavam a impedir a saída de Jenny para rua por não ter “roupas apropriadas” em certas situações. Marx sabia que suas próprias roupas tinham um valor de troca nesse mercado, e ele e sua família

²⁷ ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. [Edição revista]. São Paulo: Boitempo, 2008.

²⁸ SATLLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Belo Horizonte, 2008.

conheciam muito bem qual era este valor, uma vez que suas visitas à loja de penhores eram rotina.

A questão da produção de algo está diretamente ligada ao seu consumo, já que, em outras palavras e segundo Marx (2008, p.247), “um vestido converte-se verdadeiramente em vestido quando é usado”. Produzir um artigo é imediatamente consumir: subjetivamente e objetivamente. Nesse ato o indivíduo desenvolve suas capacidades e as consome, ao mesmo tempo em que consome os meios de produção utilizados (MARX, 2008, p. 246). O papel básico do cidadão era produzir, neste início da era moderna; vivia-se em uma sociedade de produção. Na sociedade pós-moderna, os homens são vistos como consumidores e não mais como produtores. O que não significa que antes as pessoas eram produtoras e agora são apenas consumidoras, e sim uma nova definição do papel principal do homem nesses dois modelos sociais (SVENDENSEN, 2010).

Para Lipovetsky (2007), é possível separar em três as fases do capitalismo de consumo:

- *O ciclo I:* iniciado na década de 80 do século XIX e finalizado com a Segunda Guerra Mundial. Iniciada pela industrialização, as invenções de máquinas, e expansão da produção em grande escala pela organização das fábricas²⁹. Carrega com ela uma democratização de acesso aos bens tornando-os acessíveis e faz com que as empresas passem a apresentar nome em seus produtos: a marca. Seguem-se a essas mudanças a invenção dos grandes comércios ou armazéns.
- *O ciclo II:* surge por volta de 1950 e perdura por três décadas. Sinalizada como a “sociedade de consumo de massa”, esta fase democratizou a compra dos bens duráveis como os automóveis, televisores e aparelhos eletrodomésticos. As massas ascendem a um modo de vida até então exclusivo das elites. Trata-se de fabricar produtos padrões em grandes quantidades com uma obsolescência programada, e criar desejos onde toda vida cotidiana remete a um ideal de felicidade alcançada pelo consumo. O ato compulsivo de comprar surge neste ciclo.
- *O ciclo III:* Lipovetsky define este ciclo como a era do hiperconsumo, que seria nosso atual tempo; onde o consumo constrói-se mais em função de finalidades, gostos e critérios individuais. Surgem novos princípios de organização do sistema capitalista através da segmentação de mercados, diferenciação extrema dos produtos e serviços,

²⁹ Segundo os princípios de organização científica do trabalho, como, por exemplo, as linhas de montagem dos automóveis, que através de um novo processo proporcionou rapidez na produção e diminuição de custos. LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal:** ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo, São Paulo, 2007

políticas de qualidade, aceleração de lançamentos, entre outros. Uma fase caracterizada pelo consumo como experiência, onde o consumidor se consola das frustrações cotidianas com compensações de compra.

Era preciso criar uma nova necessidade no consumidor, já que os mercados domésticos de bens duráveis sofriam uma saturação. Se o capitalismo se configurava como um sistema baseado na mudança de métodos de produção, precisava reinventar-se para instigar novos desejos. Nasceram assim a variedade e a individualização do consumo.

Nesta terceira fase, caracterizada pelo homem consumidor dotado de critérios individuais, podemos dizer que a inovação é quem dita as regras. No setor de vestuário, esse foi o principal fator de oferta ao mercado consumidor. Cada vez mais ágeis, as indústrias oferecem peças novas a um ritmo constante de lançamentos, chegando a recebimentos semanais de novos artigos ofertados por grandes magazines de moda pelo mundo todo.

A qualidade dos produtos, que em outras épocas era um diferencial de classes, como no caso do vestuário das classes operárias que muitas vezes era de fabricação e qualidade inferior, mas continha elementos estéticos idênticos à burguesia³⁰, no ciclo do hiperconsumo é praticamente equivalente entre os objetos considerados baratos e seus semelhantes de maior valor. Os produtos não são rejeitados pela sua qualidade, mas, sim, em detrimento do aparecimento de novos produtos, que substituem estética ou tecnologicamente os primeiros.

Conforme Bruno (2016), o mundo da produção mudou muito no século XXI com a ascensão da China e de outros países asiáticos que iniciaram uma corrida aparentemente sem limites por preços e custos baixos transformando-se na fábrica do mundo. Na moda principalmente o surgimento do *fast fashion*,³¹ associado à globalização, modificou completamente os mercados de consumo baseados na constante novidade. Calanca (2008, p.107) sinaliza que as mudanças de relação entre consumo e produção são um dos fatores que demonstra profunda ligação que se estabelece entre o mundo e a pessoa. Assim, as demandas de consumo poderiam ser o modo como o ser humano comunica as transformações de uma determinada época.

Nesse contexto, a moda pode ser integrada perfeitamente dentro da nova lógica do consumo, uma vez que conforme explica Miranda (2008, p. 70): “qualquer que seja o segmento de produto ou serviço que se tenha em mente, o fenômeno da moda visa à

³⁰ STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx: roupas, memória, dor; Belo Horizonte, 2008.

³¹ Em livre tradução, pode ser entendido como “moda rápida” e segundo BRUNO (2017, p.42): “foi criado pelos varejistas europeus que educaram os consumidores em uma nova lógica de desejo motivada pelos preços baixos e agilidade da disponibilidade de um produto novo”.

introdução de novos produtos e à difusão de inovação, que é o que o indivíduo percebe como novo”. A moda é definida de várias formas, mas podemos entendê-la pelas palavras de Lipovetsky como:

...um sistema original de regulação e pressão sociais: suas mudanças apresentam um caráter constrangedor, são acompanhadas do “dever”, de adoção e assimilação, impõem-se mais ou menos obrigatoriamente a um meio social determinado (LIPOVETSKY, 1989, p. 39-40).

O desenvolvimento da moda pode ser visto como um resultado da tentativa de combatê-la. Com o surgimento e crescimento da classe burguesa na Europa e a constante tentativa desta em imitar os hábitos e vestir da nobreza na Idade Média, os nobres veem necessária a “criação” de novidades para que sejam distinguidos de acordo com seus hábitos de consumo. No cenário das classes dominantes teria se originado a dinâmica da moda, construída por esta concorrência (LIPOVETSKY, 1989). Nessa fase, surgem as regulações, que delimitavam o uso de certos trajes e objetos a classes distintas. Essas regulações serviam para reforçar o papel das roupas como um marcador importante, criando critérios para o status social ligados à vários objetos (SVENDSEN, 2010). Como cita Bourdieu (2008, p.119), “no campo da moda, como em todos outros campos, são os recém-chegados que [...] fazem o jogo”.

Para a moda, assim como para todo o resto, as ideias dominantes de um tempo foram sempre apenas as ideias da classe dominante³², já que por motivos óbvios o acesso sempre foi reservado às classes superiores. As demais classes eram excluídas principalmente por razões econômicas.

A classe trabalhadora só foi atraída para o domínio da moda no século XIX quando a produção em massa (com o surgimento das primeiras invenções) abriu a possibilidade para as classes mais baixas terem acesso a itens de vestuário (SVENDSEN, 2010). Logo os trabalhadores, atendidos pelas lojas de departamentos que ampliaram o campo das roupas funcionais para trabalho, conseguem ter opções de vestuário mais próximas da moda, com preços menores do que eram oferecidos pelas costureiras de bairro da época (GRUMBACH, 2009).

De acordo com Miranda (2008, p.71), a moda passa por três estágios. O primeiro, de introdução, em que alguns indivíduos têm interesse em algo novo para parecerem diferentes.

³²MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001.

O segundo, de aceitação, em que outros indivíduos têm interesse em imitar os primeiros, tornando a moda popular. E, por fim, um terceiro que seria de regressão, em que os consumidores partem em busca de outras modas.

O vestuário é o nicho perfeito para se entender o sistema de moda segundo Lipovetsky (1989, p. 24), pois é onde acontecem as maiores relações de consumo. A lógica da moda é quem diz o que o consumidor vai comprar, como sinaliza Miranda:

O verbo ditar no sentido de definir, determinar, especificar. Ou seja, a moda manda e quem não é bobo obedece. É apresentado como um processo de diferenciação, que massifica e faz pertencer ao grupo dos que “não podem” e dos que “estão podendo”. Usar o que os outros estão usando, os famosos e os lançamentos de coleção ditam a moda atual e a última moda. Excluir e incluir são os superpoderes da moda, em afirmações como “usar o que todo mundo está usando” reside a preocupação da conformidade e o que todo mundo está usando já foi definido pelo sistema da moda (MIRANDA, 2008, p.80-81).

Nesse cenário de uma lógica sustentada pelo consumo e pela moda, o vestuário acaba refletindo os impactos de uma sociedade ávida por novidades. A costureira tem o resultado final do seu trabalho tratado como descartável, tal a imensidão das ofertas que o mercado disponibiliza aos clientes. A exclusividade do trabalho artesanal e criativo da costura é reservada a uma fatia muito pequena da população que consegue consumir uma moda pensada por designers, mas executada por costureiras que conseguem ter uma pequena valorização do seu trabalho por atuarem em posições ligadas ao vestuário de luxo. Enquanto isso, a grande massa consumidora opta por comprar suas peças de vestuário em grandes magazines, que tratam a roupa como um item descartável com uma vida útil de poucos meses. Nestes casos, a costureira que está por trás de toda execução e montagem da peça de vestuário normalmente se encontra em posições mal remuneradas e desvalorizadas, sendo que seu trabalho nunca está atrelado ao produto final, pois o consumidor ignora a existência de seu empenho tal é o distanciamento e desconhecimento de sua atividade e o desapego em relação ao vestuário que consome.

3.2 CONFECÇÃO DO VESTUÁRIO: UM PANORAMA ATUAL

Abreu (1986) cita algumas características gerais da indústria da confecção em países industrializados, mas que ainda hoje podem ser utilizados para ilustrar um panorama da indústria. Primeiro, a divergência entre o avanço tecnológico em contrapartida ao trabalho da costureira que ainda se baseia na relação costureira/máquina. Mesmo passados mais de 30

anos da publicação de seu livro, esse fato é notório em qualquer uma das posições de atuação da costureira visto que até hoje, a costura ainda é feita de maneira bem artesanal e em geral em maquinários que não possuem grandes avanços tecnológicos. Salvo algumas exceções principalmente no ambiente fabril, que aos poucos vai se adequando ao novo cenário e inserindo máquinas de costura com alguns processos automatizados, a maioria das entrevistadas mostra o padrão do setor como um todo: desconhecimento de novas ferramentas, maquinário com muitos anos de uso em geral máquinas que já foram compradas usadas e tecnologias inacessíveis tanto na questão financeira quanto na disseminação de sua existência. Em segundo lugar, a influência que o produto fabricado tem na heterogeneidade de estruturas industriais, sendo que o tamanho da estrutura empresarial está relacionado com o grau de padronização de seus produtos. Podemos falar, dessa forma, que, quanto mais “customizado” ou “personalizado” for o produto, menor será a escala de produção e o núcleo responsável pela sua confecção. O terceiro ponto está ligado à facilidade de separação das etapas de produção do vestuário como um todo, que pode ser desmembrado em inúmeras partes, apartando principalmente as tarefas de criação e desenvolvimento do produto da costura.

A última característica fundamental desta indústria está ligada a comercialização dos produtos, principalmente pela influência da moda. O marketing é essencial para (desaguar) as produções. Nesse modelo de negócio, a força de uma trabalhadora única se torna em vão, uma vez que vai competir com o peso de grandes empresas com campanhas publicitárias de alta abrangência. Sendo assim, a costureira dificilmente consegue competir de forma igualitária no mercado de moda, já que as empresas maiores possuem um potencial de divulgação muito maior, o que acarreta na limitação da maioria das costureiras a atividades executoras da mera montagem das peças, não possibilitando criar e vender seus produtos, ainda que não lhe falte habilidades para realizar o processo completo.

Ainda conforme Abreu (1986, p.151), pode-se dividir a confecção de uma peça de roupa em quatro etapas: a idealização, a preparação (modelagem e corte), a montagem e o acabamento.

A idealização normalmente está retida nas mãos dos proprietários das empresas pequenas ou nas dos designers de moda (ou estilistas), em questão definidas novas coleções, tecidos e características dos modelos. Esta parte pode ser a mais valorizada dentro da cadeia de moda pelos consumidores, pois está diretamente ligada à imagem do produto final que chega até o cliente. Os consumidores conseguem identificar os atributos e as qualidades de cada marca de acordo com as características visuais da peça e assim criar relações de

valorização e fidelidade com a marca. A segunda etapa, imprescindível para a qualidade final do produto, fica dividida entre modelagem e corte e, na maioria das vezes, é feita na própria empresa por profissionais especializados e qualificados. Essas duas funções são amplamente valorizadas principalmente na posição fabril sendo que os profissionais que trabalham nessa área, apesar de não serem diretamente reconhecidos pelos consumidores, são notoriamente valorizados dentro do mercado de confecção do vestuário. A terceira parte, quando entra a costura propriamente dita, é a realizada pela costureira e normalmente gerenciada por uma supervisora do setor. Na fábrica, as peças são feitas através da montagem parcial em que cada costureira realiza uma etapa do processo de costura. Nas fábricas externas normalmente uma única costureira faz a montagem total das peças, sendo que observa um processo de montagem por etapas para que consiga cumprir um ritmo mais produtivo. O consumidor, apesar de saber que uma peça precisa ser costurada e ter conhecimento da atividade da costureira, dificilmente associa um produto pronto resultante de uma indústria ao trabalho de uma costureira. A quarta parte, do acabamento, composta pela finalização da peça com a colocação de alguns aviamentos, revisão e passadoria é executada por diversos profissionais que em geral têm o mesmo status da costureira dentro da fábrica. O consumidor normalmente desconhece a existência dessas funções, pois estão ligadas exclusivamente à produção de vestuário fabril.

Impactada principalmente pela globalização e internacionalização de grandes varejistas de moda, a indústria de confecção do vestuário hoje está basicamente fragmentada em pequenas e médias empresas. É habitual em todos os tamanhos estruturais da indústria, a utilização de outras empresas terceirizadas como extensão da capacidade produtiva da empresa principal. Assim é comum que a indústria se utilize de várias costureiras externas para aumentar seu potencial produtivo, já que normalmente esta é a etapa de maior tempo de produção que pode ser aumentada ou diminuída conforme a demanda.

3.2.1 Dados no Brasil

O Brasil é enquadrado pela ABIT (2016) no perfil de país “produtor-consumidor”, sendo que produz para si mesmo, já que apenas uma pequena parcela de sua produção destina-se à exportação. A cadeia têxtil completa³³ produziu em 2015 5,8% do valor total da

³³A cadeia têxtil completa comporta as indústrias de fibras e filamentos, as indústrias de têxteis básicos e as indústrias de artigos confeccionados. ABIT, *Brasil Têxtil 2016: Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira*, São Paulo, 2016,

indústria brasileira de transformação³⁴, e os empregos gerados por essa cadeia foram equivalentes a 17,8% do total de trabalhadores na produção industrial.

Dentro do segmento de Indústria de confecção de Vestuário, o estudo aponta que mais de 29 mil unidades industriais mantêm 1,3 milhão de empregos. A média de trabalhadores por unidade industrial fica em torno de 43 empregados, e cada uma dessas unidades produz 58,3 toneladas de artigos por ano. Na região sul, as indústrias de confecção contabilizam em torno de 307 mil trabalhadores ocupados (ABIT, 2016).

Os estados do Sul concentram cerca de 30% da indústria têxtil e de confecção do Brasil, perdendo apenas para a região Sudeste. O estado do Rio Grande do Sul domina 4,9% da produção brasileira, ficando em 8º lugar geral.

Em outro estudo publicado, a ABIT (2013) explica a situação do cenário da indústria têxtil brasileira da época frente às inúmeras importações de vestuário e a crise econômica, sugerindo um plano de ação conjunto ao governo com redução de custos tributários para o favorecimento da Indústria Brasileira. Neste estudo, são sinalizadas as alternativas de opção do empresariado ao Simples³⁵ e a constante busca das pequenas empresas do setor ao modelo de terceirização de confecção que acabava ocasionando a inconsistência da qualidade da produção.

Essa escolha das empresas de confecção pela terceirização da parte produtiva, neste caso a costura, está vinculada à redução de custos de produção dos artigos, uma vez que terceirizando os processos, reduzem os custos com a mão de obra.

Pode-se dizer que a oferta de mão de obra para a indústria têxtil e de confecção é boa, e seu custo tem uma posição bastante competitiva relacionado com países desenvolvidos³⁶. Porém, em função dos encargos que afetam as indústrias, esse custo ainda é mais alto do que em países como a China, que são grandes exportadores. Vale destacar que o custo competitivo de mão de obra não é o que leva estes países a uma posição melhor como grandes fabricantes, e sim a produtividade que seu trabalhador atinge no processo produtivo e que torna seus produtos mais baratos. No caso da China, o destaque obtido pela habilidade produtiva é resultante principalmente de treinamento (CETIQT, 2007).

Quanto menor a qualificação, menor é o rendimento do trabalhador e assim torna-se recorrente para a empresa a necessidade de compra de mais mão de obra ou horas extras,

³⁴ A indústria de transformação compreende as indústrias que transformam matéria-prima em um produto final ou intermediário para outra indústria de transformação.

³⁵ O sistema simplificado de recolhimentos de tributos do governo acaba sendo uma alternativa para empresas pequenas para se manter no mercado.

³⁶ Cabe aqui a crítica de que esta na verdade é uma visão bem superficial do ponto de vista do empresariado, que com certeza não leva em conta o lado do trabalhador e as condições e dificuldades do mesmo no Brasil.

causando um aumento de custos (CETIQT, 2007). Se a produtividade do trabalhador depende de treinamento, a falta de uma política de qualificação pode afetar seriamente uma cadeia produtiva.

Um fato comum no mercado de produção de vestuário é a responsabilização das próprias empresas terceirizadas pela qualidade de seus serviços, isentando as empresas contratantes de um treinamento adequado para os fornecedores de costura. Tal fato é observado na combinação estabelecida entre as empresas contratantes e as terceirizadas que sempre é definido pela empresa contratante e possui uma série de exigências para a validação de um novo fornecedor, se isentando ao máximo de possíveis responsabilidades e contrapartidas da empresa contratante.

A terceirizada deve se enquadrar ao regime legal exigido pela contratante, se adequar aos prazos e processos da empresa e se responsabilizar pela qualidade de seus serviços que devem obedecer aos padrões definidos pela contratante. A qualidade é um fator de validação do serviço da terceirizada, mas em nenhum momento é disponibilizado um treinamento adequado para que compreenda e consiga se adequar ao padrão. O que acontece na maioria dos casos é que a não conformidade de qualidade resulte numa represália para a empresa terceirizada, diminuindo a oferta de novos serviços ou diminuindo o valor do pagamento de determinado serviço de acordo com o defeito verificado na entrega do lote produzido.

4 SOBRE SER COSTUREIRA

Muitos relatos similares foram ouvidos durante as entrevistas para este projeto. Embora as costureiras não necessariamente ocupassem as mesmas posições de trabalho, algumas características uniam suas falas. Suas identidades, por mais particulares que fossem, ainda assim traziam marcas semelhantes que podem ser traduzidas através de suas falas.

Essas mulheres, trabalhadoras da costura, iniciaram nessa profissão principalmente motivadas por duas forças extremamente desiguais: **a necessidade de trabalhar ou o interesse em costurar**. No primeiro caso, se encaixam quatro das entrevistadas, e duas relatam que, após a finalização dos estudos, foram para o mercado de trabalho sem muita opção de escolha, motivadas unicamente pela necessidade de trabalhar.

Frigotto (2002) difere em duas dimensões distintas o trabalho humano, sendo que uma delas aparece se relacionando ao mundo da necessidade, subordinada às necessidades orgânicas do homem, considerado como ser histórico natural, que necessita garantir sua existência biológica e social; a outra, relacionada com o mundo da liberdade, constituindo-se, aí, num princípio educativo, no qual o homem usufrui do trabalho mais especificamente humano. Desta última dimensão faria parte um trabalho criativo e livre (FRIGOTTO, 2002).

A questão de opção realmente é uma marca forte tanto para as que foram inseridas na costura sem escolha, como para outras que sempre se interessaram por este ofício, mas que por conta da necessidade de trabalhar desde cedo precisam se colocar em outras profissões para só mais tarde se inserir na costura³⁷.

Eu queria estudar para ser outra coisa qualquer, outra coisa... Eu não queria ser costureira. [...] é falta de opção e eu fui indo, sabe? (Graça).

Trabalhei em construção civil [...]na verdade eu queria costura, mas não tinha, então eu fui no que tinha... e também por necessidade, né. O fato de tu ter um curso...como eles diziam: Depois que tu tiver um curso, tu ganha um certificado e daí tem oportunidade em uma empresa para trabalhar (Elaine).

Eu só aceitei a condição de ser costureira quando eu tinha 20 anos, porque antes eu tinha aquela profissão para ganhar um dinheiro...porque costureira não fica sem serviço nunca (Ana).

As demais entrevistadas já possuíam outras profissões e ao longo de sua trajetória profissional foram migrando para a costura. O ponto que as levou a esse movimento foi o interesse pela costura. Uma delas sempre trabalhou em outras funções, porém mantendo contato com a costura como um hobby em algumas etapas de sua vida. Outra entrevistada

³⁷ Ressalta-se que foi mantida a forma coloquial da Língua Portuguesa na transcrição das entrevistas.

relatou que a vida acabou lhe empurrando para outros caminhos e só depois de adulta e já estabelecida em outra profissão conseguiu se organizar para iniciar na área.

Duas das entrevistadas, as que atualmente trabalham em seu atelier próprio, mudaram completamente de profissão de modo desprezioso. Ambas não tinham interesse em trabalhar com isso. Uma delas era cabeleireira e queria fazer roupas para ela mesma. Acabou por curiosidade sendo levada a finalizar um curso de costura. A outra iniciou trabalho de recepcionista em um atelier de moda festa e descobriu aos poucos o interesse pela costura.

Eu entrei não sabendo pregar um botão, nada, nada... Não tinha nem ideia de como é. Aí fui me interessando, achando bonito tudo, né ... muito glamouroso tudo. Aí nas horas dos intervalos eu ia na costura, e prestava muita atenção no que elas faziam e comecei a me interessar (Cristina).

Minha professora perguntou se eu queria trabalhar com costura e eu disse que não. Eu não tinha interesse mesmo, não tinha por quê. E eu achei que pudesse ser alguma coisa da indústria porque lá eles direcionavam os alunos direto para as indústrias dali. [...]. Eu pensei: Tá, vou fazer uma experiência! De repente eu pego uma experiência em alguma coisa. Vou ver como é que funciona, né? (Denise).

Na maioria dos relatos, é possível identificar a costura como um ofício ou hobby conhecido pelas entrevistadas desde sua infância, que fazia parte do cotidiano. Relatam que foi através de uma pessoa da família, em geral mãe ou tia, que tiveram seu primeiro contato com o ofício. As habilidades manuais e a proximidade com outros afazeres artesanais, como o tricô, crochê e bordado, também são citadas para validar o interesse pela costura, já que, para essas pessoas, fazia parte do mesmo universo.

Desde criança eu sou artesã: tricô crochê bordado tudo eu sempre faço desde os cinco anos. Então eu tinha habilidade manual (Denise).

Eu cresci vendo ela costurar e a minha tia também [...] e eu me criei então assim nesse meio (Fátima).

Desde pequena eu amava costura (Elaine).

Em seu estudo, Abreu (1986) identifica claramente duas premissas de orientação para o início da carreira da costureira. Uma está ligada sempre ao trabalho fabril, em que a costureira assume essa profissão pela necessidade de serviço. O trabalho é o que define essa situação profissional. A segunda premissa, orientada pela vocação ou, como algumas citam, “dom”, é proveniente em sua maioria de um aprendizado doméstico, em que existe uma proximidade de outros membros da família com os afazeres da costura.

4.1 INDENTIFICAR-SE

Vários atributos são destacados pelas entrevistadas, que associam a costura a uma jornada de muitas dificuldades. Desde o crescimento na trajetória profissional até as questões ligadas ao saber da costura, essas profissionais atravessam diversos dilemas que contribui para formarmos um grupo de valores, o qual as caracteriza enquanto profissionais.

A expressão **força de vontade** é uma marca forte em seus discursos: para elas é imprescindível para continuar na profissão, já que motivos para o abandono na área não faltariam. O mesmo é verificado em Abreu (1986, p.246) em uma situação em que a costureira cita que sempre teve muita “força de vontade” para seguir aprendendo. Quando falam disso, sinalizam os grandes sacrifícios que precisam ser feitos e os problemas que assumem. Salários baixos, falta de oportunidade, desvalorização e complexidade do trabalho são os pontos mais citados quando se referem às desmotivações. Essas questões são colocadas na balança quando se questionam sobre ser uma profissão que **valha a pena**, outra expressão que aparece com bastante ênfase em algumas entrevistas.

Para a pessoa seguir tem que ser curiosa... ter muita força de vontade, para se tornar uma profissional da costura (Ana).

Por isso que eu quis muito, porque motivo para desistir eu tinha de montão né... (Denise).

Nos relatos das entrevistadas, é possível perceber rapidamente que o sentimento de se empenhar homericamente³⁸ com a costura é o que garante o sucesso da continuidade das profissionais nessa carreira. Esse valor, associado ao interesse pela profissão, seria o pilar da permanência no ofício. Em contrapartida, a questão financeira é a maior implicação para desistência da profissão, já que no geral têm certeza de que a remuneração não alcança nem de longe o envolvimento e a entrega que têm com as tarefas.

Só se for por gostar mesmo da profissão... Mas não para ganhar dinheiro [...] não por profissão para ganhar dinheiro. Não! Não recomendaria... (Heloisa).

Já tive vontade de fazer um curso de administração, migrar para outra área porque eu acho que costureira não compensa. [...] ninguém gosta de fazer de graça... ninguém vai fazer uma carreira sem ganhar nada, se dizer que vai fazer tá

³⁸ Esta expressão é comumente usada como referência a algum fato heroico, grandioso, épico; é resultado dos escritos de Homero que citava fatos heroicos em suas duas obras famosas *A Ilíada* e *A Odisseia*. Curiosamente, em *A Odisseia* Homero conta a história de Ulisses e Penélope que, pressionada para casar-se de novo já que seu esposo Ulisses estava desaparecido, inventa uma maneira de enganar seus pretendentes na seguinte situação: teceria um véu e quando o mesmo ficasse pronto chegaria ao fim sua espera e ela estaria disposta a casar-se novamente. O que acontecia realmente era que de dia Penélope tecia e à noite desmanchava todo o seu trabalho, na esperança de que seu esposo retornasse e que não precisasse se casar com outro.

mentindo. [...] na carreira de costureira, só se tu trabalhar por conta, porque dentro de uma empresa é a mesma coisa, te valorizam do mesmo jeito (Heloisa).

A filha da minha prima tava fazendo modelagem e aí começou a fazer roupinha. Aí começou a achar que era muito pouco, que as pessoas não queriam pagar, já foi lá para a estética...achou que não vale a pena porque era mal remunerado(Ana).

As palavras *dom* e *vocação* aparecem com certa frequência nos relatos das costureiras. Entendo-as sendo usadas para descrever uma inclinação natural para trabalhos manuais ou mais artesanais, ou preferências que são marcas pessoais, como gostar de algum esporte ou se destacar com alguma outra habilidade específica. Trago essa elaboração, pois não acredito existir uma vocação específica para a costura apenas, já que é resultado de um aprendizado complexo que envolve várias habilidades, como a facilidade para fazer atividades manuais, o interesse por criar ou construir, entre outras, mas todas elas incentivadoras para a prática da costura.

Ser uma boa costureira envolve não somente prática, mas também vocação e preocupação em fazer um serviço bem-feito como citam. Além da vontade, a vocação sinalizada sempre como “gostar de costurar” é acompanhada pela “paciência” e “calma” como atributos de destaque para uma costureira. Existe também uma preocupação com a questão de ser uma profissional. Algumas das entrevistadas ressaltaram isso em suas trajetórias destacando momentos em que finalmente, a seu ver, “tornaram-se” profissionais, e estas passagens foram assinaladas por momentos em que adquiriram um número maior de conhecimentos que nem sempre eram ligados à costura, mas a outras habilidades complementares, como modelagem e corte das peças. Ser uma profissional para essas mulheres está ligado diretamente ao conhecimento de todas as etapas de costura e ao domínio de vários conhecimentos técnicos, como saber fazer todo tipo de peça (ABREU; FISCHER).

E lá eu aprendi a cortar, ampliar moldes e lá eu me tornei uma profissional completa (Ana).

No caso eu sempre quis, como é que eu vou dizer, ser uma profissional não completa, mas quanto mais coisas eu souber fazer... Eu não queria ser aquela pessoa assim simplesmente: Ah eu tirei aqui do papel tu vai lá e te vira para costurar.(Elaine).

Aí quando eu comecei a costurar [...] eu comecei a perceber...tá, mas como é que faz isso aqui, né?Ninguém vai me dar a peça pronta para fazer. Porque para mim ser costureira era tu pegar, tu criar uma peça, montar... (Elaine).

A desmotivação no dia a dia é recorrente quando falam que as pessoas não conseguem enxergar todo o trabalho envolvido por trás da tarefa nem **mensurar as questões pessoais**

das costureiras quando consideram o resultado final do trabalho. A sensação de sentirem-se como parte da máquina perpassa seus comentários quando reclamam de situações comuns de problemas pessoais.

É dolorido... Por que a gente faz com tanto amor! Se eu tô estressada, se eu tô irritada, se eu tô nervosa eu não me sento na máquina. Porque daí eu começo a errar e eu começo estragar a peça, e aí que já vai com energia negativa (Ana).

A costureira ela senta ali ó...:tu tem que trabalhar,tu dá ali o pacote que ela vai fazer,a reforma, tem o dia, vai entregar aquilo ali no final do dia. Não querem saber se está com febre, se tem problema na família, tem que trabalhar (Cristina).

O peso das questões relatadas parecia ser de grande influência para ocasionar a **desistência** de muitas pessoas jovens que iniciavam seu aprendizado na costura. Essencialmente, as motivações iniciais com a profissão desapareciam no momento em que as dificuldades começavam a se tornar constante o que mais uma vez reforçava o discurso de que deveria haver muita força de vontade para se manter como costureira.

Lá a gente treinava, tinha bastante jovens assim nessa área. O que eles fazem depois é diferente [...] então, eles desvirtuam do caminho, sabe? Eles ficam quase no mesmo ramo, em outro negócio... (Cristina).

Não era para aquilo, foi uma empolgação sabe?... Porque na hora de uma festa tu tá com todas as pessoas vestidas bonitas, tu fica deslumbrada. Que legal o trabalho dela! É só se dedicar! Mas na hora do pega para ver não é bem assim... (Cristina).

4.2 SER UMA TRABALHADORA

Independentemente da posição inicial ocupada pela costureira, a maioria descreve seus êxitos na carreira sendo proporcionados pelo benefício de uma “oportunidade”. Para elas, todas as ascensões foram articuladas por alguém que acreditou em seu potencial e lhe conferiu uma chance para mostrar seu trabalho. Esse fator é muito importante do ponto de vista crítico, pois mesmo as que tinham buscado suas próprias oportunidades destacavam a “permissão” de uma outra pessoa para que ela pudesse demonstrar seu esforço. O sentimento de gratidão em relação a esses eventos oportunizados também enfatiza a relação de confiança que adquiriram nas relações de trabalho e que possibilitavam esse crescimento.

As palavras *chance* e *oportunidade* se repetem em todas as falas, destacando principalmente o empenho das costureiras em buscar novas posições ou tarefas no seu dia a dia. É possível perceber que as alternativas de crescimento nas posições que ocupam

nunca estão claras nem são opções que estão disponíveis à candidatura, mas sempre necessitam de investimento.

Essa guria tem potencial, vou dar uma chance para ela! (Ana)

Cada vez que faltava uma costureira eu pedia... me dá oportunidade para eu fazer isso (Ana).

E aí é chefe achou o que eu tinha jeito para costura e disse: não, vou te dar uma chance! Vou te colocar numa máquina para costurar! (Heloisa).

Ana e Heloisa, que iniciaram suas atividades em fábricas como contratadas, citam o papel fundamental do seu superior no logro do seu processo de evolução. Em seus casos, o supervisor ou chefe não somente foi quem visualizou o potencial da trabalhadora para a tarefa, mas também se mostrou empático ao seu novo objetivo. Em contrapartida, Beatriz, que também iniciou na mesma situação fabril, relatou que, apesar de demonstrar interesse por outras tarefas inúmeras vezes, seu chefe alegava não poder lhe trocar de função, uma vez que ela dominava com maestria o posto que ocupava na época. A costureira relata como resultado desse relacionamento sua saída da empresa por falta de oportunidade.

Não tive oportunidade... (Beatriz).

Eu queria ir para máquina costurar. Aí eu falava: Seu Carlos, eu queria ir muito para máquina! E ele dizia: Não, tu acertou muito a questão do colarinho aqui. Tu não pode sair dessa equipe (Beatriz).

Em vários casos, as entrevistadas relatam que o incentivo por parte de seus superiores foi o pilar que sustentou seu constante crescimento na área em contrapartida às problemáticas citadas anteriormente. A confiança estabelecida nessas relações de trabalho validou o empenho crescente das profissionais, necessário para seu constante aprendizado, além de segurança em relação a seus empregos.

Beatriz cita que um de seus chefes chegava a ir à sua casa regular suas máquinas quando ela tinha dificuldades com alguma regulagem e era nestes momentos que ela percebia o verdadeiro interesse na continuidade de sua relação de trabalho. De uma forma geral, o incentivo por parte dos superiores estabeleceu uma relação de confiança que gerava um sentimento de valorização por parte das entrevistadas.

Ele foi uma pessoa que ele pegava a pasta dele e vinha aqui em casa regular as máquinas para mim, para eu trabalhar com ele... Eu me sentia incentivada: bom ele quer realmente que eu trabalhe para ele... (Beatriz).

O que tu precisa nesse ramo é uma força, é um incentivo (Beatriz).

A pessoa te dando suporte do trabalho, é tranquila e segurança, seguradaquilo ali né que é a melhor coisa que tem (Beatriz).

Isso foi o mais importante, ter essa liberdade de experimentar porque ela me dava isso... Eu tinha algodão disponível para mim, eu podia fazer o que eu quisesse... eu ficava às vezes depois do horário... (Denise).

Outro ponto bastante comum nos relatos é o enorme grau de empenho das costureiras com sua palavra e seus compromissos. A questão dos acordos firmados pela “palavra” de ambos os lados é levada com extrema seriedade, pois são entendidos como uma questão moral maior do que qualquer contrato formal escrito. A palavra dada pela costureira é exatamente a que ela cumprirá e vai se empenhar no seu cumprimento a todo custo. Ana e Beatriz, costureiras que trabalham como faccionistas, reiteram a questão do comprometimento quando assumem que, ao aceitar um serviço, a data de entrega combinada é cumprida mesmo que para tanto elas precisem ficar sem dormir. Palavra dada é palavra cumprida.

Eu virava noite... eu ia dormir 5 horas da manhã levantava as sete para entregar o pedido para eles. Mas eu sempre fui assim ó: se tivesse que entregar um pedido, nem que eu tenha que amanhecer, mas eu vou entregar, a minha palavra é dita, entendeu? (Beatriz).

As costureiras com mais experiência voltam nesse assunto em mais de uma ocasião para destacar o seu comprometimento em relação a acordos e fomentar valores de extrema importância para todas: a fidelidade e a honestidade.

No estudo de Abreu (1986), uma de suas entrevistadas relata um episódio sobre a devolução de um material que sobrava de uma de suas encomendas e sua não conformidade com uma falsa acusação sobre ela ter ficado com alguns botões. Em minha interação com essas profissionais ao longo dos anos, visualizei esse tipo de episódio com muita repetição. Às vezes, um simples questionamento cotidiano sobre a sobra ou falta de um material as coloca em posição defensiva e qualquer investida mais detalhada gera imediata situação de tensão em que a costureira destaca sua honestidade. Em alguns momentos, se uma costureira se enganasse quanto à contagem do material, era visível seu empenho em sinalizar a situação para manter a verdade e sua honestidade livre de questionamentos. Sua palavra e seu rigor com essa situação levam algumas delas a exemplificar situações em que validam seu lado ético em relação aos seus trabalhos.

Mesmo que empregadas em situações irregulares, sem nenhuma formalidade, não buscaram seus direitos judicialmente após o término dessa situação de trabalho, pois

acreditavam que incentivo, valorização e confiança com seu supervisores e chefes era algo que não podia ser descartado. Além disto, algumas tinham convicção de que o fato de terem aceito um tipo de trabalho informal no passado fazia com que devessem respeitar sua palavra, independentemente dos motivos do desligamento daquele trabalho.

Eu trabalhei 15 anos para ele. Aí depois todo mundo dizia: Aí tu pode colocar ele na justiça. E eu dizia: Não! Não! Essa pessoa me deu força entendeu? (Beatriz).

4.3 SER MULHER E ESPOSA

A existência de destinos diferenciados para homens e mulheres é resultado dos valores estabelecidos culturalmente na sociedade para as atribuições femininas e masculinas. Além do contexto histórico, já citado no capítulo 2, essa questão está embrenhada na vida familiar de tal forma que foi o que definiu o destino das costureiras com mais anos de experiência. Embora seja visível um avanço crescente da participação das mulheres no mercado de trabalho, também continua sendo necessário ressaltar a luta existente para diminuir as diferenças de gênero identificando o trabalho remunerado como um dos aspectos fundamentais para a emancipação feminina. Esse aumento da presença feminina ainda causa um paradoxo no momento em que também é crescente a marca da precariedade e vulnerabilidade do trabalho feminino. Ao mesmo tempo em que a mulher aprende que é um ser destinado à manutenção da vida cotidiana dos outros (dos filhos, da casa, do lar) enfrenta um dilema por deixar o seu lar, causando um sofrimento psíquico: ao ingressar no trabalho esta mulher compromete-se com sua família de que sua ausência não será sentida e também expressa em seu ambiente de trabalho que não existirá diferença entre ela e um homem, pois trabalharia tanto quanto (GODINHO, 2015).

Para Leite (2017), de acordo com os papéis tradicionais de gênero socialmente constituídos, os homens deveriam desempenhar um papel provedor cujo salário deveria sustentar a família enquanto à mulher foi atribuído o papel de cuidadora, reforçando o que falamos anteriormente, assumindo responsabilidades familiares e sem remuneração. Essas responsabilidades familiares estariam ligadas a aptidões femininas entendidas como “naturais”. Assim o mercado de trabalho foi sendo estruturado para os homens, trabalhadores que não precisavam se preocupar com o âmbito familiar e por isso disponíveis integralmente para o trabalho, sem ser afetado por qualquer fator relacionado à família (BRUSCHINI, 1994).

Juntamente com a intensificação da inserção feminina no mercado de trabalho, aparece a intensificação do seu tempo de trabalho, uma vez que as mulheres passaram a participar da renda familiar sem que houvesse uma equivalência na participação masculina nas atividades domésticas.

Ana e Beatriz foram inseridas no seu primeiro emprego através de suas mães, desenhando certa responsabilidade feminina em integrar as filhas ao mundo do trabalho e prover alguma remuneração à família. Em nenhum momento pareceu haver outro destino possível, mas sim uma iniciação normal e consensual que foi induzida pela mãe. No caso de Graça, a situação desenhada pela atividade rural da família que plantava fumo já obrigava todos os membros da família a participarem ativamente das rotinas de trabalho, principalmente nas épocas de colheita. Ela cita que tinha muito interesse em estudar, porém foi tirada precocemente da vida escolar para ajudar no trabalho da propriedade rural da família. Segundo ela, seu pai não considerava importante que a mulher estudasse, mas sim, que tivesse outras habilidades para a vida, como relata no trecho abaixo:

Não tive chance de estudar porque meu pai ele achava assim que mulher não tinha que estudar, mulher tinha que aprender a costurar e fazer tricô fazer crochê (Graça).

A costura mostra ser um saber tipicamente feminino, que faz parte de um grupo de afazeres ligados ao cotidiano doméstico. Essa atividade proporciona uma grande flexibilidade em relação à situação de trabalho formalizado, podendo transitar entre as posições formais e informais sem o abandono da profissão, se adaptando em diferentes etapas de seu ciclo de vida (ABREU, 1986).

Em geral as posições de ocupação da costureira são influenciadas pelo projeto de vida familiar e não apenas por sua opção. Cuidar da casa e dos filhos é ainda uma responsabilidade feminina, principalmente para as costureiras mais antigas. Como ressalta Bruschini (1994, p.69), “é a presença de filhos o que interfere de forma mais marcante na participação feminina no mercado de trabalho”, uma vez que é feminina a responsabilidade pela guarda, cuidado e educação dos filhos na família.

O difícil equilíbrio entre atividades econômicas e familiares, que se torna mais frágil ainda pela presença de crianças, depende também do tipo de atividade econômica a absorver a trabalhadora. Atividades formalizadas, com horários regulares de trabalho, o maior distanciamento entre casa e trabalho, são fatores que dificultam a conciliação de responsabilidades. A atividade informal, na qual não há jornadas regulares de trabalho, o trabalho domiciliar e o rural, ao contrário, costumam facilitar o arranjo necessário entre família e trabalho, embora não deem acesso a garantias trabalhistas (BRUSCHINI, 1994, p.69).

Dentre as costureiras estudadas por Abreu (1986), a maioria dividia sua rotina entre muitas horas de trabalho com inúmeras paradas para execução de tarefas domésticas que iam desde a preparação de refeições para a família até a rotina de levar ou trazer os filhos da escola. Algumas, mesmo que ajudadas por outras mulheres da família, não ficavam livres de tarefas domésticas que interrompiam constantemente sua jornada de trabalho em casa. A autora cita que a migração das costureiras para o mercado informal ocorre pela pressão ocasionadas pela dupla jornada de trabalho, levando-a para um campo de atividades socialmente invisíveis, que permitia ela a continuação de atividade remunerada sem os conflitos da situação formal de trabalho (ABREU, 1986).

As entrevistas das costureiras que possuíam filhos demonstraram exatamente o fato assinalado por Abreu. Todas alternaram entre posições formais e informais, de acordo com necessidades familiares, ligadas aos filhos. Essas mulheres moldaram suas carreiras em função da permanência ou não no ambiente doméstico de acordo com cada fase que seus filhos se encontravam. Tanto o local de trabalho quanto a distância de seus empregos eram levados em conta no momento da decisão. A falta de alguma pessoa que pudesse ajudar com os cuidados da criança, em geral, era o principal motivo para o abandono do emprego formal. Graça contou que, assim que sua filha ficou “grandinha” e iniciou o período escolar, ela voltou a procurar emprego, pois se sentia mais tranquila para deixá-la com uma pessoa de confiança enquanto trabalhava.

Sim, tirei licença tudo... aí quando eu voltei, eu pedi as contas para cuidar do meu filho (Beatriz).

Não tinha com quem deixar e depois eu voltei quando ele tinha dois aninhos três a procurar emprego (Beatriz).

Eu preferi na época porque eu tinha os meus filhos pequenos, e eu tinha que cuidar deles (Beatriz).

Nasceu a minha filha mais velha[...]quando foi a época de ela ir para o colégio, não tinha ninguém para levar ela e no colégio e ele buscar essas coisas, daí eu pedi para sair (Graça).

Eu tinha duas filhas pequenas assim e eu não queria sair para longe... (Graça).

Tá vim para casa, comprei umas máquinas. Comprei uma máquina de overloque e tinha uma mulher que me davam serviços de vez em quando e aí eu cuidava da minha filha e fazia alguma coisa para ela... (Graça).

Fátima, que teve contato com a costura somente há cinco anos, também relata que o fato de não ter com quem deixar a filha muitas vezes fez com que abandonasse cursos de costura ou deixasse seus planos de lado. Ana e Beatriz acabaram optando por trabalhar como faccionista pela questão dos filhos, justamente para poder dividir a atenção ao trabalho com as crianças. Ana confessou que hoje teria escolhido de forma diferente, pois vê que mesmo estando em casa o tempo todo nunca conseguia dar atenção às crianças, já que sempre estava trabalhando muito. Hoje ela pensa que mesmo que tivesse trabalhado fora durante a infância dos filhos, a qualidade do tempo que teria com eles seria muito melhor, já que se fosse empregada cumpriria seu horário e não teria trabalho a mais para fazer em seu tempo livre.

Eu tive dois neném dentro de casa. E eu trabalhava em casa e aquelas crianças rolavam, rolavam dentro de casa coitadinha daquelas crianças e eu só costurando, costurando (Ana).

As entrevistadas também citam os filhos como um dificultador para a continuidade de estudos ou qualificação profissional. Fátima tentou, mais de um fez, conciliar um curso de costura com os cuidados da filha, culminando sempre no abandono do curso. Graça, que precisou interromper os estudos por vontade do pai, retornou à escola para finalizar o primeiro grau apenas na fase adulta depois do nascimento de sua filha. Conciliando os cuidados maternos e os estudos, conseguiu também, após algum tempo e muito esforço, concluir o segundo grau.

Abreu (1986) já relatava a forte tendência de a opinião do marido influenciar nas decisões dessas trabalhadoras em casos em que o homem deixava explícita sua vontade de que a mulher se dedicasse ao trabalho doméstico. Ana e Graça dizem que os maridos, por várias vezes, as incentivaram a largar da costura, enfatizando o enorme estresse a que se submetiam em troca de pouca remuneração. Outro argumento constante era a falta de atenção com os filhos que poderiam ser muito mais bem cuidados se a esposa estivesse trabalhando em casa ou não trabalhando.

Essa questão, ainda hoje, configura a relação de responsabilidades diferentes entre os gêneros na questão familiar, bem ilustradas nos casos acima. O homem ainda tem fundamentalmente o papel de provedor financeiro. A renda feminina é vista apenas como complementar, enquanto as funções principais da mulher são os cuidados com os filhos e as atribuições domésticas. Ana sinaliza uma constante divergência para se manter na profissão sendo que os benefícios sempre eram menores do que seus sacrifícios.

Meu marido odeia! Meu marido sempre odiou que eu costuro. Sempre foi, sempre, uma briga nossa... porque ele achava que a gente se judia muito. Ele achava que eu estava sempre estressada e que nunca tinha dinheiro, o que aconteceu muitas vezes (Ana).

E ele dizia: larga esse serviço, vem para casa que tu não precisa disso. Venha cuidar das gurias! (Graça).

Podemos dizer que essa situação ocorre influenciada pela faixa etária das costureiras, modificando um pouco com as mais jovens que já cresceram em outrageração. Denise, Elaine e Heloisa, por exemplo, embora façam parte de contextos bem diferentes, já vivem um momento em que a própria remuneração faz muita diferença sendo natural que tenha um peso igual na renda familiar e por isso mais importante do que os casos relatados. O crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho e a opção feminina por adiar a maternidade foram os dois pontos que mais influenciaram nessa mudança de paradigmas.

4.4 SER CONSCIENTE DO SEU TRABALHO

As costureiras chamam atenção para alguns fatos que acontecem com muita frequência em suas rotinas e que não agradam a maioria delas. Essas características que num primeiro momento parecem ser irrelevantes, no trabalho, são ressaltadas por várias entrevistadas mais de uma vez.

A repetição de tarefas e processos é um motivo de grande descontentamento por parte da maioria, adicionado o fato de a costura ser uma tarefa demorada. Esses dois pontos, sobrepostos, transformam a rotina da costureira em um trabalho maçante e sem grandes novidades, principalmente quando elas já possuem muitos anos de experiência. A falta de inovação no trabalho é um fator que pesa para todas elas, independentemente da posição ocupada.

De fato, é possível que a intensa prática na tarefa as leve a um nível de especialização que reduza significativamente as novidades em relação ao seu trabalho. A questão da rotina pesa bastante para todas as entrevistadas.

Eu entrei para lá eu fazia uma piloto. Eu pensava meu Deus do céu eu fiz uma peça o dia inteiro... (Beatriz).

Eu gosto, eu gosto da pilotagem. Gosto da montagem e gosto também na produção. Eu só não gosto quando começa muita desmanchação de coisa. Ninguém gosta né, ninguém gosta (Beatriz).

Eu tinha vontade de fazer coisas diferentes... (Denise).

O convívio com as colegas se alterna em relações de ajuda e momentos de certa competição. Mesmo não tendo questionado diretamente sobre a relação com as colegas, todas entrevistadas citaram, em algum momento, interações que influenciavam a sua rotina. Segundo Grisci (2012), “o receio do estigma de perdedor leva os sujeitos a desenvolverem entre si uma relação ambígua que os coloca ora como amigos e engajados na equipe, ora como rivais em potencial”. O autor ainda relata que os atuais modelos de gestão favorecem esse tipo de relação, uma vez que acentuam o desempenho, a estigmatização e a individualização mesmo no trabalho em equipe.

A hierarquia não é um fator decisivo neste ponto, já que em várias situações as entrevistadas relatam momentos de constrangimento causados pelas próprias colegas, conforme as passagens que seguem.

Eu falei: Ah me inscrevi para fazer um curso de modelagem no Senai [...] aí as minhas colegas riam muito [...] Aí, Denise, isso a gente já sabe! (Denise).

Tu sabe como é que é a gente trabalhar a primeira vez numa empresa que todo mundo fica te olhando atravessado (Graça).

Tive muita dificuldade com as minhas colegas [...] eu era bem mais nova, e elas eram bem mais velhas (Denise).

No caso de Denise, houve desde o início uma indisposição generalizada pelas colegas pelo fato de ela ser bem mais jovem que o grupo. Essa situação é bem passível de acontecer, já que em geral as costureiras tendem a ter uma faixa etária mais elevada e barram a entrada de jovens mais inexperientes. Os conflitos mais comuns referem-se ao temor da perda de seus postos frente à chegada de uma pessoa jovem e a dificuldade de adaptação das costureiras mais experientes às inovações do trabalho no dia a dia. A indisposição para ajudar Denise em seu aprendizado somava-se às contínuas reclamações de suas colegas sobre o que fazia de uma forma diferente delas, pois, segundo as colegas, o jeito de Denise não dava certo.

Eu ficava atrás delas olhando como é que se fazia e eu perguntava e me respondiam com meias palavras e eu fazia um troço todo errado o dia inteiro (Denise).

Eu cortava e dizia: Olha isso aqui está tudo ok, é só fechar ... Sempre dava problema (Denise).

Tal situação culminou com um rompimento de relacionamento por um ano por parte de uma colega quando Denise começou a se apropriar de técnicas que eram desconhecidas pelas outras. O fato de Denise ter introduzido outra maneira de fazer, que funcionava, mas

obrigava as colegas a reconhecerem isto foi um momento de muita tensão profissional para a entrevistada.

Graça enfatiza muito a questão da idade de suas colegas como fator de definição para sua estagnação enquanto profissionais, ponto importante para ser levantado como uma das especificidades da carreira. Segundo ela, essas colegas mais velhas tinham muitas manias e não eram flexíveis para novas tentativas. Em geral, como eram o grupo dominante, a costureira mais nova era sempre submetida a um longo período de passagem, até que, pouco a pouco, ganhasse a confiança das demais e realmente ser “aceita” pelas colegas.

Elas já estavam lá muitos anos né... Já estavam acomodadas daquele jeito e aí não tinha um supervisor que fizesse elas mudarem o jeito delas... (Graça).

As pessoas mais velhas, que estavam lá a tempo começavam... a te olhar atravessado e a fuxicar ... e dizendo que o teu serviço não era bom, que não era igual o dela (Graça).

No quesito processo de aprendizado na empresa, Heloisa descreve que a inflexibilidade de alguns profissionais era extremamente prejudicial ao trabalho de todas. Desde a falta de vontade das colegas em ensinar as novatas até as interações com a profissional de modelagem que não aceitavam muitas opiniões e acabavam perdendo contribuições preciosas de melhoria do trabalho por não estarem abertas às mudanças.

Tinha umas pessoas que tinha uma resistência de ensinar [...] tinha gente muito antiga ali eu acho que pelo fato de ter medo de perder o lugar para nós, elas tinham uma resistência de ensinar as outras pessoas... (Heloisa).

Nós tivemos pessoas que não eram nenhum pouquinho flexíveis [...] e a modelista tem uma resistência [...] a costureira tenta passar a experiência [...] e tem pessoas que teve resistência: Não! Eu quero isso aqui! Vai ser assim... Se a modelista for flexível [...] facilita bastante... (Heloisa).

No ambiente da fábrica, a supervisora é uma figura que também cria algumas situações de dificuldade na inserção das novas costureiras. Graça citou que, em uma das empresas em que trabalhou, teve muitas dificuldades para se integrar no início. Seu processo de trabalho era diferente, e isso criou uma dificuldade de execução das tarefas que foi somada ao fato de que a supervisora não gostava de que ninguém parasse para explicar questões para as colegas, para não perder tempo. Além disso, as comunicações se restringiam a ordens sobre o trabalho e não havia margem para uma maior interação e troca de informações com a supervisão. Ela devia fazer o serviço que lhe tinha sido dado e apenas isso. As colegas não interagiam com ela. O que lhe incomodava absurdamente era saber que depois de concluída

uma tarefa, às vezes, a supervisora mudava de opinião sobre seu trabalho de acordo com o comentário de uma ou outra colega.

Ela ia lá: Não! Porque isso tá errado, porque não é assim, porque assado... aí quando eu voltava do intervalo aí eles mandavam eu desmanchar tudo de novo... eu via que era ela que fazia a cabeça (Graça).

E é ruim, de toda hora ter que desfazer o trabalho e tu sabe que nunca tá bom, ou que tá bom, mas vem outra pessoa e diz que não (Graça).

Beatriz e Heloisa já descrevem uma situação bem diferente em suas experiências de trabalho, dizendo que suas colegas se mostraram empáticas a sua situação de novatas e as ajudaram, sendo pacientes e ensinando as atividades que não sabiam ou faziam de outra forma. As entrevistadas, em geral, disseram que o tempo acabou fazendo com que se acostumassem a variedade de situações que se apresentavam no dia a dia sobre os relacionamentos de trabalho e que, aos poucos, essas questões foram pesando menos no lado emocional, pois conforme ganhavam experiência, também se sentiam mais seguras para lidar com os dilemas inerentes ao seu trabalho.

5 OS DILEMAS DO OFÍCIO

Este capítulo pretende atingir os objetivos da pesquisa, trazendo o ponto de vista das entrevistadas sobre como enxergam o trabalho dentro das posições que ocupam, analisando formação profissional, qualificação, tempo, salário, aprendizado e reconhecimento do ofício.

5.1 O TRABALHO E A COSTUREIRA

Em uma visão mais simples, a costureira enxerga seu trabalho atrelado à sua profissão, independentemente da situação ou posição que ela ocupa dentro do mercado de trabalho. Ser costureira é trabalhar com costura em um vasto campo de possibilidades que estarão disponíveis, ou não, de acordo com sua experiência, qualificação e oportunidades sinalizadas para ela. Os relatos nos mostram que se identificam com a profissão de costureira no momento em que recebem sua única remuneração proveniente dos seus serviços ligados à costura. Nesse sentido vale ressaltar que ao mesmo tempo em que denominam sua profissão de costureira entendem que para uma costureira ser profissional deve desenvolver outras aptidões, como dominar técnicas de corte e modelagem e saber fazer todo tipo de peça.

Para Antunes (2012), o trabalho pode ser definido como o exercício de uma atividade vital, sendo o ato responsável pela criação dos bens materiais e simbólicos socialmente necessários para a sobrevivência da sociedade. Também podemos compreender o trabalho como qualquer esforço com propósito, que transforma de alguma forma a natureza utilizando capacidades físicas e mentais e por isso, seria uma diferenciação humana.

Na sociedade moderna, uma sociedade do trabalho onde as pessoas se definem e entendem como seres sociais de acordo com sua profissão e ou trabalho que realizam, desde a unidade familiar os indivíduos são educados e moldados para o trabalho. Ser útil, ter uma função na sociedade e receber de alguma forma pelo seu trabalho. Nesse sentido, o trabalho concreto que expressava as autênticas aptidões foi suplantado pelo trabalho abstrato, em que se empenham energias físicas e intelectuais para a criação de valores de troca (ANTUNES, 2012).

De toda forma, para efeito desta pesquisa, o trabalho será entendido como a atividade realizada pela costureira, que pode ser entendida como o emprego de sua habilidade para a geração de um valor de troca mercadológico (remuneração, salário...). O que não está diretamente implicando na questão de um emprego, já que o emprego pode ser entendido como a formalização do trabalho. De um modo geral, as posições de atuação da costureira

poderiam ser um propositivo para emprego, mas seguirão sendo tratadas como posições, dado as características singulares de cada uma delas.

5.1.1 O domínio da informalidade

Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED),³⁹ pode-se definir dois grandes grupos informais no Brasil: o *emprego ilegal*⁴⁰ caracterizado pela ausência de carteira de trabalho assinada; e o *emprego subcontratado*, que compreende os assalariados contratados em serviços terceirizados e autônomos que trabalham para uma empresa.

Dentro do emprego ilegal, conseguimos enxergar duas categorias distintas: o trabalho adomicílio e o trabalho por conta própria. O trabalho adomicílio, que expandiu no século XIX, em um primeiro momento se referia tanto aos trabalhadores em suas próprias casas como àqueles que trabalhavam em pequenas oficinas com algum número limitado de trabalhadores, os quais realizavam apenas uma parte do processo de produção sob a encomenda de empresas maiores. De qualquer forma, as condições de exploração de força de trabalho eram as mesmas: longas jornadas, salários baixos, condições inadequadas, instabilidade no emprego e total dependência em relação ao fornecedor de matéria-prima (ABREU, 1986).

A fuga de imposições do trabalho formal como a hierarquia das relações, o condicionamento de tempo e tipos de trabalho a serem executados seriam os principais motivos que levam os trabalhadores a serem levados pela ilusão de que um trabalho domiciliar poderia abrandar essas regras rígidas. Ao contrário, a necessidade de cumprir prazos e demandas exigidos pelas empresas que oferecem serviço obrigam os trabalhadores de pequenas empresas ou domiciliares a manter ritmos de trabalho que chegam a ser mais opressivos que as situações regulares de trabalho fabril (ABREU, 1986).

Esse tipo de trabalho adomicílio foi bastante utilizado no início da Revolução Industrial em um processo em que etapas da produção de determinado item eram distribuídas entre vários trabalhadores dispersos geograficamente, que trabalhavam em suas próprias casas e eram remunerados por tarefas. O chefe de família era contratado e recebia a remuneração, porém para dar conta dos prazos para produção da demanda outras pessoas da família eram integradas ao trabalho, inclusive crianças.

³⁹ Em pesquisa publicada pelo Dieese (2012).

⁴⁰ Destaque para a informação de que no âmbito do emprego ilegal as mulheres vêm se inserindo com maior peso, sendo que de 1999 para 2009 tiveram um aumento de participação de 38,9% para 42,6%, conforme publicação do Dieese (2012).

O trabalho adomicílio está diretamente ligado ao trabalho feminino em geral dividindo espaço com o trabalho doméstico causando uma enorme dificuldade de limitação de tempo utilizado para cada um e impossibilitando uma construção identitária de trabalhadora assalariada e da constatação da exploração a que se submetem estas trabalhadoras (HOLZMANN, 2012).

Os trabalhadores por conta própria, independentes, que exploram seus negócios sozinhos ou com a ajuda de familiares, são igualmente considerados informais, podendo ser autônomos para mais de uma empresa, autônomos para o público ou donos de negócios familiares. Esse trabalhador tem a liberdade de movimentar-se no mercado de trabalho principalmente no setor de serviços. Não podemos associar a condição de trabalhador por conta própria apenas a uma situação de precariedade, pois esta é uma categoria muito ampla em que podem conviver desde os trabalhadores desprovidos de qualquer direito até os “profissionais liberais”, como médicos, advogados e engenheiros que possuem nível superior, rendimentos altos e reconhecimento social (HOLZMANN, 2012). Da mesma forma, não podemos generalizar a ilegalidade deste grupo, já que grande parte dos trabalhadores pode aderir ao MEI⁴¹, um incentivo governamental para legalizar esse grupo de trabalhadores, além de conceder-lhes benefícios legais.

Observando os números da publicação feita pelo Dieese (2012), os terceirizados compreendidos no *emprego subcontratado* foram os que tiveram o menor rendimento entre todas as formas de inserção de ocupados⁴², sendo que em regiões metropolitanas quase metade desenvolvia suas atividades sem ter instalações fixas, e quase um quarto dos mesmos realizava sua atividade em suas próprias moradias. Essa é uma característica facilmente observada no ofício de costureira, na maioria das vezes, executado fora de uma unidade fabril, sendo a casa da trabalhadora a unidade de produção de sua atividade.

De certa forma, analisando o histórico do ofício de costureira, podemos dizer que a terceirização das atividades sempre existiu. Já relatado em capítulo anterior⁴³, essa prática constante sempre foi tratada como comum, porém até recentemente não legalizada formalmente pelos devidos reguladores – como, por exemplo, Ministério do Trabalho no Brasil.

⁴¹ Criada em 2008 através de Lei Complementar, o MEI surgiu para regulamentar os trabalhadores autônomos simplificando algumas tributações e dando assistência previdenciária.

⁴² Excluindo o emprego doméstico.

⁴³ Até mesmo no Brasil, alfaiates se utilizavam dos serviços das costureiras para alguns serviços, conforme sinalizado na seção 3.5 Uma questão de gênero.

A definição de terceirização pode ser entendida como um recurso gerencial pelo qual uma empresa transfere parte de sua atividade-fim para outra empresa, com objetivo de flexibilizar as relações de trabalho e obter maior especialização nas atividades do processo produtivo (GARCIA, 2012).

Gazzona (1997) cita que a descontinuidade entre as etapas do processo produtivo do vestuário daria margem para o favorecimento da subcontratação, uma vez que podem facilmente ser divididas sem que exista perda no resultado final. Normalmente essas empresas dispostas a essa divisão dariam preferência à manutenção das etapas de criação, modelagem e corte, as quais poderiam ter maior interferência na qualidade dos produtos e exigiam maior qualificação dos trabalhadores envolvidos. A costura, por sua vez, poderia ser uma das etapas feitas fora da empresa.

A terceirização da etapa produtiva da costura poderia acontecer de dois modos: sob a forma de prestação de serviços ou intermediando a mão de obra. No primeiro caso, a empresa contrata os serviços de costura de outra empresa, encarregada de realizar produção em suas próprias instalações e com seu próprio maquinário. No segundo, a terceirização ocorre pela intermediação da mão de obra, os trabalhadores são regulamentados por outra empresa, porém realizam as atividades de costura dentro das instalações da tomadora de serviços, dividindo o espaço com seus empregados (BIAVASCHI; DROPPA, 2011).

Em outra referência, Cavalcante (2006, p.7) fala que “a adesão dos trabalhadores a esse projeto empresarial tem como motivação fundamental a ameaça do desemprego e o contexto negativo do mercado de trabalho”. Ele sinaliza ainda que a proximidade entre as empresas contratantes e contratadas, é um fator que pode diminuir às práticas precárias de emprego. Na confecção de vestuário, estas empresas são conhecidas como facções de costura. Uso como exemplo essa explicação do Sebrae:

Facção é o nome dado às confecções que prestam serviços para outras empresas do ramo que possuem marca própria e foco na comercialização, dentro da cadeia produtiva do setor têxtil. Em geral uma facção não vende seus produtos diretamente no varejo, realizando somente trabalhos de corte, montagem e acabamento de peças do vestuário para outras confecções.⁴⁴

No mesmo material, o Sebrae inclui algumas considerações sobre essa modalidade de negócio, entre elas, que este sistema de terceirização vem sendo cada vez mais utilizado no mercado de confecções. Um dos motivos apontados seria que empresas maiores

⁴⁴ SEBRAE. *Facção: Como montar um serviço de confecção*. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-servico-de-confeccao,89387a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 02 jun. 2017.

frequentemente contratam facções por terem como sua principal atividade a comercialização de roupas⁴⁵. Sendo assim, criam suas coleções, efetuam os cortes e encaminham as peças cortadas para outras empresas, contratadas para execução da montagem e devolução das peças prontas para a contratante, que realiza a conferência, verifica a qualidade do serviço, padroniza e comercializa o produto. Além da terceirização, é comum na cadeia de produção de vestuário a existência de uma quarteirização de produção, em casos em que a empresa terceirizada contratada pela empresa principal, utiliza dos mesmos serviços de um grupo de outras costureiras ou mesmo de várias costureiras isoladas, a fim de dar conta da produtividade exigida pelos prazos acordados. Esses são casos em que é possível identificar as maiores irregularidades de situações de trabalho, como, por exemplo, os casos de trabalho escravo que abordo na sequência.

Os clientes dessas facções normalmente têm altas exigências quanto à qualidade do serviço, a prazos e ao preço dessa operação. Além da constante tensão pela prática de preços baixos, grande parcela dessas facções ainda se encontra na informalidade, o que deturpa o valor médio do serviço no mercado, prejudicando ainda mais o preço praticado pelas facções.

Outra questão muito importante em torno dessas empresas é a facilidade de atender rapidamente às demandas solicitadas, devido ao dinamismo do mercado de moda, que trabalha sob a imposição dos lançamentos de produtos novos. Logo, ter velocidade pode significar a longevidade de uma facção no mercado. Para Holzmann e Piccinini (2012), os defensores da flexibilização argumentam sobre a possibilidade de negociações menos restritivas, o que não é permitido por um estatuto legal rígido, já que seus críticos avaliam essa flexibilidade como uma afronta aos direitos trabalhistas conquistados.

No quadro de contratações de uma facção, o Sebrae lista como imprescindível que “as costureiras a serem contratadas devem trazer consigo alguma experiência na atividade, pois é raro a empresa dispor de condição financeira para oferecer treinamento em seu início de operação”⁴⁶. Outro ponto importante segundo essa entidade é que por se tratar de uma atividade de manufatura, que em geral possui pessoas com pouca instrução, apresenta alta rotatividade, pois, após iniciar os trabalhos na área, logo as pessoas perdem o interesse, fato que gera muitos problemas em relação à manutenção de qualidade e ao cumprimento de prazos de entrega.

⁴⁵ Esta explicação “romantizada” não é o que acontece na prática, validado por experiência própria. As empresas maiores normalmente querem “se livrar” de todas as obrigações e riscos provenientes da operação de manufatura das peças, que é complexa, envolve tempo e pessoas.

⁴⁶ SEBRAE. **Facção**: Como montar um serviço de confecção. Capítulo 6. Pessoal. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-servico-de-confeccao,89387a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 02 jun. 2017.

É comum termos acesso a notícias que mostram a precariedade nestas empresas de fabricação, formalizadas ou não. Atualmente, este tipo de serviço terceirizado é um dos que envolvem mais interferências do Ministério do Trabalho e no qual frequentemente se encontram situações de analogia à escravidão, pois sem o vínculo formal com a empresa, o empregado não consegue se proteger de abusos e da exploração nas relações de trabalho. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, entre 2003 e 2014, foram fiscalizados 34 casos de trabalho escravo, dos quais foram libertados 452 costureiros de oficinas fornecedoras de marcas populares e de “grife”, cuja maioria se encontrava no estado de São Paulo⁴⁷.

5.1.2 Posições de atuação

Como a costureira possui muitas possibilidades de colocação dentro de seu mercado e elas não necessariamente estão associadas apenas ao emprego formal ou informal, escolhi tratar suas colocações dentro de sua profissão como posições de atuação. Neste sentido, posição de atuação refere-se apenas a situação da costureira em determinado momento, apenas para nomear cada uma dessas situações abordadas neste estudo.

As quatro posições de atuação estudadas nesta pesquisa têm particularidades impostas para a organização do trabalho das costureiras. Conforme sinalizado no primeiro capítulo, algumas das entrevistadas ocuparam mais de uma posição durante sua trajetória profissional e puderam expor comparativos importantes para a pesquisa.

No quadro que segue trago alguns pontos que demonstram as diferenças mais notáveis em cada uma das posições estudadas, sintetizando a análise dos relatos das próprias entrevistadas padronizando as informações obtidas. Na sequência, sigo detalhando cada uma das posições de atuação e suas especificidades apresentadas.

⁴⁷A situação do trabalho escravo se agrava ainda mais em casos de imigrantes não legalizados, que por medo de serem denunciados as autoridades e sem recursos financeiros acabam aceitando situações muito piores que vão desde jornadas de trabalho exaustivas em alojamentos precários até a cobranças ilegais de dívidas. Disponível em: https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Fasc%C3%ADculo-Confec%C3%A7%C3%A3o-Textil_Final_Web_21.01.16.pdf. Acesso em: 18 jan. 2019.

Quadro 4 – Comparativo entre posições de atuação

POSIÇÕES DA COSTUREIRA	FÁBRICA	FACÇÃO	ATELIER PRÓPRIO	REFORMAS
Local de trabalho	Da empresa contratante	Grande parte adomicílio sendo que algumas possuem um local separado para trabalhar	Em local específico para o trabalho com espaço para atendimento ao cliente	Adomicílio
Propriedade da Materia-Prima	Da empresa contratante	Da empresa contratante	Da costureira ou em alguns casos do cliente	Quase sempre do cliente, mas em alguns casos da costureira
Propriedade do Maquinário	Da empresa contratante	Em geral da costureira, mas há casos de empréstimo de máquinas por parte da empresa contratante	Da costureira	Da costureira
O que está vendendo	Sua força de trabalho	Sua força de trabalho	Sua força de trabalho e o produto final	Na maioria dos casos apenas a força de trabalho, mas quando envolve a compra da matéria prima pode vender também o produto final
Origem da demanda	Da empresa contratante	Da empresa contratante	De uma cliente, pessoa física	De uma cliente, pessoa física
Forma da execução	A costureira recebe a demanda de produção através de uma supervisora de costura e deve fazer a montagem da peça ou das partes de acordo com os processos já estipulados anteriormente. As partes da peça já vêm preparadas e a costureira raramente precisa levantar da máquina ou fazer outro tipo de processo além de costurar	A costureira busca ou recebe um lote de peças para fazer a montagem. Geralmente cada costureira segue seu próprio processo de montagem, sendo que em geral antes fazem a separação das partes, depois a montagem das partes em separado para somente no final unirem todas as partes para finalizar as peças	A costureira cria a peça em conjunto com a cliente, definindo os materiais utilizados. Ela desenvolve a modelagem e executa o corte da peça. Em geral monta toda estrutura da peça sem fazer acabamentos para que seja feita uma ou várias provas no corpo da cliente. Finaliza a peça após as provas	A costureira recebe uma peça que precisa ser consertada do cliente que sinaliza quais seus desejos. Em quase todos os casos é necessário iniciar pelo desmanche da peça ou da parte que precisa ser modificada. Após é feita a alteração e novamente finalizada a peça

Prazo	Nas fábricas, as produções têm um controle de tempo de entrada e saída das máquinas que é controlado geralmente pelas supervisoras com base no ritmo de trabalho padrão	O prazo depende do tamanho do lote e quase sempre é um acerto entre as partes. Mesmo quando não se sente confortável com o prazo a costureira se submete a ele com medo de perder serviço	O prazo é definido pela costureira e sempre informado antes da execução do trabalho. Normalmente envolve a data de algum evento da cliente e por isso não pode haver atrasos	O prazo é uma combinação entre a costureira e a cliente, normalmente bem flexível e variado
Precificação	O salário base ou piso é o ponto de partida	É sempre feita pela empresa contratante	A costureira que diz quanto custa	A costureira é que diz quanto custa
Remuneração	As costureiras ganham um salário de acordo com a categoria profissional, mas ainda existem alguns benefícios que podem estar atrelados ao desempenho de produção e neste caso são financeiros ou o ganho de cesta básica, atrelado às profissionais que nunca faltam	Em geral, feita mensalmente com base nas entregas de lotes que a costureira executou	Varia de acordo com a combinação de pagamentos com as clientes e a quantidade de pagamentos recebidos. Em geral as costureiras têm recebimentos fracionados e precisam se organizar em relação a isso	O pagamento do serviço é feito na entrega, e a costureira recebe vários pagamentos ao longo do mês
Avaliação do trabalho	Feita pela supervisora ou pelo setor seguinte. A peça volta para a costura para ser consertada	Feita pela supervisora de costura ou pela pessoa que gerencia as facções. Geralmente as peças são separadas e devolvidas para conserto sendo que a costureira não ganha um novo lote até finalizar estes consertos	Feita pela cliente que contratou o serviço. As avaliações não são técnicas, mas de acordo com o que a cliente considera bonito ou feio comparando com sua expectativa	Feita pela cliente que contratou o serviço. As avaliações nunca são técnicas e de acordo com o que a cliente considera bem ou malfeito

Fonte: elaboração da autora.

a) A Fábrica

Esta posição é aquela na qual conseguimos ter maior clareza quanto às informações de processos e definições da ocupação da costureira. Isso porque o trabalho fabril é uma categoria formalizada que tem um longo histórico dentro da categoria do trabalho, como já tratamos no segundo capítulo.

A estrutura hierárquica das posições que a costureira pode ter em sua carreira no ambiente fabril é de fácil observação, já que, em geral, até as empresas menores conseguem

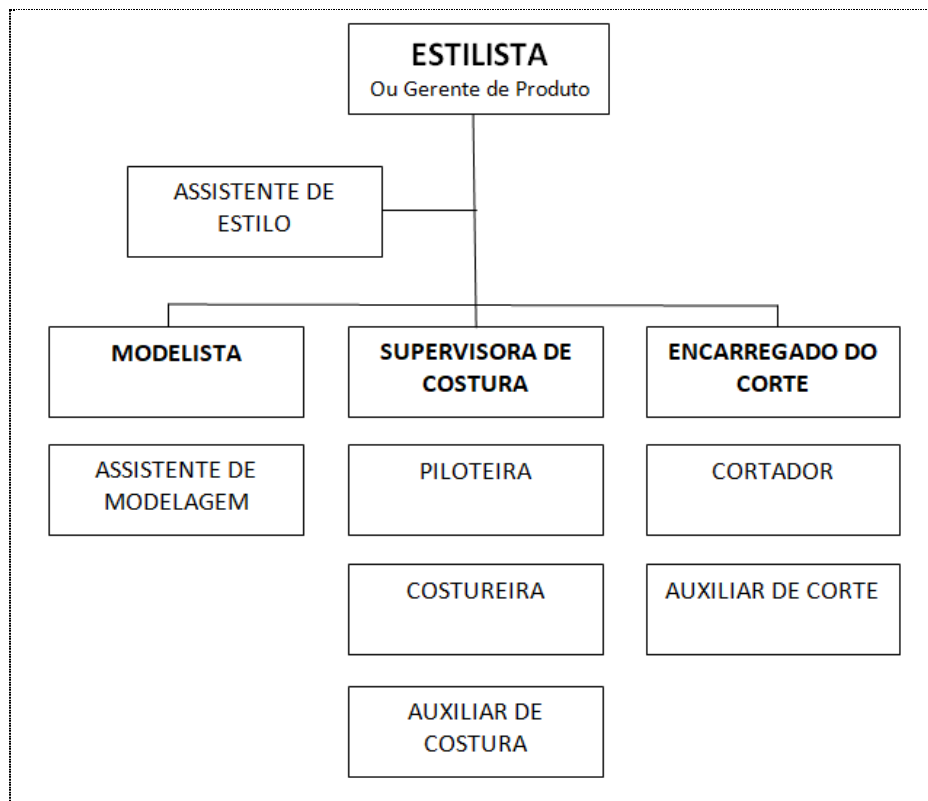
criar níveis entre suas trabalhadoras através da separação das tarefas. Segundo a classificação da CBO podemos listar as seguintes ocupações relativas a costureira fabril, classificando-as em grupos de acordo com o uso ou não da máquina como definidor para sua designação.

- **Auxiliar de costura:** a auxiliar faz a preparação das peças a serem costuradas e dificilmente costura de fato. Na maioria dos casos entrega as peças para as costureiras, desmancha alguma costura, faz as etapas de passadoria necessárias durante a montagem e gabarita⁴⁸ as partes.
- **Costureira em geral:** é o primeiro posto de ocupação da costureira quando entra na fábrica. Na maioria das vezes lhe é conferida uma especialização de montagem, na qual segue por muito tempo, até que, por algum interesse interno, seja movimentada para outro posto. Esta costureira pode ser uma costureira de bolsos, de golas, de punhos e por assim adiante.
- **Costureira de amostra:** também conhecida por “Piloteira”, dentro da fábrica é o posto de maior prestígio entre as costureiras. A remuneração é um pouco mais alta do que as demais costureiras, pois a profissional que monta as peças piloto precisa conhecer todas as etapas do processo da montagem de cada tipo de peça.
- **Costureira de máquinas industriais:** esta é uma denominação generalizada para as costureiras em geral que é pouco utilizada para orientação de seus cargos no interior da fábrica. Acredito ser utilizada apenas para denominação de função na carteira profissional.
- **Costureira de máquina reta e costureira de máquina overloque:** estas duas especializações da costureira são bem limitadoras e por isso são utilizadas para enquadramento apenas em grandes empresas. Em geral a “overloquista” é uma costureira com menos qualificação, pois o domínio desta máquina não exige tanto conhecimento. A overloque é utilizada, principalmente, para acabamentos internos e para unir as peças de malha, em geral fáceis de trabalhar.

O organograma que apresento a seguir mostra um exemplo de estrutura das posições da costureira e a relação de hierarquia entre elas e outras funções dentro da empresa.

⁴⁸ Os gabaritos são moldes de um papel mais grosso que são utilizados para desenhar o tamanho correto que deve ser seguido na confecção de alguma parte. O gabarito é um recurso utilizado para manter a padronização das peças fazendo com que todas tenham a mesma medida independente de qual costureira fizer a montagem. O processo de “gabaritar” consiste em várias ações que vão desde desenhar pelo lado avesso onde será costurada aquela parte até passar ferro com o auxílio do molde o tamanho exato da dobra de tecido. Esta tarefa é básica na indústria e normalmente é feita nas partes pequenas da peça e que visualmente os erros ficam mais evidentes como golas, punhos, colarinhos, bolsos e cós.

Figura 1 – Organograma de Desenvolvimento de Produto



Fonte:elaboração da autora.

Ana e Beatriz tiveram algumas incursões como trabalhadoras fabris, mas hoje atuam como faccionistas. Graça fez uma movimentação contrária, iniciou como faccionista e foi migrando para a fábrica, sua atual posição. Heloisa é a única das entrevistadas que iniciou no seu primeiro emprego como auxiliar de costura, virou costureira e permaneceu no ambiente fabril.

A principal característica que elas apontam sobre o trabalho na fábrica é a separação das etapas, e a costureira normalmente atua em uma operação específica durante um longo período de tempo até ser movimentada para outra. Para Beatriz, esse foi um dos descontentamentos com a posição fabril no início de sua carreira, pois não via crescimento pessoal ou profissional na repetição de uma única tarefa dia após dia.

Era separado por célula [...] cada costureira fazia uma partezinha (Heloisa).

Cada uma fazia uma coisa tipo eu só overlocava, a outra fazia viés... (Beatriz).

Essa separação também pode ocorrer por tipo de peça, e as costureiras podem ficar separadas em grupos ou células de trabalho de acordo com o tipo de peça que produzem. Essa

separação por célula visa facilitar o trabalho e torná-lo mais rápido por causa da repetição de tarefas. Dentro de cada célula, ainda existe a definição de tarefas por costureira, o que faz com que o trabalho repetitivo seja maior ainda. A costureira da célula de camisas pode ser a costureira que faz bolsos e passar todos os dias repetindo a mesma operação, o que segundo Ana serviria para aumentar a produção:

Toda firma as pessoas preferem: Ah ela faz bolso, deixa ela produzir bastante. Elas preferem perder todo o potencial que ela tem (Ana).

Depois de sua experiência fabril, Ana preferiu o trabalho adomicílio porque sentia que “como empregada a costureira é muito desvalorizada”. As queixas contra a rotina de operações é uma constante nesse grupo de entrevistadas, que se sentem presas a um posto de trabalho que não lhes confere nenhuma perspectiva. Ana acredita que as trabalhadoras só recebem alguma oportunidade para trocar de função quando cobra insistentemente de seus superiores uma mudança, sem nunca ter um investimento por parte da empresa na qualificação permanente em outras funções. Isso acabava fazendo com que buscassem empregos em outras empresas, na tentativa de iniciar em outra operação que não a anterior para poder modificar conhecimentos e rotinas.

Graça e Heloisa chamam atenção para importância dos registros de empregos na carteira profissional quando destacam o impacto de uma “boa carteira” na hora de mudar de emprego. Segundo Graça, sua carteira era “bastante furada” com muitas idas e vindas, coisa que as empresas normalmente não gostam. Heloisa reforça esse tipo de preferência quando diz que um de seus patrões gostou de sua carteira, pois tinha identificado que não era uma pessoa que pulava de galho em galho e por isso foi contratada.

Outra constante na fábrica é a testagem de novas costureiras. Graça diz que nas empresas em que trabalhou era frequente a presença de aspirantes ao cargo de costureira realizando testes. Ela entende que as empresas testam novas costureiras, pois havia muitas profissionais de idade avançada na área da costura e, segundo ela, era muito difícil trabalhar com pessoas idosas. Ela ressalta que por serem mais velhas, não tinham bom rendimento na produção e que, por serem funcionárias antigas, possuíam muitas “manias” e “queriam ser o dono da empresa”.

Heloisa parece ter criado um sistema defensivo sobre a especialização em determinada tarefa ao ingressar em um de seus empregos. Segundo a entrevistada, tentando se preservar de possíveis movimentações não desejadas, não contou tudo que sabia fazer quando entrou na

empresa. Informou que sabia apenas fazer bainha e pregar bolsos para ir conhecendo a situação antes de ser colocada em um posto que não quisesse.

É possível constatar em seus relatos que são as movimentações de postos que trazem os maiores crescimentos profissionais para estas entrevistadas, já que seguindo na mesma função pouco tem a crescer. Isso porque os processos de cada função uma vez dominados geralmente não possuem mudanças, e raramente são influenciados por alguma melhoria tecnológica; fazendo com que não haja grandes evoluções técnicas na posição ocupada. Somado a este fator, o crescimento salarial normalmente só é feito em função da liberação dos dissídios anuais propostos pelos sindicatos que regulamentam a profissão e em geral nunca são valores significativos, mas um pequeno crescimento que acompanha a inflação. Assim, são nas pequenas movimentações de postos internamente na empresa que existe a possibilidade de um duplo crescimento: de conhecimento e de salário.

Segundo Heloisa, foi após uma redução de equipe que teve a oportunidade de passar a fazer peças inteiras. Neste momento, se obrigou a aprender as outras etapas, e ambas, ela e uma colega, acabaram adquirindo conhecimentos que não tinham anteriormente para “dar um jeito” e conseguir executar todo o processo. Graça relata que teve a oportunidade de movimentar-se entre postos devido à sua experiência com a montagem de vários tipos de peça e assim se tornou um tipo de costureira substituta para as faltantes.

Mas aí era assim: como eu sabia, eu entendia de tudo pregar gola, pregar manga pregar punho... Então eu não tinha um serviço fixo [...] sempre faltavam. Todos os dias tinha falta de costureira. Aí era: Ah faltou fulana, vai lá, vai lá cobrir [...] foi melhor porque eu fui aperfeiçoando (Graça).

Ainda assim, o trabalho acaba sendo sempre muito monótono, pois com o passar dos anos e com a aquisição de experiência, todos os processos tornam-se repetitivos já que não surgem novidades em relação à costura.

Sim, eu queria fazer uma outra coisa que não fosse isso, todo dia a mesma coisa...[...] Depois eles ainda dizem assim: é lançamento... mas que lançamento? Vem sempre a mesma coisa [...] eu tenho calça do meu marido de anos atrás que eu olho que são as mesmas coisas que eu tô fazendo hoje que é lançamento... eu não vejo nada diferente, né [...] por isso que eu queria mudar, sabe, fazer uma coisa diferente (Graça).

Ambas possuem máquina em casa, mas Graça diz que não a utiliza, porque não sobra tempo e já basta sua rotina de horas sentada à máquina no trabalho. A máquina está colocada em um cômodo separado, onde divide espaço com coisas variadas de pouso uso. Heloisa diz

que volta e meia acaba fazendo um conserto ou alguma peça para familiares e mostrou seu espaço destinado acostura em outro cômodo da casa para quando faz estas pequenas incursões fora do trabalho. Ela montou este espaço em uma época que esteve desempregada e passou a fazer e comercializar lingerie e acabou deixando de lado quando voltou a ser empregada. Hoje diz que o espaço está ali esperando um novo momento de desemprego ou a aposentadoria.

b) A facção

Ana e Beatriz trabalham como faccionistas há bastante tempo. Ambas trabalham em casa, mas possuem uma construção no pátio da casa conseguindo separar o ambiente de trabalho do ambiente doméstico, apesar da proximidade. Essa configuração de espaço é a mais comum entre as costureiras faccionistas, mas em meu cotidiano profissional tive contato com muitas que acabam usando um espaço da própria casa para execução de seu trabalho, compartilhando em sua maioria a sala ou cozinha com seus afazeres.

Beatriz possui uma MEI registrada para conseguir legalizar seu trabalho e fornecer notas fiscais de seu serviço, já que este é o modelo padrão das terceirizações que legitima a contratação sem criar irregularidades para os dois lados. Elas trabalham sempre com no máximo duas empresas, e na maior parte do tempo preferem atender apenas uma. Os relacionamentos com as empresas que demandam serviço para elas são longos. Ana trabalha há uns 20 anos com a mesma empresa intercalando períodos de concomitância com uma ou mais empresas na época que tinha mais funcionárias. Ana já teve uma empresa legalizada, com várias funcionárias e relata sua experiência com um péssimo resultado final já que trabalhava muito, tinha maior carga de responsabilidade com as funcionárias e estas não tinham a mesma consideração pelo trabalho. Teve ainda problemas judiciais com algumas delas, que a prejudicaram, pois, segundo Ana, só queriam tirar o seu dinheiro. Hoje prefere trabalhar sozinha e quando precisa de ajuda chama uma senhora que é de sua extrema confiança que a ajuda com a preparação das peças e recebe pelo seu dia de trabalho. Segundo ela, ter mais pessoas trabalhando na facção não está diretamente ligado ao ganho, pois as obrigações trabalhistas e a falta de comprometimento causam enormes custos, observando que, em várias situações, constatou que ganharia mais dinheiro trabalhando sozinha do que com empregadas. Além disso, a difícil gestão das pessoas era um dos fatores de estresse que fazia com que em determinadas vezes ela se comprometesse com grandes demandas de trabalho que não conseguiam ser atendidas devido a problemas internos, como faltas e

desistência das funcionárias sem avisos prévios. Logo, trata-se de uma posição que, em geral, não tem uma estrutura hierárquica e operacional robusta.

Através da minha experiência profissional na confecção, pude averiguar que mesmo as facções um pouco mais desenvolvidas e que possuem empregadas ou até ajudantes, frequentemente, também se utilizam do espaço ou pátio de sua residência para instalação da facção. Esse fato só deixa de ocorrer em empresas de tamanho maior que prestam serviços para grandes magazines de moda e por isso precisam atingir grandes volumes de produção. Não é o caso de nossas entrevistadas que recebem no máximo produções que giram entre 50 e 150 peças.

Graça disse que um dos motivos que a levou mudar de posição de faccionista para empregada fabril foi o fato dela não gostar de ficar em casa, sem mudar de ambiente para ir até o trabalho. Ela gosta de levantar e sair, “esse negócio” de ficar em casa não deu certo para ela. Não conseguia ver o serviço da casa por fazer e ir lá sentar na máquina e trabalhar.

Beatriz até preferiria trabalhar como empregada em uma empresa em detrimento a ser faccionista, já que não tem mais filhos pequenos e que isso possibilitaria sair de casa de manhã cedo e voltar só no fim do dia sem preocupações. Mas o fato de ter se acostumado a gerenciar o seu próprio trabalho traz a dificuldade de se acostumar novamente a receber ordens. Assim, já fez algumas tentativas de voltar para fábricas, mas que não deram certo. Ela acaba se estressando muito com os superiores.

Ana acha que, atualmente, com a experiência de vida que tem, escolheria trabalhar em uma empresa a trabalhar em casa, pois tem certeza de que a pressão e o compromisso envolvidos são diferentes. Ela alerta que se a pessoa não for muito ambiciosa e determinada, trabalhar em casa pode ser uma armadilha. Nesse sentido, ela quer dizer que a liberdade do trabalhador é uma ilusão, já que a autogestão do tempo, embora pareça trazer tranquilidade, não resulta em um bom resultado financeiro. A vida da faccionista é medida com o rendimento da produção e finalizar um lote marca a possibilidade de iniciar outro e assim sucessivamente. Como seus ganhos sempre vão depender dos lotes entregues, quanto maior o número e a qualidade das entregas, maiores serão os ganhos.

Ressalto a qualidade também, pois peças que não passam pela vistoria da empresa contratante são devolvidas para que a costureira faça o conserto e, até que o finalize, não receberá outros lotes para produção. Às vezes, a costureira e a empresa acordam um desconto no valor por peça se a qualidade da costura tiver ficado aquém e a costureira não tiver interesse no conserto ou a empresa tenha pressa na entrega do produto a seus clientes. Quem costura sabe: toda costureira odeia consertos!

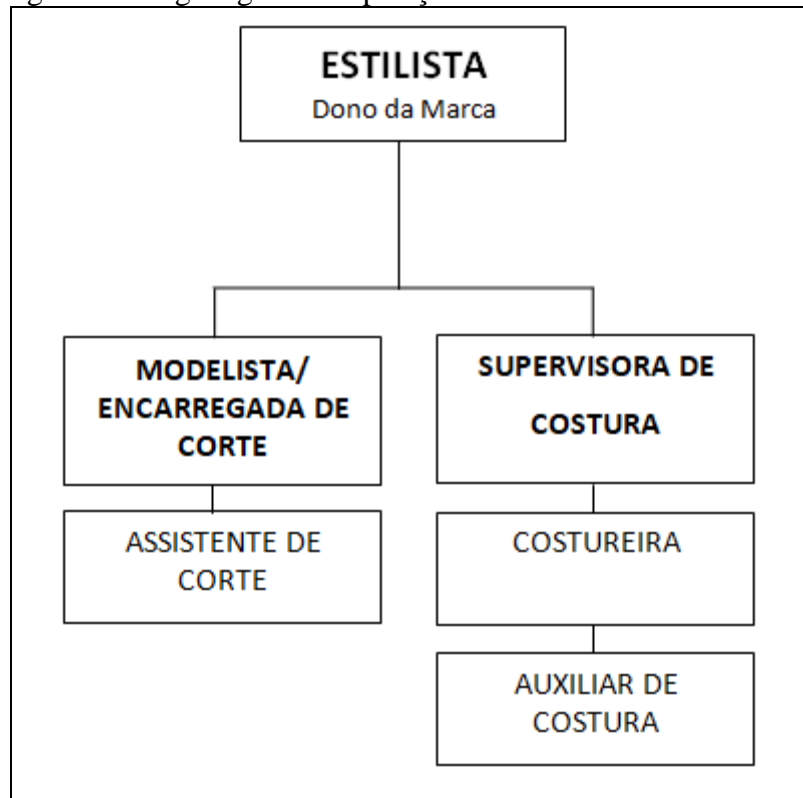
Outra questão levantada por Ana é o estresse ocasionado pela falta de certeza dos ganhos que sempre podem variar muito, já que são afetados pelos fatores listados anteriormente e também por questões relativas à saúde, problemas pessoais e até técnicos, como uma máquina estragada ou a falta de luz. Ela diz que com o passar dos anos foi aprendendo a se autogerir e conhecer as problemáticas ocasionadas por cada um dos fatores mencionados. Quando faltava luz ou a máquina quebrava, por exemplo, adiantava todo o serviço que não dependia da máquina e, se a data de entrega do lote estivesse próxima, já avisava a empresa que a ocorrência poderia influenciar a finalização. As entressafras que eram mais comuns antigamente se tornaram momentos de economia e oportunidades de resolver questões pessoais, que momentos de grandes produções, não eram possíveis.

c) O atelier de costura próprio

De antemão cabe ressaltar a especificação do tipo de atelier de costura de que estamos aqui tratando. Os ateliers caracterizam-se por ser um local de prestação de serviços de costura onde, em geral, clientes vão solicitar a construção de peças sob medida para uso variado. Na grande maioria, se concentram na execução de moda festa, já que a moda casual é facilmente encontrada em grande variedade de estilos e preços nas lojas especializadas em artigos de vestuário.

Esses ateliers de costura, que produzem moda festa, normalmente possuem um estilista ou criador que dá nome ao empreendimento e são buscados, normalmente, por indicação. É natural que nos ateliers mais renomados e bem-estruturados o estilista não tenha qualquer contato com a costura das peças e fique encarregado apenas da parte de criação. Alguns costuravam no início de seus ateliers, mas foram adicionando funcionários e se distanciando da costura, enquanto outros se formaram em Moda e nunca costuraram profissionalmente. A estrutura desse tipo de atelier compõe-se basicamente da maneira ilustrada a seguir.

Figura 2 – Organograma de posições do atelier de costura



Fonte: elaboração da autora.

Há uma hierarquia clara, e a definição do processo fica por conta da proprietária do atelier, sempre estilista. Seu nome está sempre ligado ao reconhecimento de estilo de suas peças ou criações e, em geral, as clientes que procuram o serviço já conhecem sua fama e reconhecimento de suas peças. A estilista é quem define como será a peça, que tecidos serão usados e o estilo de corte que será feito (modelagem). A segunda pessoa de maior importância é a que executa o corte das peças, que é uma espécie de modelista-cortadora. Abaixo dela encontram-se costureiras e auxiliares de costura, que montam as peças e ajudam a fazer trabalhos mais manuais, respectivamente.

Cristina e Denise iniciaram seu contato profissional com a costura nesse tipo de empresa, onde um estilista era o proprietário do atelier. Como foi citado, Cristina entrou com o cargo de recepcionista, sem saber sequer colocar um botão em uma roupa e, conforme relata, não tinha nenhuma ambição em se envolver com a área. Na verdade, tinha recebido uma bolsa através do Enem para iniciar uma faculdade de Fisioterapia. Já era bem experiente como trabalhadora, entrou no atelier com mais de 40 anos de idade e estava em busca apenas de um emprego. Foi aos poucos ajudando as colegas com pequenas tarefas passou a se interessar por aquele universo, tanto que em pouco tempo já estava sendo treinada para substituir a pessoa que cortava as peças.

Cristina e Denise relatavam que era normal fazer uma peça-teste em um tecido propício para isso para que a cliente provasse antes de cortar a peça definitiva, com o fim de que fossem acertados detalhes de modelagem e não houvesse desperdício do tecido final. Esse processo, segundo as entrevistadas, na maioria das vezes, não fazia sentido nenhum e apenas alongava o processo da confecção. O que marcava muito essa etapa era a frase “sempre foi feito assim”. A montagem da peça para prova era feita de modo que pudesse ser desmontada facilmente e ser novamente costurada para uma segunda prova e assim na sequência. Na maioria dos casos ocorriam em torno de três provas para a entrega do vestido, sendo que a cada prova novamente a peça voltava para a máquina.

Denise diz que ficou emocionada na primeira vez que entrou no atelier, ela não tinha a menor noção de como era feito um vestido de noiva ou de festa. Ela ainda chegou a questionar se “era tudo feito ali”, pois nem imaginava que era assim que se faziam aquelas peças. Tal dificuldade de aproximação era extremamente normal, já que Denise havia feito um curso técnico de costura que contemplava apenas conhecimentos de peças casuais, muito diferentes dos processos utilizados pela moda festa. O atelier trabalha com processos mais artesanais do que os aprendidos na costura industrial, pois não segue a necessidade de escala em suas produções. Ao contrário, se sustentam por oferecer opções de exclusividade para seus clientes.

Grande parte das técnicas é aprendida no próprio atelier, ensinada pelas costureiras, que aprenderam com outras profissionais nos mesmos locais. O conhecimento técnico do domínio é passado dentro do espaço, assim como antigamente era feito nas oficinas artesanais dos mestres para os aprendizes, reforçando a hierarquia e o domínio dos saberes pelos profissionais mais antigos. Denise demonstra essa dificuldade dos novatos na entrada neste ambiente de trabalho, relatando que toda a entrada uma pessoa mais jovem é sempre conturbada, que em várias ocasiões pode observar isso. Os mais antigos querem barrar as novas ideias e manter sua posição superior legitimada pelo saber, que é desconhecido pelos novos integrantes e dificilmente compartilhado rapidamente com os novatos. Trata-se de uma prática de proteção por parte das costureiras veteranas que perpetuam as situações ou “rituais” de entrada que elas mesmas já vivenciaram em outras situações. Assim, a aceitação da costureira novata passa por uma validação das veteranas que utilizam de sua posição privilegiada de status naquele grupo para sinalizar quando a nova integrante pode sentir-se parte.

Após suas passagens por várias posições dentro dos ateliers, ambas acabaram se deslocando para funções ligadas a modelagem e corte dos vestidos, participando ativamente

da criação das peças junto aos estilistas. Em várias situações, os estilistas nem emitiam opinião sobre a criação e deliberavam toda a continuidade, entregando apenas a definição dos tecidos escolhidos pela cliente e o estilo de que gostariam. Com o passar do tempo, as duas sentiram-se incomodadas com uma situação: o reconhecimento do trabalho, a valorização final sempre era creditada ao estilista, mesmo que ele não se envolvesse em nenhuma etapa do processo de confecção. E estavam certas, como empregadas nunca poderiam superar o proprietário do atelier, pois era ele que dava “nome” às peças. Essa foi a motivação que as levou a sair dos empregos e trabalhar em casa.

De início, nenhuma das duas pensava em abrir um atelier de moda festa. Cristina continuou fazendo algumas peças em casa, mas também iniciou uma produção de peças de moda fitness. Denise saiu do atelier com a combinação de prestar serviços para eles, mas ficou esperando sem retorno e acabou oferecendo seus serviços para outro. Embora não tenha sido o objetivo inicial, as duas acabaram sendo procuradas por clientes que ou foram recomendadas ou já tinham trabalhado com elas e, aos poucos, enxergaram o potencial de seu trabalho. Assim, acabaram abrindo seu próprio negócio.

O enfoque que quero dar nessa posição é exatamente este: a visão da costureira que é proprietária do atelier de costura, caso de Cristina e Denise. Neste sentido o trabalho da costureira é muito semelhante ao dos antigos alfaiates, procurados para fazer peças sob medida e executavam ou acompanhavam todo o processo, desde a criação até a entrega ao cliente.

Denise conta que a diferença maior que sente hoje em relação ao atendimento do Atelier é a proximidade da cliente com quem de fato realiza o trabalho. Nos ateliers maiores, a cliente é atendida pela estilista que geralmente não acompanha o processo e não faz nem ideia do que foi costurado, de que forma que foi feito, e a costureira é chamada apenas para a prova. Cristina complementa que, nos grandes ateliers, a costureira deve interagir o mínimo possível com a cliente e que as definições são sempre tratadas diretamente com o estilista. Hoje, as duas tratam diretamente com a cliente todas as definições, já que são elas mesmas que fazem todas as etapas do processo – a criação, a costura da peça e até às vezes o bordado.

d) Reformas

De todas as posições estudadas nesta pesquisa, a costureira de reformas é a que ocupa uma posição de maior informalidade sob todos os aspectos. Seu trabalho está em sua maior parte do tempo condicionado a uma situação domiciliar, com uma variação muito grande de

remuneração, dependente da combinação da demanda de vários clientes que sempre geram serviços pequenos causando uma dificuldade de mensurar qual será seu ganho mensal.

A costureira de reformas é a profissional que tem o menor conhecimento técnico em relação às outras, pois em sua maioria iniciou fazendo pequenos consertos como fonte de renda extra e aprendeu a costurar informalmente. Em alguns casos, essa é uma posição de transição entre ocupações da costureira ou em uma fase de desemprego.

Beatriz sinaliza a falta de paciência como um dos motivos para não fazer nenhum serviço de reforma mesmo tendo tempo às vezes entre os lotes que produz como faccionista. O processo de prova que é exigido para o ajuste de roupas demanda bastante tempo e uma aprovação constante da cliente que define o que vai ser feito na peça, como ela demonstra na passagem abaixo:

Eu não gosto de trabalhar particular assim, não gosto![...] eu não tenho paciência. Aí tem que experimentar uma pessoa, tem que marcar e aí a pessoa: ah, eu quero aqui,ajusta aqui ajusta ali... e tu perde muito tempo... (Beatriz).

Elaine e Fátima se deslocaram para essa posição, pois acreditam que ela proporciona uma conciliação com outro trabalho da costureira que dificilmente pode ser feito em outra situação, se não em casa: a criação. As duas fazem reformas e peças inteiras alternadamente em seu domicílio. A primeira garante a elas um volume maior de serviços enquanto a segunda dá a liberdade de domínio sob todo o processo. Elaine prefere fazer as peças desde o início do que reformar, pois tem certeza de que as pessoas valorizam mais este tipo de trabalho do que os consertos, além do que, a remuneração é mais alta e melhor compreendida pela cliente. Fátima sinaliza essa dificuldade de entendimento da cliente como trabalho dos consertos que precisam ser desmanchados para depois serem feitos. Este tipo de situação de trabalho também não possui nenhuma relação de hierarquia, pois, neste caso, a costureira sempre trabalha sozinha, em sua residência.⁴⁹

No contexto das duas, ainda iniciantes na costura com apenas 5 anos de experiência, a credibilidade da costureira ainda é muito medida pelo tempo de costura e ainda estão no caminho para se tornarem “costureiras conhecidas”. Isto teria um alto impacto em seus rendimentos já que a maior parte das clientes chega por indicação e elas ainda têm poucas

⁴⁹ Salvo exceções como lojas instaladas em shoppings centers que fazem serviços de costura e reformas e em geral possuem uma estrutura diferenciada com um gerente que comanda as costureiras contratadas. Como são pouquíssimos os casos, ainda válido que a posição de costureira reformista permanece com uma característica não hierárquica.

clientes. Para Elaine, existe ainda a incidência de outro fator que influencia na credibilidade, conforme relata no trecho abaixo:

Muita gente diz assim: Ah eu conheço uma costureira. Aí a pessoa imagina uma senhora de óculos tudo e aí, aparece tu lá e daí a pessoa pensa: Ah mas costura a quanto tempo? Não pode ser muito tempo. Se não costura há muito tempo, não pode ser muito boa (Elaine).

5.1.3 Salário e remuneração

As movimentações de posição de atuação da costureira passam, em algum momento de sua carreira, pela reflexão sobre seus rendimentos em relação às tarefas que executam. Esse é sempre um critério de seleção das tarefas que vão, ou não, executar, sendo o dinheiro o balizador do empenho das profissionais, principalmente quando elas se sentem desvalorizadas.

Cristina e Denise relataram que o que mais mobilizou foi, sem dúvida, a baixa remuneração. Desde o início não se sentiam valorizadas pelo trabalho que faziam e salário que ganhavam e Denise, que entrou como estagiária, passou muito tempo ganhando pouco, o que obrigou a manter a profissão anterior por um longo tempo para se sustentar.

Além disso, com o passar do tempo, ambas foram agregando tarefas a tal ponto que antes de saírem já faziam até mesmo a criação das peças, tarefa que antes era feita apenas pelo estilista. O descontentamento com essa “exploração” pode ser verificado na fala de Denise:

Quem que tinha que fazer todo o desenho da renda era eu, né? Quem fazia diferenciação de um vestido para o outro. Na verdade, era eu que tava ali... e eu não tava ganhando para isso (Denise).

Sem dúvida, entre todas as posições, a remuneração da costureira fabril é a mais criticada. Beatriz leva em conta o valor da remuneração em várias passagens de sua carreira para escolher sua posição, sempre dizendo que quando o salário era muito baixo preferiu trabalhar em casa, pois as possibilidades de ganho eram bem maiores. Outra questão que ela diz levar em conta: as condições de trabalho que, em geral, exigem muitos sacrifícios e a remuneração obtida é pouca. Segundo ela é preferível, às vezes, trabalhar no “conforto de sua casa” ganhando até um pouco menos do que numa fábrica. Graça também citou a recusa de uma oferta de emprego pelo salário ofertado:

Eles queriam me pagar um salário lá em baixo e eu não aceitei. Eu disse: Não, então me devolve minha carteira que eu estou saindo. Eu pago para cuidarem da minha filha (Graça).

Heloisa, ultimamente, sente muita vontade de largar o emprego na fábrica e ir trabalhar em casa em função da rotina extenuante de deslocamento que a faz acordar cedo e quase não aproveitar nada de seu dia, já que retorna tarde para casa. O salário, no seu ponto de vista, não “pagaria” toda essa função e ela está convicta de que ganharia até mais se trabalhasse como costureira em sua própria casa.

Em algumas ocasiões, a experiência de Heloisa foi um empecilho para obtenção de novos empregos, pois o salário que constava em carteira já era maior do que o salário base que algumas empresas pagavam. Na verdade, o crescimento profissional legitimado por um salário, até quando deveria ser um ponto positivo e favorável para conseguir posições melhores, limitava a costureira. Ela, que já tinha trabalhado como monitora de costura⁵⁰, disse que a empresa lhe negou o emprego por que em sua carteira de trabalho constava um valor superior ao que eles poderiam pagar. Sua qualificação era boa, mas seu salário era muito alto para o que a empresa estava precisando. Em outra situação de desemprego, recebeu o convite para trabalhar com pessoas que saíram da empresa onde estava e estavam iniciando um novo projeto, mas como o salário dela era mais alto a oferta foi para que fosse com um salário menor. Mesmo sendo uma das escolhidas por seu trabalho ser referência de qualidade, não aceitou a proposta em função da diminuição da remuneração. Ela finaliza dizendo que as costureiras evoluem na costura, só que financeiramente elas não evoluem – contrapondo o aumento da experiência e domínio da técnica a quase nenhuma mudança de salários. Neste sentido Heloisa está enfatizando uma característica específica do trabalho fabril que proporciona aumentos de salário pequenos e apenas anualmente através dos sindicatos, não havendo nenhuma definição de crescimento profissional neste sentido nem um plano de carreira dentro das empresas.

Outras posições do trabalho na fábrica também estão em constante tensionamento em relação ao salário. Graça reforça que a posição de costureira piloteira envolve um trabalho bem mais complexo do que o da costureira normal e mesmo assim a diferença de ganhos nem é tão grande. A piloteira precisaria dar o seu melhor na montagem da peça, pois exige grande atenção e uma análise da melhor maneira que a peça pode ser feita a fim de evitar futuros problemas de produção. No momento da confecção da peça piloto, a costureira de amostra tem a responsabilidade de verificar se a modelagem está correta, estudar a melhor maneira de reproduzir a montagem para a produção e, ao mesmo tempo, sugerir melhorias de modelagem e acabamento que podem facilitar o processo ou melhorar o produto.

⁵⁰ Segundo a própria entrevistada a monitora de costura “*é quem distribui o serviço... uma espécie de responsável pelo setor...*”

Ao que tudo indica, tanto Graça como Heloisa entendem esta ocupação como muito mais trabalhosa e que por isso necessária de uma melhor remuneração. Graça chegou a dizer que não faria peças piloto na empresa se continuasse ganhando o mesmo salário de costureira pois o esforço não seria recompensado. Heloisa também expõe o mesmo ponto ao dizer que não se importa em aprender a fazer uma peça piloto, mas que não vai fazer disso sua rotina já que presenciou muitas costureiras piloteiras não são valorizadas por seu trabalho. Se ela passar o dia todo costurando produção de calça ou ficar o dia todo fazendo piloto vai ganhar exatamente a mesma coisa, nem um centavo a mais e é isso que a desencoraja em relação a função.

5.1.4 Tempo

O tempo de execução das tarefas relaciona-se com as diversas posições da costureira de formas distintas, principalmente em relação à autonomia sobre seu trabalho sendo que em consequência das relações de trabalho podem emergir acordos, pressões, imposições, conflitos e resistências (ROSSO, 2012).

A informação mais relevante sobre o tempo consumido pelo trabalho é que as costureiras fabris são as que possuem a menor jornada diária. O fato de estarem submetidas a uma falta de controle sob sua jornada de trabalho não resulta em uma jornada de trabalho maior. Em relação a isso, na verdade, a maior reclamação de Graça e Heloisa é o tempo gasto com o deslocamento, que segundo elas, é um tempo perdido e que as obriga a acordarem muito tempo antes e voltar para casa demasiado tarde, já que, muitas vezes, residem em outras cidades. Neste caso, a distância é o fator que impõe uma maior jornada maior e não o trabalho propriamente dito.

Uma rotina comum a todas em alguma etapa da vida é o artifício do trabalho extra para maiores rendimentos. Ana, Beatriz e Graça comentam que em várias fases da vida trabalhavam empregadas o dia todo em um local e levavam peças da própria empresa para fazer em casa à noite e nos fins de semana, como uma alternativa para ganhar dinheiro extra. Esta era uma atividade comum e amplamente praticada também por várias outras colegas. Graça fazia isso logo no começo de sua carreira quando trabalhava com sua tia, como faccionista. Como sempre havia muita demanda de trabalho, sua tia oferecia a ela um dinheiro extra para que trabalhasse aos sábados e domingos e como ela não tinha compromissos em seu tempo livre acabava aceitando.

Denise sempre utilizou o terceiro turno como horário disponível para aprender. Durante muito tempo ela e sua chefe utilizavam o horário pós-expediente para que Denise fosse treinada, enquanto a chefe executava algumas tarefas que não cabiam nas horas normais do dia. Todos os dias elas ficavam de duas a três horas após a saída das outras colegas e, enquanto Denise lhe ajudava, ela ia explicando o que estava fazendo e motivo de cada etapa.

Abreu (1986) já levantava o questionamento da jornada de trabalho das costureiras adomicílio através do relato de suas entrevistadas, que ilustro especialmente através de duas passagens: “eu levanto às seis e vou dormir às três” e “tinha noite que quando eu ia dormir era duas e meia, três horas. Já estava na hora de eu levantar. Aí eu levantava outra vez”. No caso de seu estudo, essa intensa e extensa jornada de trabalho estava relacionada ao fato de que a costureira sempre se dividia entre a produção de peças e as rotinas domésticas, ficando o tempo inteiro extremamente sobrecarregada.

Ana e Beatriz são as que mais abordam esse assunto. Trabalhar seis dias na semana, em três turnos era normal pra Ana, que levou sua vida neste ritmo por muitos anos sem se quer tirar férias. Chegou a ter problemas com a família, pois todos iam para a praia e ela voltava para poder trabalhar antes do regresso do resto da família. Houve épocas em que esteve muito estressada, virava as noites e noites sem nem descansar. Acredita que isso tenha acabado com sua saúde e tenha sido um dos motivos de uma doença recente. Beatriz não se importa também de trabalhar muitas horas, sendo que esta é uma coisa comum em seu trabalho. As duas citações comprovam a intensificação do trabalho e como ele ocupa uma centralidade em nossa vida cotidiana, além de praticamente tomar o tempo útil inteiro de uma costureira. Essas jornadas extenuantes de trabalho acabam resultando em um grande prejuízo para o cotidiano das trabalhadoras, interferindo diretamente em sua qualidade de vida através da privação de sono já que as mesmas não deixam de executar as tarefas domésticas e acabam resultando em problemas de saúde.

Cansei de trabalhar 18 horas, cansei de virar a noite me levantar de manhã, levantar da máquina, tomar um banho, pegar a sacola – porque eu não tinha carro e ir lá levar o serviço... entregar o serviço voltar para casa, sentar na máquina, trabalhar... ir até altas horas da madrugada (Ana).

Se tiver que ir até meia-noite uma hora da manhã eu estou trabalhando [...]para mim eu estando trabalhando é ótimo sabe. Se tiver que trabalhar sábado, domingo eu trabalho entendeu? (Beatriz).

Se a economia do tempo era a base da produtividade do capitalismo moderno, podemos dizer que hoje a questão da produtividade ultrapassa o trabalho e praticamente

mobiliza todos, exercendo uma pressão temporal crescente em todos os âmbitos, incluindo a vida social e familiar. Em uma época em que a concorrência globalizada é cada vez mais intensa, as empresas aumentam as exigências com o curto prazo, em fazer mais no menor tempo possível (LIPOVETSKY, 2004). Beatriz acha que de certa forma as empresas acabam se aproveitando desse comprometimento com o prazo apresentado por parte das costureiras e acabam selecionando as profissionais de acordo com a rapidez e disponibilidade para aguentar a pressão imposta.

Denise acredita que essa pressão por prazos acaba gerando a crença de que podem produzir cada vez mais rápido. Sentimento este que por vezes as levam a aceitar serviços com prazos críticos, acreditando que conseguirão vencê-los e obter bons rendimentos. Por vezes, tal situação acaba virando rotina, já que, como citado anteriormente, muitas costureiras fazem o que for necessário para honrar seus compromissos. Como relata Denise:

Isso deu margem para que agora essa outra menina que eu atendo ela fale assim: Ai, Denise, é para amanhã! Porque sabe que é possível... (Denise).

Cristina ressalta que o fato de estar trabalhando para si mesma cria outras pressões que não eram sentidas quando trabalhava no atelier, pois, embora fosse comprometida com o seu trabalho, a responsabilidade pela entrega final não era dela. Mesmo não sendo pressionada por um prazo de entrega de uma empresa contratante, a pressão sobre o prazo parece ser até mais aterrorizante, pois cada trabalho é único. Se a faccionista teme atrasar e perder futuros lotes de serviço, a costureira de atelier não pode atrasar, pois em quase todos os casos a cliente está esperando um vestido ficar pronto para uma data específica, geralmente de grande importância, como sua formatura, um casamento ou algum evento significativo. Não entregar o vestido pode acabar com a reputação de uma costureira:

A responsabilidade é toda minha né ... eu tenho prazo de entrega [...]: o vestido tem dia, tem festa, tem data, não tem como adiar (Cristina).

Com o tempo essa correria descrita pelas costureiras vira uma bola de neve que Denise relata ser impossível de ser continuada se não houver uma paixão pela profissão. Ela descreve isso como uma loucura opcional de trabalhar 24h por dia, todas as noites, todos os dias. É uma loucura tão normalizada que eu me despeço dela às 22h30 de um dia da semana dizendo que vou embora paradeixá-la descansar, ao que me responde:

Ah, tu acha que eu vou descansar? (risos). Eu vou correr ali para máquina... (Denise)

5.2 OS CAMINHOS DO APRENDIZADO

Início esta parte reforçando a característica artesanal do trabalho dacobstureira⁵¹, nem sempre valorizada ou visualizada no resultado final (produto) e como isso influencia nas questões que levanto na continuidade desta pesquisa.

Em um primeiro momento convém citar o conceito de Artífice de Sennett (2012, p.30), sinalizando como aquilo que inicialmente caracteriza o artífice sendo “a dedicação à arte pela arte”, onde as atividades realizadas têm um caráter prático, mas a sua lida não seria apenas um meio para alcançar outro fim. Com certeza seu trabalho poderia ser executado de outras formas e alcançar algum resultado produtivo, porém deixaria de lado a dedicação e envolvimento, o que Sennett chama de uma condição humana especial: o engajamento.

Toda habilidade artesanal baseia-se numa aptidão desenvolvida em alto grau[...] Em seus patamares mais elevados, a técnica deixa de ser uma atividade mecânica; as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem (SENNETT, 2012, p.30).

Para o autor, todas as habilidades têm início nas práticas corporais adquirindo conhecimentos através do toque e do movimento; e o entendimento técnico é desenvolvido através da força da imaginação (que poderia ser também entendida como criatividade), na utilização de ferramentas incompletas ou imperfeitas que nos obrigam a desenvolver a capacidade para reparar e improvisar (SENNETT, 2012).

Em seu trabalho artesanal, a costureira iniciaria seu aprendizado na execução da costura, literalmente fazendo tarefas consecutivas que culminam com o ato de costurar. Ao mesmo tempo, ao utilizar as ferramentas necessárias e executar etapas, ela se adapta e improvisa à sua maneira, criando novos processos e formando assim seu conhecimento.

Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (2011) fala que o processo de aprendizado pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente que pode torná-lo cada vez mais e mais

⁵¹ Abordo esta questão artesanal na página 49 deste trabalho quando explico a valorização do trabalho do designer. Esta característica artesanal da costura é valorizada numa esfera restrita de acesso, uma vez que quanto mais artesanal e manual for o processo de montagem de uma peça, mais cara ela será. Neste contexto podemos dizer que este trabalho só é acessível para uma parcela muito pequena de consumidores que além de valorizarem podem pagar por este tipo de produto. Assim, normalmente os designers acabam sendo os únicos que conseguem se aproveitar do benefício desta particularidade a favor da valorização dos seus produtos. No trabalho habitual da costureira, em posições fabris ligadas a elas ou com reformas, exploram-se os processos que aumentam a produtividade, que tornam o trabalho mais rápido e mais preciso consequentemente com custos cada vez mais baixos e com produtos menos valorizados financeiramente.

criador, despertada principalmente pelo seu professor, mas demanda que o aprendiz assuma a autoria do conhecimento do objeto. Nas palavras das entrevistadas deste estudo, é fácil estabelecer essa relação com o discurso de Freire, já que a curiosidade permeia as falas de todas elas.

Ainda segundo o autor, seria necessário que durante o processo de aprendizado o aprendiz mantivesse vivo certo “gosto pela rebeldia” que além de aguçar a sua curiosidade e estimular a capacidade de arriscar-se em novas tentativas, aventurando-se de certa forma, também protegeria o aprendiz de uma passividade em relação ao domínio do conhecimento. O conhecimento não seria adquirido apenas através da transmissão professor-aluno, mas também pela própria observação do aluno e dos empreendimentos críticos iniciados na construção do seu próprio saber.

O ser humano teria como vantagem ser capaz de ir além dos seus condicionantes, através de uma postura criadora em contrapartida de apenas absorvedora de conteúdo. Para Freire (2011), “é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar”, o ensino do modo “bancário” que não problematiza as situações do aprendizado.

5.2.1 Aprender

O ambiente familiar foi o primeiro contato com a costura para algumas das costureiras entrevistadas. A figura materna costurando enquanto curiosamente observavam é a lembrança de Ana e Beatriz quando descrevem esses primeiros momentos de interação com a costura. Foi com esta visualização da mãe costurando que iniciaram seus primeiros aprendizados, ainda na infância.

Eu tinha 8 anos, a mãe era costureira e eu ficava olhando a mãe costurar (Ana)

E aí a minha mãe costurava, ela fazia as roupas para meninas, e eu pegava umas máquinas lá dela e costurava. Comecei a aprender ali né... (Beatriz)

Pedi para minha mãe para o meu pai para me deixar vir aqui até ela ganhar o bebê, para ajudar ela nas costuras enquanto o bebê crescia [...] daí eu vim, morei aqui e ajudei a minha tia (Graça).

A observação pode ser tomada como ponto de partida, como um primeiro despertar para o aprendizado da costura nas entrevistadas que tiveram este contato com o ofício em algum momento. Embora existam diferenças entre o modo com que cada costureira aprendeu

a costurar, é possível identificar uma tendência natural de todas em criar um processo próprio para o aprendizado.

Quando a costura não entrou na vida das entrevistadas através do trabalho, os motivos para o interesse em aprender, em geral, estavam vinculados à vontade de confeccionar peças para si mesmas, para casa ou para família. A motivação profissional, nestes casos, seria decorrente de crescimento deste interesse. Elaine afirma isso sinalizando que após iniciar o aprendizado de costura começou a aumentar seu interesse por outros processos de forma contínua e gradativa, pois precisava descobrir como era feito tudo, do início ao fim.

Quando a gente começou o curso a gente ganhou todas as peças cortadinhas... Mas a gente nunca sabia de onde partia aquilo ali e eu comecei a ter interesse por isso (Elaine).

Eu gostaria de montar uma peça do início ao fim, sempre saber do início até o finalzinho, saber como que era feita aquela peça para mim foi o mais importante (Elaine).

Todas entrevistadas enfatizam, em algum momento, o aprendizado como um processo solitário, o qual é descrito com orgulho como resultado de seu próprio empenho. Na prática, as entrevistadas iam descobrindo novas e melhores maneiras de trabalhar através de seus próprios erros e acertos, conforme os trechos que seguem:

Eu fui descobrindo sozinha e vendo que tinha umas maneiras melhores de serem feitas (Denise).

Aprendi... não que eu seja melhor, mas eu aprendi a maioria, 75% do que eu aprendi foi solita, eu desmanchava, eu ia vendo, eu cortava sem saber (Ana).

Eu fico pensando que vai ser difícil... E aí eu vou lá e eu faço. Eu fico pensando... Ah vou fazer do meu jeito! E aí eu vou lá e corto... (Fátima).

Quando eu comecei a ver os papéis eu comecei a entender que aquilo era um molde. Então eu comecei, eu por mim mesma comecei a buscar na internet como fazer um molde e comecei a procura assim, por mim mesmo. Eu queria saber de onde que ia sair aquilo ali (Elaine).

Vou fazer por mim mesmo, vou criar eu mesma minhas modelagens, eu mesma vou fazer do meu jeito (Cristina).

E eu fui sem técnica nenhuma, técnica de internet, técnica de livro... Nada. Eu fui pela minha técnica, eu criei o meu (Cristina).

Outra recorrência nos relatos é a falta de orientação em suas tarefas, o que exigiu esse envolvimento solitário com o aprendizado. Ana fala que nunca alguém lhe passou qualquer ensinamento sobre o manejo das máquinas, sobre como trabalhar com elas. Fala

complementada por Heloisa quando cita que, em certa ocasião, a pessoa que lhe orientou sobre o funcionamento de uma máquina em seguida deixou a empresa, obrigando-a a se adaptar à situação.

Quer dizer a primeira vez, alguém me ensinou como é que era. E depois a pessoa foi embora e já começou a entrar e produção e eu tive que começar a pregar cós sem nunca ter pregado cós em calça... (Heloisa).

Cristina coloca sua situação de uma maneira um pouco mais específica que as outras, pois mesmo tendo trabalhado alguns anos em um atelier de moda festa e ter passado por várias tarefas, nunca chegou a costurar. Dessa forma, acabou aprendendo a costurar em casa, sozinha. Seu processo de aprendizado se deu de forma inversa a todas as demais, que foram adquirindo conhecimentos adjacentes à costura depois de ingressar no mercado de trabalho.

Digamos assim, eu sabia cortar, eu sabia onde era montado o vestido por partes todas, mas eu não tinha aquela destreza nas mãos de poder fazer (Cristina).

Cristina ainda cita que todas as coisas que aprendeu neste local foram ensinadas pelas próprias colegas, já que ela sempre se ofereceu para ajudá-las em suas tarefas. Assim, elas lhe explicavam o que precisava ser feito e, aos poucos, Cristina ia adquirindo o conhecimento, praticando e ajudando no serviço do dia a dia. Com o tempo, as próprias colegas a chamavam para lhe ajudar e ensinar.

E ela me dizia: vai, me ajuda a estender o pano na mesa, que quando vai cortar... Aí eu ajudava... Aí tudo ela ia falando nomes que eu não sabia [...] eu perguntava para ela: para que todo esse tecido? Daí ela falava: é para uma saia godê, vou te mostrar como é. Aí ela fazia e eu prestava atenção (Cristina).

Ana também fala que em uma das empresas que trabalhou, sempre que havia tempo entre seus consertos ia até as piloteiras⁵² e pedia que a ensinassem algo de que precisava e elas nunca se opuseram aos seus pedidos. Pelo seu relato, Ana fazia isso de modo discreto, pois não era algo permitido. Sua supervisora, no entanto, tinha conhecimento e fazia “vista grossa”, pois percebia seu bom senso e cuidado em não atrapalhar as piloteiras.

Também foram as colegas que ajudaram Heloísa no início de sua carreira quando ainda era muito jovem e sem conhecimento. Da mesma forma que Ana, as colegas lhe ensinavam em seus intervalos, de modo que não interferisse no trabalho. Nem todas tinham a

⁵² A piloteira é uma costureira mais especializada que normalmente faz a montagem da peça teste ou peça piloto quando um novo modelo é criado.

mesma boa vontade com a falta de conhecimento das novas colegas. Denise diz ter entrado na empresa para auxiliar suas colegas, e para isso era necessário que elas lhe ensinassem algumas tarefas. Entretanto ela percebia que não havia boa vontade por parte delas para lhe explicar o que não sabia.

As profissionais entrevistadas não só receberam ajuda, como em alguns casos, em outros momentos, também foram replicadoras de conhecimento. Cristina chegou a treinar quatro estagiários que passaram pelo atelier no qual trabalhou antes de abrir o próprio negócio e se mostrou orgulhosa por tê-lo feitos em nunca ter prestado um curso ou faculdade. Denise também sinaliza sua realização ao ver o crescimento das pessoas que treinou e observar sua satisfação ao aprender e ver o resultado de seu trabalho. Denise gostava muito de participar do treinamento da equipe, tarefa pela qual ficou responsável por muito tempo depois de dominar todas as funções do atelier. Foi responsável, inclusive, por montar e treinar a equipe inteira de uma nova filial do atelier em outro estado, dado o seu grande envolvimento com os treinamentos.

A atenção às colegas que apresentam algumas dificuldades no dia a dia é vista por Graça como uma forma de empatia. Diz ela que souber algo que outra pessoa não sabe logo se propõe a ensinar: segundo seu ponto de vista, a pessoa não teria porque ficar “se quebrando” por uma coisa que às vezes é tão simples para outra explicar. Em uma baixa de equipe, Heloisa viveu essa troca de conhecimentos com uma colega mais experiente e que, situação na qual aprendizado e ensinamento forma mútuos.

Das oito entrevistadas, duas nunca tiveram contato com nenhum tipo de curso ou aprendizado orientado fora do ambiente de trabalho. Ana e Heloisa aprenderam a costurar trabalhando no dia a dia da costura, enquanto Ana foi iniciada por uma pessoa da família e Heloisa pelas próprias colegas no trabalho.

Beatriz teve uma pequena vivência anterior ao mercado de trabalho, em um curso que, segundo ela, era bastante informal e mais voltado a uma atividade doméstica feminina do que especificamente uma orientação profissional. O curso, de educação familiar, tinha a costura como uma das etapas, apenas com atividades básicas, como pregar um bolso ou fazer uma gola, abordando apenas uma noção superficial da costura. Quando foi removida da escola por seu pai, Graça foi colocada em um curso com a mesma temática, seu intuito era de que ela aprendesse atividades para a casa. Graça cita que o curso era muito básico e por isso não era suficiente para aprender a costurar.

Fátima também teve algumas experiências com cursos livres de costura, que, de forma geral, sempre foram voltados a um conhecimento básico para o dia a dia, em tempos em que

era de interesse da mulher saber fazer a manutenção e reparo das roupas da família e pequenos itens de uso comum que faziam parte do enxoval doméstico. Tanto Beatriz como Fátima, enfatizam que o conteúdo era muito superficial, invalidando os cursos para um conhecimento profissional.

Eu conheci uma senhora que dava o curso na Cruz Vermelha, bem básico [...] aí eu deixava minha filha com a tia dele (o esposo) e ia para o curso. Era duas vezes na semana. Mas era o básico do básico, era assim com molde tudo pronto (Fátima).

Mas não era um curso como eu imaginava que fosse. Era um espaço onde ensinava a pessoa pregar um zíper, fazer bainha, fazer um ajuste. Aquele curso era um bem básico, o professor trazia o molde largava ele e pronto né... [...] era uma coisa muito básica, era só para ti cortar e se virar costurando (Fátima).

As três entrevistadas que tiveram contato com um aprendizado formal fizeram um curso de costura através do Senac. Elaine e Fátima participaram de um projeto⁵³ para a capacitação profissional de mulheres. Seu aprendizado, por ter sido mais extenso, oportunizou o contato com mais conhecimentos específicos que normalmente não fazem parte do plano de conteúdo de um curso de costura normal. Denise que fez o curso de costura no Senac também fez o curso padrão de costura, pois seu interesse maior era adquirir conhecimento apenas para confeccionar suas próprias roupas.

Fátima, que já tinha tido contatos anteriores com cursos mais básicos, relatou que este novo contato com a costura se deu a partir de seu gosto e interesse pela área, fazendo brotar novamente aquela curiosidade por aprender, característica de outras épocas de sua vida.

Embora as entrevistadas que passaram por este tipo de aprendizado formal tenham tido orientação, é claro que todas esperavam conhecer mais do que é apresentado no curso. De forma geral o que podemos formular é que as pessoas compreendem a costura como um saber que envolve o entendimento da modelagem, corte e costura de uma peça – desde o momento

⁵³ O Projeto Confeccionando Sonhos era uma iniciativa da Abrasinós com sede em Esteio e contou com recursos do programa Integração Petrobras Comunidade, além da parceria da prefeitura, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), Sistema Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul (Sescoop) e Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs). O objetivo era garantir uma oportunidade sustentável de renda para 30 mulheres de sete bairros do Território da Paz de Esteio, na Região Metropolitana de Porto Alegre. Para isso, durante dois anos elas passaram por atividades que abrangiam desde o desenvolvimento da autoestima até aulas de corte e costura e empreendedorismo. O maquinário completo para a pequena indústria foi adquirido pelo projeto e utilizado na fase de aprendizado. As aulas aconteceram no antigo espaço da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, junto à usina de reciclagem e ao horto da cidade de Esteio. O objetivo além da capacitação era criar uma cooperativa de costureiras estruturada e em pleno funcionamento, iniciando pela produção de uniformes e partindo em seguida para coleções diversas, inclusive com marca própria. Os trabalhos foram iniciados em abril de 2013 e se concluíram em maio de 2017 com o lançamento da coleção própria da Cooperativa. Fonte: <https://confeccionandohonhos.wordpress.com/about/> acessado em 01/06/2018.

da idealização até de fato a finalização. Porém ao iniciarem os aprendizados constata-se que o conteúdo do curso se refere sempre apenas à montagem da peça, com conteúdo limitado sobre corte e nenhum conteúdo referente à modelagem. Esta constatação, segundo as entrevistadas, seria uma decepção e um grande obstáculo, já que não fica claro para as aspirantes que a costura envolve um complexo grupo de saberes interligados.

E muita gente desanima porque entendem que vão chegar lá e vão aprender tudo. Que vão saber tudo de corte e costura... Só que é uma coisa bem complexa para saber tudo, então eu acho que muita gente se decepciona com um curso de costura por causa disso (Elaine).

Elas sempre deixaram bem claro: o que vocês estão aprendendo aqui é corte e costura, não modelagem (Elaine).

É muito simples, ele não te mostra como fazer uma peça. Ele te mostra parte final, isso é a parte final do processo (Elaine).

A reclamação quase geral do grupo de entrevistadas quanto ao nível de informação tratada nos cursos merece ser destacada com mais relevância. Como aprendizes, a expectativa delas em relação ao conteúdo sempre foi muito maior do que o apresentado nos cursos, que elas definem como muito básicos. Mesmo Heloisa, que já teve interesse em fazer um curso de costura para se qualificar, desistiu devido a comentários generalizados justamente sobre a superficialidade do conteúdo, acabando por se desestimular.

Célestin (2002 apud GUIMARÃES, MOCELIN, 2012) especifica três diferenciações para a aprendizagem. A aprendizagem formal é aquela aprendida em um estabelecimento de ensino ou de formação e formalizada por um documento socialmente legitimado, certificado ou diploma. A aprendizagem informal é proveniente da experiência individual, decorre de atividades da vida cotidiana ou ligadas ao trabalho, à vida ou ao lazer. A aprendizagem não formal não é adquirida em um estabelecimento de ensino ou de formação, mas a habilidade adquirida que tem cunho profissional, e foi obtida através de atividade prática, tal como o conhecimento tácito, sem obter um documento formal, certificado ou diploma.

Após a análise do conteúdo dos depoimentos, consegui sintetizar os diferentes processos de aprendizado em uma sequência de três etapas. Destaco que é notável uma aproximação destas etapas que elaborei com algumas relações que Sennett (2012) faz sobre o aprendizado⁵⁴, embora tenha tido contato com o autor apenas após a análise do conteúdo das

⁵⁴A partir da leitura de Sennett, poderia dividir o aprendizado em três momentos que passariam de um contato ou aquisição de um conhecimento que proporcionava um fazer, a prática e a repetição de determinada ação que através da organização da repetição permitiria uma autocrítica, e através da repetição a chegada à um terceiro

entrevistas e o agrupamento dele nestas três etapas. Uma agradável surpresa que validou este pensamento que apresento.

Estas três etapas do aprendizado de costura foram estruturadas no quadro abaixo e podem ser resumidas conforme os tópicos que apresento em seguida.

Quadro 5 – Etapas do Aprendizado de Costura

	ETAPA	QUESTIONAMENTO	EXPRESSÕES IMPORTANTES
1	Fazer	Como posso fazer determinado processo	a) necessidade de aprender b) vontade de aprender c) curiosidade
2	Praticar	Como faço para que isso funcione	a) arriscar-se b) aventurar-se c) criar
3	Transformar	Como posso melhorar meu conhecimento	a) lapidar técnicas b) incorporar conhecimentos c) trocar experiências

Fonte: elaboração da autora.

1 **Fazer:** Nesta fase surge o interesse pelo aprendizado, despertado ou movido de forma geral pela curiosidade e pela vontade de descobrir como fazer determinada etapa de costura. Neste momento são feitas as primeiras descobertas e iniciam-se as primeiras ligações que a costureira associa a cada etapa da costura, através da própria ação de costurar.

2 **Praticar:** Também entendida como treino, nesta fase a costureira faz repetidas vezes a mesma tarefa de forma que consiga descobrir a melhor maneira de executá-la. Essa etapa finaliza com a definição de qual será o método assumido por ela para aquele processo específico.

3 **Transformar:** Trata-se de uma maturidade da prática, em constante renovação e nunca finalizada. Muitas vezes novos processos podem ser inseridos nas etapas de costura para que a costureira melhore a execução das tarefas.

Com intuito de exemplificar de que modo estas etapas aparecem ao longo do caminho do aprendizado, apresento as três em sequência, ligando as análises feitas por mim aos relatos de extrema riqueza das entrevistadas.

- **Fazer**

momento após desenvolver a sua capacitação que seria o momento onde a pessoa acaba mudando aquilo que repete por causa da sua especialização.

As motivações para aprender a costurar são baseadas principalmente na curiosidade das entrevistadas em descobrir como era o fazer. Ana e Beatriz falam sobre sua vontade em aprender nos trechos abaixo, sendo que Beatriz ainda relata que descobrir como fazer seria resultado do próprio interesse dela com o seu trabalho.

Eu tive ambição de aprender. Não! É curiosidade! Curiosidade de aprender... (Ana).

Como eu comecei a trabalhar e eu queria muito saber das coisas, eu queria estar por dentro... (Beatriz).

Porque que eu tô pregando essa manga? Qual é que é a frente, qual é as costas? O porquê daquilo ali quando dava a peça errada.... Tá, mas porque tá acontecendo essa coisa errada aqui? Eu queria saber porque... (Beatriz).

Denise conta que o maior motivador para seu aprendizado foi identificar que as colegas executavam tarefas de forma muito demorada e sempre da mesma maneira. Segundo ela, essa indignação inicial com um processo único e extenuante teria sido o estopim para sua vontade em descobrir outras formas de realizar as tarefas. Em seu caso, que trabalhou desde o início em um atelier de moda festa, eram necessários dois dias inteiros para montar um único vestido e ela questionava as colegas que lhe afirmavam ser aquele o único jeito possível. Como ela mesma cita, “não era possível que só existisse aquela maneira de fazer”.

Fátima levanta outra questão que aparece com frequência em outras entrevistas: a necessidade de saber. Relata que ela e as colegas precisavam executar determinada tarefa e na falta de ajuda ou orientação, acabavam precisando “descobrir por elas mesmas” como deveria ser feita. Ela também afirma que colocava o aprendizado como uma obrigação motivacional, “eu tenho que aprender” e gerenciava isso como uma motivação para buscar maneiras de obter informações e pesquisar sobre determinado assunto. Sua teimosia, segundo ela, também foi motivação para aprender melhor, pois queria fazer as coisas bonitas desde o início e isso a obrigava a buscar alternativas para a falta de conhecimento.

Nesta fase de descoberta, Denise conta que era tanta a sua vontade em aprender que saía de casa de manhã cedo e deixava vídeos carregando em seu computador. Em uma época em que a Internet não era tão veloz e os conteúdos não tão vastos, essa era a estratégia criada por ela para conseguir descobrir novas técnicas. Assim, quando retornava para casa à noite, dedicava um tempo para o aprendizado.

Para Sennett (2012) essa primeira fase do fazer está diretamente ligada às práticas corporais, as ações que levam de fato a executar determinada tarefa e criar a habilidade para fazê-la.

- **Praticar**

No momento em que entende a maneira de fazer determinado processo de costura, a aprendiz entende a necessidade de praticar aquela técnica. Cristina relata que depois que “pegou bem o básico” começou a treinar muito em casa, cometendo alguns erros crassos, alguns acertos, mas sempre continuando com o treinamento. Aos poucos, foi se sentindo capaz de iniciar alguns trabalhos para fora, confessando que tinha medo no início. Cristina sentia-se muito segura com a parte do corte que era a que mais dominava, mas ainda sofria um pouco com a costura, atividade na qual o treinamento lhe ajudou muito a superar sua insegurança. Aos poucos as ideias iam surgindo, iam aparecendo e as coisas ficando mais fáceis.

Denise comprava uns pedaços de tecido e mesmo sem entender nada de modelagem ia cortando as peças e costurando para treinar. Fátima também utilizava o mesmo processo: comprava tecidos para testar e aplicar o que tinha aprendido na aula sempre que possível. Ela conta que isso foi essencial porque aos poucos foi adquirindo domínio, aprendendo e gostando mais, tendo certeza de que era aquilo que queria como profissão.

A repetição parece ser uma das características mais importantes desta fase de aprendizado, já que as costureiras relatam a constante prática como rotina. Sennett (2012) sinaliza que a revisão repetida de uma ação permite a autocrítica daquela atividade, sendo que o desenvolvimento da capacitação está diretamente ligado a maneira com que é organizada esta repetição. Ana diz que um dos métodos que a ajudou no aprendizado consistia em desmanchar a peça que recebia para ser o modelo da produção que ia confeccionar. Ela abria a peça inteira, analisava e costurava. Fazia o mesmo processo uma segunda vez e só então iniciava a produção do lote que havia sido encomendado. Ana fazia isso, pois não podia recusar nenhum serviço e a maioria das vezes não tinha conhecimento suficiente para fazer a montagem das peças que recebia, porém, por necessidade, assumia o trabalho.

Beatriz fala da importância da prática e do erro, relatando que sempre corrigia seus próprios erros no momento da montagem. O processo de montagem feito por etapas facilita a visualização dos erros e sempre ajuda a melhorar a próxima montagem utilizando a mesma técnica. Assim, a escolha final do processo de costura sempre vai ser resultado da compilação de erros e acertos durante a montagem de determinada peça. Cada costureira vai se adequando em sua própria prática através da visualização de seus erros. Este diálogo entre práticas concretas e as ideias é o que evolui para um hábito prolongado, criando uma troca contínua

entre a detecção e a resolução dos problemas que surgem, utilizando as soluções para desbravar novos territórios (SENNETT, 2012).

O sentimento de estar se “arriscando” ou se “aventurando” perpassa os relatos de várias das entrevistadas, que mencionam isso como parte essencial do processo da prática. Arriscar-se faz parte das tentativas que podem ou não resultar em erros, mas de qualquer forma resultam sempre em algum aprendizado significativo. Essas profissionais acreditam que essa ousadia seja necessária para impulsionar o aprendizado da costura já que o mesmo exige a experiência da prática muito mais do que soluções teóricas.

- **Transformar**

O aprendizado da costura nunca está terminado, sempre existe outro jeito que pode ser feito, outra forma de ser estudada, uma dica a ser incorporada. Nesta fase, os conhecimentos já foram assimilados, testados e definidos, mas ainda podem ser lapidados através de novas informações. Para Sennett (2012), “à medida que uma pessoa desenvolve sua capacitação, muda o conteúdo do que ela repete, pois a observação sempre vai focar em um novo problema e a criatividade para uma nova solução. Esta é uma fase sem fim, que entendo que se encontram todas as entrevistadas a respeito da costura. Já maneira com que elas se enxergam pode ser um pouco diferente, pois depende da expectativa de cada uma em relação à costura.

Em geral, a aquisição de novos conhecimentos é feita de forma contínua e menos intensa, já que, nesse momento, o trabalho não depende deles. De qualquer forma, é interessante verificar que as costureiras mais experientes apenas absorvem isso na sua rotina, não especificando de que forma fazem, parecendo ser um processo naturalizado no cotidiano.

Fátima é a que mais se empenha em explicar as formas que utiliza para continuar aprendendo, talvez por ser uma das que está a menos tempo envolvida profissionalmente com a costura. Ela diz que toda vez que desmancha uma peça para fazer alguma reforma, aproveita para verificar de que forma foi executada. Além disso, procura registrar em fotos os detalhes que vê nas roupas para depois tentar executá-los e assim aprender mais. Segundo ela, a interação com outras costureiras também é imprescindível para melhorar os conhecimentos, pois cada uma possui uma maneira de trabalhar e trocar experiências pode-se encontrar melhores processos para determinada técnica. Além disso, enxerga a costura como um fazer ligado à experiência e sendo assim, as mais experientes sempre terão alguma dica sobre um jeito “mais fácil” de fazer a mesma coisa.

Elaine sente falta exatamente dessa troca entre as profissionais, pois também acredita que sempre existem várias maneiras de fazer a mesma coisa. Esses truques que são conhecidos por outras pessoas além de facilitar o trabalho podem melhorar até o acabamento das peças. Graça diz que o que mais funciona para ela para melhorar uma técnica é sentar e fazer. Sempre foi assim com ela, para aprender precisa praticar.

As entrevistadas também citam a tecnologia como um aliado nos tempos atuais já que antigamente não era nem possível imaginar buscar conhecimento dessa forma. Algumas dela recorrem seguidamente ao Google buscando descobrir algo que não saibam, Fátima inclusive diz que muitas das coisas que aprendeu foi através da internet por não ter onde buscar este tipo de conteúdo. Em certa ocasião precisava muito descobrir como passar os fios do overloque e nenhuma de suas colegas sabia sendo que foi através de um vídeo do YouTube que aprendeu a fazer. A sobrinha de Heloisa também fez com que ela interagisse com um canal de costura no YouTube quando pediu para ela fazer uma peça específica de roupa para ela. Heloisa disse que ver a pessoa fazer e explicar ensinando todo o processo todo foi uma maneira muito fácil para ela que já tem bastante conhecimento em costura, tirou de letra.

5.2.2 Formação profissional e qualificação

Segundo Cattani e Ribeiro (2012), a formação profissional seria a forma de designar os processos educativos que permitam ao indivíduo adquirir e desenvolver conhecimentos teóricos, técnicos e operacionais relacionados à determinada profissão. Além disso, a existência da profissão está ligada ao seu caminho de formação, sendo que devem estar claros seus limites e abrangências e o reconhecimento desta formação, sendo que ele se dá numa relação entre os pares e a sociedade onde se forma.

Historicamente a escola destinada à formação teve variadas relações com a escola regular, passando da completa separação às iniciativas legais de integração. Hoje vivemos um momento em que a formação profissional passou a ser denominada como educação profissional e pode estar vinculada ou não à educação escolar.

Para Arroyo (2012), a questão central na escola do trabalho não está em tornar o povo instruído no domínio de conteúdo, mas experimentar, até na escola, o trabalho, sua organização e as relações sociais que surgem em função dele. Nosella (2012) sinaliza que foi a educação burguesa que assumiu a tarefa de aprimorar a força de trabalho para os mercados de trabalho, se preocupando em tornar esta mão de obra mais adequada às funções nas fábricas e nos serviços modernos. Em se tratando de educação profissional, Fischer e Franzoi sinalizam que neste tipo de educação:

São reforçadas as compreensões estritas sobre o manejo da técnica sem a problematizar, sem que a mesma seja compreendida como construção humana. Separa-se então técnica de todo o pensamento e formação humana, que a ela estão intrinsecamente associados; separa-se fazer e pensar, inseparáveis em qualquer atividade humana (FISCHER, FRANZOI; 2009, p. 41).

Essa situação de separação entre o fazer e o pensar está absolutamente visível na educação da costureira que normalmente recebe conteúdos práticos que reforçam sua atividade laboral e de maneira alguma lhes oferecem a compreensão da confecção do vestuário. Essa característica educativa direciona a trabalhadora da costura por um caminho cada vez mais submisso em relação ao mercado em todas as posições que pode ocupar. Denise sinaliza que a costureira sempre vai ser associada a “uma coisa de pobre”, demonstrando uma tendência de oferta para uma demanda de pessoas “que sobraram”, os que ainda não possuem um destino qualificado e que vão se sujeitar a fazer trabalhos menos reconhecidos em função de sua falta de opção.

Mesmo dentre as entrevistadas que não tiveram contato com algum curso de costura, definiam esse tipo de aprender formal muito importante para a vida profissional. Fátima coloca que, embora saiba algumas coisas “do seu jeito”, acha importante conhecer a técnica de como fazer. Graça sinaliza que gostaria de ter aprendido a costurar da maneira correta, mas com o passar dos anos já perdeu o interesse, pois não tem vontade de fazer um curso para aprender a parte básica, como deixa evidente no trecho de seu relato em que conta sobre um diálogo com uma supervisora:

Mas eu dizia: Ah, dona Maria, a gente vai perder tempo fazendo um básico? O básico dos básicos? Eu dizia para ela... (Graça).

A valorização do conhecimento teórico pelas empresas, normalmente apresentada sob a forma de uma certificação, seria para Heloisa um diferencial, já que ela acredita que isso sempre se sobrepõe ao conhecimento prático que em geral é adquirido pela própria costureira no dia a dia de seu trabalho. De tal forma que ela diz que sempre teve muita vontade de aprender, de frequentar alguma escola para adquirir estes conhecimentos. Apesar de ter certeza de que seu aprendizado é uma aquisição de conhecimento de extrema relevância para sua trajetória profissional ela diz que ele não é levado em conta pela empresa que trabalha atualmente. Para ela todos esses anos de experiência não valem nada para seus superiores.

Heloisa constrói uma comparação entre a educação escolar e sua experiência de vida demonstrando a importância da segunda para sua formação, mesmo que tenha sido adquirida de uma maneira informal. É notória a importância que ela dá ao aprendizado formal, sem

diminuir a importância do seu aprendizado, mas de certa forma deixando claro seu incômodo com a não valorização de um em relação ao outro.

Digamos que a fábrica de bandeiras foi meu ensino médio, a camisaria foi a faculdade e a empresa atual meu mestrado... subi degrau a degrau(Heloisa).

Nas falas das costureiras que tiveram contato com algum curso, seja ele formal ou não, há uma insatisfação com a limitação do conteúdo. A principal queixa é a separação do ensino da modelagem e da costura que, ao ver das profissionais, é inseparável. Para Elaine, não existe sentido nessa separação, já que as duas práticas têm interdependência: é na costura que se entende muito da modelagem e vice-versa. Fátima também apresenta essa constatação dizendo que acha ser comum a separação por especialidade em cursos de costura e cursos de modelagem. Heloisa também não entende porque existe essa separação já que “tem que aprender a modelar também”, pois uma acompanha a outra.

A formação profissional preocupa-se principalmente em formar mão de obra para o mercado e, em geral, a maioria das posições exige apenas os conhecimentos de costura, excluindo o entendimento sobre corte e modelagem. Para Fátima ninguém pensa que a pessoa pode ter interesse em trabalhar em casa ou colocar um atelier próprio e que por isso precisaria obter esses conhecimentos. Assim, a modelagem assume um lugar de interesse comum às costureiras entrevistadas, sendo que Denise e Elaine acabaram se qualificando também nesse conhecimento na sequência de suas carreiras.

A maneira como são abordados os conteúdos, superficialmente, é entendida por Elaine como uma característica que possibilita cada indivíduo explorá-lo de forma particular. Segundo ela, o desenvolvimento da técnica era algo opcional que tanto poderia ser uma continuidade do tema apresentado quanto uma escolha da aluna em criar sua própria técnica ao colocar o aprendizado em prática.

Ana considera que os cursos existentes não são acessíveis a todas as pessoas ou, pelo menos, às que têm interesse em atuar profissionalmente. Durante a conversa, citei que existem algumas iniciativas de capacitação gratuita de novas profissionais da costura por parte da indústria através do Senai. Ana afirmou conhecer essas iniciativas, mas entende que acabavam não sendo muito eficazes. Quando indagada sobre o motivo dessa opinião, respondeu que alguns desses cursos, além de serem escassos frente à demanda existente, são muitas vezes frequentados por pessoas sem real intuito de aprender, mas sim de ganhar algum benefício oferecido em conjunto com a capacitação, como uma cesta básica ou meio salário

mínimo. Ana afirma conhecer cerca de três pessoas de seu convívio que já teriam frequentado esse tipo de curso, interessadas apenas nos benefícios.

A experiência de Denise que passou por um curso técnico de costura e foi complementada quando frequentou um curso superior de Moda traz alguns questionamentos sobre a forma como é apresentada a costura em uma visão bem crítica da entrevistada. Segundo ela, no curso técnico as pessoas têm um interesse em comum que é aprender a costurar, sendo assim já estão motivadas a fazer isso. Em contrapartida, na faculdade, a costura é apenas um assunto dentro da Moda e, em geral, ninguém quer aprender a costurar na graduação. Além disso, a maneira como a costura era ensinada reforçava ainda mais essa falta de interesse. Em geral, as aulas eram ministradas por professoras alocadas nessa disciplina e não eram especialistas na área, teria aprendido a costurar, mas não sabia repassar um padrão de ensino. As aulas não aconteciam de forma que despertassem interesse. As turmas eram formadas por um número muito grande de alunos para apenas uma professora; por ser uma atividade prática, a costura precisa de orientação contínua. Denise tem certeza de que, se a costura fosse ensinada de outra forma já no primeiro semestre, despertaria vontade de aprender até nos que não tinham interesse inicial. Ela sentia que não tinha dificuldades, pois já tinha frequentado um curso e já costurava profissionalmente quando iniciou a faculdade, mas percebia que os colegas que não tinham noção nenhuma de costura acabavam sendo deixados à deriva, não recebendo orientações básicas sobre o corte dos tecidos e as margens de costura, por exemplo. Ela sentia que o conteúdo era apresentado com displicência, apenas para “passar logo”, o que é extremamente prejudicial, pois seus colegas se formariam profissionais sem a menor noção da construção de uma peça.

As entrevistadas, após um momento de adequação de primeiros aprendizados que foram obtidos apenas na educação não formal, entendem a qualificação como um segundo passo na carreira. Assim, a qualificação formal possibilitaria a criação de distinções entre os trabalhadores que desempenham a mesma função criando benefícios para trabalhadores mais qualificados em comparação aos não qualificados. Neste sentido vale salientar que mesmo costureiras com pouca experiência prática são mais valorizadas pelas empresas por causa dos seus certificados. Assim na opinião das entrevistadas, as costureiras que possuem conhecimentos provenientes de qualificações formais e certificadoras, possuem uma imediata equiparação técnica que aos seus olhos e na rotina de trabalho não existe. As entrevistadas demonstram um interesse permanente por qualificação, mesmo que não tenham condições de fazê-la, principalmente por entenderem que existe essa valorização maior pelas profissionais que conseguem comprovar alguma qualificação na área.

Heloisa tem certeza de que se um dia for estudar algo em relação à costura não terá nenhuma dificuldade, mas que gostaria, de qualquer forma, de fazer esta qualificação por que acredita que ter um diploma a ajudaria a inclusive a poder entrar no mercado de ensino, dando aulas de costura. Ela deixa claro seu sentimento de valorização da educação formal no trecho a seguir:

Se tu vê uma pessoa que estuda moda ela é mais valorizada que uma costureira. Vai uma costureira estudar moda, fazer uma faculdade de moda o salário dela vai melhorar. Com certeza! (Heloisa)

Esse é o desejo comum de Ana, Beatriz, Fátima e Heloísa que ainda tem o sonho de se qualificar nesta área por entender que, além de complementar a costura, poderia lhes beneficiar com rendimentos financeiros maiores do que possuem hoje, visto que é uma área melhor reconhecida e remunerada. Todas outras entrevistadas não demonstraram este interesse, pois já aprenderam ou se qualificaram na área de modelagem em razão da percepção de necessidade desse conteúdo.

Ana e Denise tiveram oportunidade de se qualificar em modelagem através do incentivo das empresas onde trabalhavam na época. Ana disse que o interesse surgiu dos próprios chefes quando perceberam sua dedicação com o trabalho e seu interesse em aprender sempre mais. Ela se capacitou em um curso de modelagem industrial no Senai, mas com o tempo, acabou esquecendo alguns conhecimentos por falta de prática. Denise já tinha aprendido algumas técnicas de modelagem que sua chefe havia a ensinado, mas estava sempre estudando mais, sendo que sua chefe, percebendo sua dedicação, resolveu também custear uma qualificação de *moulage*⁵⁵ para Denise. Depois disso, ela relata que foi autodidata, comprando livros e complementando seus conhecimentos com outros materiais.

Ana relata que, apesar do interesse em se qualificar novamente em modelagem, sempre existiu uma dificuldade dada à escassez de oferta e custo elevado dos cursos. Em geral o mercado de trabalho aceita muito bem certificações provenientes do Senac ou Senai, mas são poucas as unidades destas instituições que oferecem cursos específicos nestas áreas e quando oferecem, os horários são bem restritivos (impedem a profissional de ter um trabalho com carga horária semanal habitual) além de possuírem altos custos. Outras escolas que oferecem cursos livres já não interessam tanto pois como são menos conhecidas acabam tendo menos credibilidade no mercado em geral. Ela faria até uma faculdade se houvesse

⁵⁵ A *moulage* é uma técnica de modelagem tridimensional feita diretamente no manequim em contraste com a modelagem plana (tradicional) que é feita em formato bidimensional traçada no papel. A modelagem plana usa medidas e geometria para criar os moldes no papel. Na *moulage* um tecido é aplicado, moldado, cortado, alfinetado diretamente no manequim proporcionando uma visão em tempo real do modelo que está sendo criado.

condições, mas sempre foi muito complicado, já que conforme palavras dela “já começou a profissão com filho”. Ana demonstra a restrição profissional da mulher mais uma vez, pois como mãe sempre houve limitações para sua carreira em função das crianças.

A modelagem industrial também foi interesse de Cristina que em determinada época iniciou um curso de qualificação na área, dado seu alto interesse em aprender a modelar. Mas a realidade de sua remuneração teve um impacto muito grande na continuação do seu sonho: ela gastava quase metade de sua remuneração para pagar o curso e por isso, depois de três meses, precisou abandonar. Cristina se entristece ao falar disso porque acredita que a empresa seria a maior beneficiária de seu conhecimento, mas não a ajudava nem demonstrou interesse quando precisou parar. Ela afirma ter certeza de que todas profissionais de costura sempre vão ter interesse em se qualificar, mas que não existe possibilidade devido aos altos custos que deste tipo de qualificação, que ela sentiu na pele. Entendo que essa seja uma opinião da maioria delas que apesar de terem um enorme interesse em se qualificar, acreditam que não possam fazê-lo em função das limitações que se impõem para todas: financeiras, de tempo, distância e obrigações com o lar.

Tem pessoas que trabalham numa empresa e elas ganham R\$ 800, R\$ 900... não sei quanto é que tá o salário, mas ela tem toda a família para sustentar. Ela vive de aluguel, ela paga a luz, ela paga água, ela paga tudo... E tem vontade de fazer um curso, mas não dá... não tem... então ela tem que trabalhar assim, na base de reforma ou de costureira para uma empresa e ganha um pouquinho. E também o horário dela é de manhã até à noite... qual é o horário que elas vão ter para fazer um curso? Elas não têm... (Cristina).

Graça deixa clara sua paixão pela modelagem e o interesse em fazer uma qualificação nesta área, que também esbarra nos custos. Já deixou seu nome em lista de interesse de curso de modelagem e até cogitou prestar vestibular para faculdade de moda, mas que o valor ainda é um empecilho. Vai continuar sonhando em fazer a faculdade ou, quem sabe, um curso de modelista. Heloisa compartilha do mesmo desejo em relação à faculdade, mas também sabe que se iniciar em poucos meses vai parar porque não vai conseguir arcar com os custos. Já pensou em solicitar uma ajuda para seus chefes, mas tem certeza de que eles jamais lhe ajudariam a pagar, então prefere não se expor.

A época em que cursou modelagem industrial é lembrada por Ana com um sentimento de realização. Ela ressalta que o mais satisfatório era poder criar, algo que na costura é quase impossível. Hoje em dia, se ela conseguisse se aperfeiçoar na área de modelagem poderia até criar a sua marca, já que se considera uma costureira completa.

A criação da peça, além de ser um objeto de desejo de várias entrevistadas, agrega valor ao serviço prestado. Elaine explica que a remuneração envolvida em cada tipo de

serviço prestado pela costureira depende também da quantidade de conhecimentos que precisam ser aplicados. Reformar uma peça já pronta resulta em uma remuneração bem mais baixa, por exemplo, do que a conquistada quando a própria costureira cria, modela, corta e costura uma peça “do início ao fim” como ela mesma diz.

5.3 SUBMISSÃO E AUTONOMIA: A CONTRADIÇÃO EXISTENTE NA ATIVIDADE DA COSTUREIRA

É notório que, na maioria das posições a costureira não cria os produtos que confecciona. Antes disso, está ela submetida à imposição ou controle de vários fatores que a tornam mera operadora. Confeccionar uma roupa, porém, é uma tarefa criativa que envolve inúmeras possibilidades e dominar este processo não é algo fácil. Cattani assinala que:

O trabalho poder ser, também, ato de criação que corresponde à vocação dos indivíduos e às suas tendências mais profundas e, nesse sentido, pouco importa se ele se concretiza pelo esforço físico ou mental (CATTANI, 2000, p.140)

É comum que a atividade de costura, antes de uma tendência de escolha de carreira profissional, seja resultado de uma vocação ou interesse nato pelo assunto. Se excluirmos aqueles que são conduzidos à atividade por força da necessidade, todos os outros casos têm a curiosidade pelo tema como fator que conduz os aspirantes ao aprendizado.

Desta forma, concordando com Cattani, pouco importaria para o resultado final da roupa se todas as etapas de sua produção fossem pensadas e racionalizadas ou se foi apenas fruto do trabalho físico efetivamente. Neste caso, se a roupa foi resultado de um milimétrico planejamento, regido por uma série de profissionais como estilistas, modelistas e costureiras capacitadas, ou se foi a realização prática de três horas costura intuitiva, ao apresentar-se pronta, teoricamente,⁵⁶ ambas os artigos confeccionados seriam o mesmo produto, ainda que produzidos de maneiras distintas.

Embora a parte criativa seja destinada a uma pequena parcela das pessoas enquanto às outras é delimitado apenas a elaboração manual do mesmo, é fundamental destacar que para a produção do vestuário a criação é imprescindível. Neste caso, através da divisão do trabalho no momento da transformação da atividade artesanal para o manufactureiro, a parte criativa foi sendo cada vez mais segregada do trabalho da costura. No estudo com costureiras

⁵⁶ Em teoria, pensando no fato de excluirmos as variáveis externas que fariam parte da decisão do consumidor no momento da compra, e que fazem com que elementos como publicidade e notoriedade de marca tenham grande peso em suas escolhas.

cooperativadas, Fischer (2016) resgata, nos relatos das trabalhadoras entrevistadas, que não há espaço para atividades criativas além de pequenas sugestões, já que a criação demanda um tempo de trabalho que não pode ser remunerado e nem diminuir o volume da produção da cooperativa. De qualquer forma, criar segue como um desejo das associadas impedido principalmente pela jornada e pelo ritmo de trabalho imposto por para “dar conta” da demanda.

Podemos relacionar essa segregação da etapa criativa com os conceitos de submissão e autonomia. A submissão poderia ser enxergada, neste sentido, como o efeito imposto pelo mercado, capital ou a moda no trabalho da costureira, que acaba por obrigá-la a limitar-se a sua atividade de produção técnica e operacional.

Conforme Cattani (2000, p.147), a “autonomia opõe-se à dependência, no sentido de submissão, de avassalamento” e significaria estar “livre de imposições tirânicas, de normas arbitrárias, de trabalhos servis”. Mais do que uma escolha, a autonomia é um ideal acessível a um restrito número de indivíduos e poderia ser obtida através de árduos esforços, aumento de responsabilidade e engajamento permanente, sendo uma ação contínua na busca de dignidade no trabalho e na vida.

Neste sentido, algumas pessoas estariam limitadas a submissão, sendo que:

A heterogeneidade de situações, decorrente da desigualdade de saberes e poderes, caracteriza-se antes pela dominação e pela injustiça, obrigando os menos favorecidos a uma luta permanente pela livre determinação. Essa luta, que chamamos de autovalorização, passa pela qualificação, pela aquisição e pelo desenvolvimento de capacidades e atitudes não só reconhecidas e valorizadas socialmente, mas portadoras de elementos inovadores e libertários (CATTANI, 2000, p.150).

Além disso, os atuais modos de gestão dão, de certa forma, uma sensação de autonomia, como é o caso das costureiras faccionistas. Isso obriga, porém, as trabalhadoras a se autogerir, causando uma situação dúbia que as faz se sentirem, ao mesmo tempo, oprimidas e independentes. No dia a dia de sua atividade, a costureira acaba vivendo momentos de autonomia e submissão que se intercalam e se modificam de acordo com as interações a que se submete na tarefa da costura.

É possível verificar diferentes graus de submissão ao capital, por exemplo, nas posições de empregada fabril e faccionista. Na fábrica, é o lugar onde essa submissão ao capital fica mais clara, já que a costureira quase nunca participa de alguma etapa decisiva de seu trabalho. Normalmente todos os processos de planejamento da peça são definidos anteriormente à sua intervenção, por pessoas de níveis hierárquicos mais elevados. Desde a

escolha do modelo até a forma como a peça deverá ser costurada, em geral definida pela piloteira, a costureira não assume um papel relevante, mas sim apenas o de executora. Graça e Heloisa citam como normal a existência de conflitos entre as costureiras e modelistas, e que estão acostumadas a não serem ouvidas. Esta situação é tão difundida e corriqueira que elas chegam a entender como uma qualidade profissional, a capacidade de não se importar com tal submissão ou não se meterem nos assuntos referentes ao planejamento dos produtos. Heloisa sinaliza que tem muito interesse em trabalhar em casa e se “libertar” da obrigação do horário de trabalho e tempo perdido com o deslocamento, mas não coloca sob nenhum aspecto a vontade de criar as peças que costura. De todas entrevistadas, as duas costureiras fabris são as que menos tem aspirações referentes à criatividade, sendo que suas ambições se distribuem mais no reconhecimento do seu trabalho e na falta de oportunidade de participar mais ativamente das definições do processo de montagem de cada peça, que normalmente são mediadas pela supervisora e definidas pela modelista. Para elas, “desenhar” uma nova peça de vestuário não é tão importante quanto definir tecnicamente como ela será feita – função da modelista.

Ana e Beatriz, as costureiras faccionistas, entendem que a posição de costureira externa à fábrica lhes confere uma certa autonomia em relação à escolha de serviços. Ana sempre deixou claro nos empregos formais pelos quais passou que não queria trabalhar a vida inteira como empregada. Queria ter seu negócio próprio e trabalhar em casa. Beatriz disse que, em determinada época, chegou a ter uma marca própria, mas acabou desistindo por falta de dinheiro para fazer estoque e replicar as peças. As duas entendem que, hoje, na relação que estabelecem com as empresas para as quais prestam serviços ganham em parte um pouco de autonomia em relação a horários e a possibilidade de escolha para quem vão trabalhar, mas perdem bastante em relação às horas envolvidas com o trabalho e a dificuldade em criar uma estabilidade da remuneração. Outra questão importante referente à renda é o fato de estar submetida a precificação imposta pela empresa ofertante, sendo que raramente conseguem negociar valores, e acabam vendendo seu trabalho a um preço que não é definido por elas mesmas. Abreu (1986) também levanta esse ponto através do relato de uma de suas entrevistadas, que dizia não conseguir discutir sobre os preços das peças a não ser que se juntasse com outras costureiras para argumentar. A empresa definia quanto oferecer e quem não tivesse interesse, que não trabalhasse com eles. No caso das facções é a fábrica quem define o valor do trabalho.

Nas duas posições na qual a fábrica causa submissão por parte das trabalhadoras, ocorre com frequência outra tensão opressiva no trabalho das costureiras: a relação com a

modelista e a supervisora da costura. A supervisora é vista, em ambos os casos, como uma peça-chave com quem as costureiras precisam criar uma boa relação para se desenvolver no trabalho. Na fábrica, ela pode recomendar uma costureira para os chefes trazendo oportunidades de mudança de postos, como também pode atrasar seu crescimento, caso não consigam conviver em harmonia. Para as faccionistas a supervisora é quem, normalmente, vai atuar na escolha das facções que farão cada modelo, seguindo seus critérios de qualidade e pontualidade. Na maioria dos casos, as costureiras apenas se adaptam ao estilo de cada supervisora em prol de uma boa convivência.

A modelista, em contrapartida, parece ser a maior geradora de conflitos referente a submissão por parte das empregadas e faccionistas. Beatriz reclama da submissão sofrida pela costureira em relação à modelista a quem é atribuído um papel mais importante nas empresas. Para ela, no entanto a modelista, apesar desfazer o molde que origina a peça, nem sempre entende de acabamentos. Conhecimento dominado pela costureira. Além disso, de nada adiantaria ter o trabalho da modelista e do corte se não houvesse a figura da costureira para, de fato, fazer dar vida às peças. Beatriz diz que gostaria de um dia poder dizer que ela que criou as peças.

Ana sempre buscou mais participação na concepção das peças em todas as empresas onde trabalhou, mas diz nunca ter conseguido oportunidade. Em seu ponto de vista, ser modelista é muito mais importante dentro das empresas do que ser estilista, pois é a modelista quem a peça e se envolve com sua montagem. Isso enfatiza, novamente, a tendência que as costureiras têm em desejar uma qualificação na área da modelagem vinculada a importância que atrelam a esta profissão. Ana cita ainda que a boa modelista sempre é reconhecida e com isto pode cobrar o preço que quiser por seus serviços.

Graça diz que sempre teve uma paixão pelo trabalho da modelista, achava muito interessante aquele processo todo de medidas e detalhes técnicos. Conta que em determinada oportunidade observa o trabalho da modelista, recortando e colocando o papel no manequim, com admiração pela colega, a quem considerava uma ótima profissional. Assim como outras modelistas, porém, a colega não aceitava modificações em seu trabalho, sendo bastante inflexível. O trabalho deveria ser feito tal e qual fora definido. Graça sempre achou desconfortável, mas conta que com o tempo as costureiras iam se acostumando às tais imposições.

A voz da modelista é sempre validada pelos patrões ou superiores que, em geral, valorizam as opiniões técnicas da profissional da modelagem muito mais do que as das

costureiras. Tal fato pode ser ocasionado pela profissional possuir um conhecimento formal, possuindo, inclusive, diplomas, diferente da costureira.

Elaine associa seu gosto pelo processo de modelagem à recusa para buscar empregos fabris, já que sabe que nas empresas a costureira apenas costura, sem se envolver com outras etapas do processo. Depois de ter se qualificado em um curso de modelagem, relata não ter buscado emprego de modelista por desejar trabalhar em uma empresa onde pudesse fazer, além da modelagem, a montagem da peça piloto, o que dificilmente é possível em uma fábrica tradicional. Outro fator importante era que Elaine gostaria de poder definir como a peça seria feita, tendo certa autonomia sobre o processo:

Eu queria ver o resultado para ver se que não funciona fora do papel, no tecido...[...]se tu for lá e trabalhar numa empresa é eles que decidem como, o que tu vai fazer, o que tu não vai (Elaine).

É interessante perceber que tanto Ana quanto Elaine dizem não pertencer à área criativa, não saber desenhar, manifestando desinteresse na função de estilista, mas, ao mesmo tempo, revelam desejo de trabalhar com modelagem, abordam a criação das peças. Elas associam a criatividade apenas à atividade do desenho, enquanto, sem perceber, relatam ter executado processos criativos mais de uma vez em suas rotinas.

Chama-me atenção esta colocação de ambas, pois demonstra como, de modo geral, as costureiras desconhecem as etapas da criação do produto e acabam por subestimar seu potencial, criando limitações de poder de acordo com as restrições a que são submetidas em seu trabalho. Está claro que, mesmo Elaine, que frequentou um curso formal de costura, não teve acesso de forma clara as especificações de cada etapa, mantendo o estilista em um pedestal inatingível.

Enquanto isso, as costureiras de ateliers podem perceber de forma clara a falta de autonomia de sua posição através da figura do estilista, dada proximidade de ambos neste contexto, reforçando assim a hipótese de que a submissão estaria sempre imposta pela posição hierárquica imediatamente superior, neste o estilista ou o dono do atelier.

Cristina considera que iniciativa de abrir o seu próprio negócio valeu muito a pena. Embora tenha agora muito mais responsabilidades e sinta-se mais pressionada, ao mesmo tempo sente-se mais à vontade, podendo fazer seus próprios roteiros, e enfatizando, dessa forma, a importância da autonomia em relação à posição anterior. No antigo Atelier, ela precisava restringir suas opiniões principalmente para as clientes que, mesmo tendo grande intimidade com ela, não se sentia à vontade para opinar. Segunda Cristina, a sensação era de

que havia um limitador invisível que tornava sua opinião de costureira menos relevante que a do estilista e achava que as clientes poderiam relatar ao estilista que ela havia sugerido alternativas às ideias originais daquela peça. Dessa forma, o estilista poderia achar que Cristina não estava acatando suas orientações, que estava colocando suas próprias ideias no vestido criado por ele e com isso gerar algum desconforto. Cristina considera que a costureira de atelier não tem que dar sua opinião, tem que unicamente executar seu trabalho operacional. Lembra de certa ocasião, em uma prova de vestido, em que deu uma sugestão de modificação a cliente, buscando melhorar uma parte da peça, e teve como resposta que o estilista havia desenhado daquela forma.

Estes conflitos se repetiram quando prestou serviços para o atelier como costureira externa. Segundo Cristina, sua contratante, sócia do estilista, não sabia fazer nada: nem cortar, nem costurar. Só tinha o diploma (de Moda) e o nome. Ela entregava os tecidos nas mãos de Cristina, que criava o vestido e entregava pronto, sem que a contratante se envolvesse em nenhuma etapa do processo. Ainda assim era ela, e não Cristina, quem levava todos os méritos pelo trabalho.

A situação foi desgostando Cristina de modo que, embora não tivesse interesse em abrir um atelier próprio, acabou resolvendo: “Sabe de uma coisa? Vou fazer o meu nome!”. Hoje ela se considera realizada, pois tem o seu próprio atelier, onde realiza o trabalho, sem pedir permissão a ninguém. As opressões sentidas no emprego anterior foram substituídas pela tratativa direta com a cliente:

Então hoje eu posso fazer isso, essa é a diferença. Chegar e provar numa cliente e trocar uma ideia com ela: vamos trocar isso, mudar aquilo e ela gostar. E ela vai pedir para mim as ideias, ela não vai pedir para o estilista lá o outro. Ela vai pedir para mim, sou eu que estou no comando de fazer isso (Cristina).

Mesmo assim, ela ainda tem interesse em parar de costurar e dedicar-se apenas ao gerenciamento do processo e a criação, pois acha que perde muito tempo sentada em frente à máquina durante a montagem dos vestidos. Ela cita que ficaria apenas “no comando” e na criação, parte que mais gosta.

Denise nunca teve ambições de ter seu próprio atelier e acabou, assim como Cristina, sendo encaminhada para esta posição. Relata que, através da faculdade, começou a entender que a parte criativa não era um trabalho pequeno, já que muitos dos colegas tentavam e não conseguiam colocar em prática suas ideias, algo que para ela era muito fácil. Começou então a perceber que as tarefas que executava eram muito importantes, pois além de fazer todo o pensamento de aproveitamento de rendas para cada vestido, ela ainda cuidava do

gerenciamento de toda equipe e etapas do processo do Atelier, sendo que não era remunerada adequadamente para as funções que exercia. Ao mesmo tempo, ela jamais poderia divulgar tudo o que fazia com orgulho, pois, de fato, as pessoas só valorizavam o trabalho da estilista, como ela descreve abaixo:

Eu jamais poderia dizer assim: aquele ali que eu... eu o que? Que eu botei a renda? (Denise).

O marco desta incomodação aconteceu no dia em que passou muito tempo planejando como seria o corte de uma renda de alta complexidade e ao apresentar para a estilista e sua filha para aprovação, a filha exaltou o trabalho da mãe, estilista, que em nenhum momento havia se envolvido com o trabalho. Denise percebeu na hora que aquele elogio carregava uma mensagem dirigida a ela, como se quisesse lembrá-la de manter-se em seu lugar, de menor ou nenhuma importância.

Como dona de seu próprio atelier, Denise chegou a fazer algumas parcerias para prestar serviços a outros ateliers. Nesta situação, viveu novos conflitos relacionados com a falta de conhecimento sobre costura, muito frequente entre os estilistas, mesmo aqueles com alguma formação em Moda. Segundo ela, a parceria com uma das estilistas era muito boa, mas a jovem não tinha noção suficiente da costura. Denise ainda alerta que muitas vezes são estas pessoas, formadas em Moda, e que não aprenderam a costurar, que abrirão empresas e contratarão costureiras. Assim, o salário e implicações do trabalho da costureira seriam definidos por alguém que “não aprendeu lá atrás” e não tem a menor noção de como é feita a construção de uma peça. A estilista com quem manteve a parceria sugeriu, inclusive a abertura de uma fábrica em sociedade com Denise que diz que jamais conseguiria fazer isto por conta dos dilemas pessoais. Para a estilista seria um assunto facilmente resolvido: bastaria contratar cerca de dez costureiras, oferecendo como pagamento o valor do piso salarial. Já Denise considera complicado: “como é que ia colocar uma pessoa para trabalhar lá ganhando tão pouco? Não ia conseguir colocar ninguém para trabalhar”.

5.4 RECONHECIMENTO

Durante todas as entrevistas algumas frases ficaram ecoando em minha cabeça dado o peso das implicações de certos relatos. Nenhuma delas me chamou tanto atenção quanto a frase dita por Heloisa, que de certa forma marcou esta pesquisa, ao falar do interesse das pessoas pela costura:

Trabalhar numa empresa não!! Eu quero aprender costurar, diferente de ser costureira... (Heloisa).

Aprender a costurar, diferente de ser costureira.

Um trabalho manual, em que normalmente leva-se horas para confeccionar uma peça. Uma posição incômoda de trabalho, anos de experiência para domínio de determinadas técnicas e ferramentas. Conhecimento e esforços que de nada valem quando não são reconhecidos. Essa é a constante de todas narrativas das costureiras, que veem o esforço de seu trabalho jogado em balaios ou simplesmente *invisibilizados* no mercado.

A primeira invisibilidade levantada pelas entrevistadas com certeza é perante a complexidade do trabalho que executam.

Abreu (1986, p.168) levantava esta questão ao dizer que “em todo trabalho de costura, o tempo de costura efetiva é bem menor que o gasto com a preparação e arrumação prévia das peças a serem costuradas”. Elaine diz perceber que as pessoas não entendem os processos envolvidos naquele trabalho, que para executar determinado serviço a costureira precisa dispor do seu tempo, seu material, sua infraestrutura, além de precisar “usar a mente” para fazer um trabalho bonito, que não deve ser entregue de qualquer jeito.

No caso de Elaine e Fátima, que trabalham com reformas, os produtos finais dificilmente conseguem agregar valor e seu trabalho em geral é desvalorizado em função dessa relação. Fátima cita os processos envolvidos com a troca de um zíper como um exemplo claro dessa relação para a costureira:

Para se pregar um zíper tu tem que desmanchar o zíper, tu tem que pregar outro né. Tu tem aí o teu tempo de desmanchar, o teu tempo de aplicar, tem a mão de obra né... tem um tempo que tu tem que disponibilizar para fazer aquilo e a pessoa: ah, é só uma costurinha... ah, dois reais, ah, cinco reais... (Fátima).

Segundo Fátima, todo trabalho de reforma ou conserto é um trabalho dobrado, pois sempre exige que a costureira perca um tempo significativo desmanchando, para só depois poder alterar a peça. Ela também relata que as pessoas normalmente já chegam com uma expectativa de quanto querem pagar e essa expectativa sempre é muito aquém do trabalho que vai ser realizado. Sente o menosprezo em relação ao seu trabalho nas próprias palavras das clientes que várias vezes descrevem como “só uma costurinha”. Para ela, as pessoas não respeitam muito o trabalho dos outros, se dizem profissionais nas suas áreas, mas não conseguem valorizar o trabalho dos demais. Elaine também se incomoda com a expectativa errada das clientes, que normalmente ficam espantadas quando ela dá o preço de determinado serviço: “como assim? Tu vai fazer só isso daqui?”. Ana também defende a posição levantada

pelas duas colegas e diz que este é um dos motivos pelos quais nunca faz serviços de reforma para as vizinhas ou familiares. Ela faz um relato bem semelhante sobre consertos:

Eles acham que é só chegar ali e dá um dinheiro para ti e tu trocar... Não sabe que tem que desmanchar preparar, medir a bainha...ninguém tem noção disso aí (Ana).

Mesmo as costureiras de Ateliers não estão livres deste processo, pois normalmente acabam precisando refazer alguma parte da peça a cada prova realizada pela cliente. Denise relata uma conversa que teve sobre uma modificação que, segundo a pessoa com quem falava, seria simples, mas que para uma costureira exigia muitas etapas:

Tem como diminuir o ombro? Diminuir o ombro...Eu fiquei imaginando... Por que era renda, veludo e uma saia de tule... tem a junção da renda com veludo aqui, mas ok... mas atrás existe um zíper nessa junção... eu tirei todo zíper para fazer a redução e coloquei todo o zíper. Só ajustar o ombro! A única coisa que eu tinha feito para ela, era ajustar o ombro... (Denise).

Além da quantidade de processos envolvidos, que obrigam a costureira a planejar todos os passos que irá executar, existem também variáveis que dependem, por exemplo, de sua estrutura ou maquinário. Segundo Ana, o ponto falhado da máquina às vezes acaba passando despercebido numa grande quantidade de peças, sem que ela se dê conta do problema. Mas as pessoas não poupam a costureira, ninguém quer entender a origem ou complexidade do problema. Associam àquilo ao relaxamento ou a falta de vontade. Simplesmente não pensam que ela também pode ter problemas comuns a qualquer outro trabalho.

A complexidade também pode ser um motivo que desestimula o aprendizado ou a continuidade da costura como ocupação profissional. Cristina diz que surgem várias interessadas em aprender a costurar com ela após verem seus vestidos de festa prontos, mas na hora de aprender não consegue entender, pois são “muitos *esqueminhas*, muitas coisinhas, muita *trabalhosidade*”. Já chegou a contratar duas ajudantes que não passaram de dois dias de trabalho e não retornaram, alegando que o trabalho era muito difícil para o valor que iriam receber.

É possível afirmar que o sentimento de reconhecimento da profissão está também relacionado com a remuneração da costureira. Em todas as conversas as entrevistadas citam que sempre foram mal pagas ou que a remuneração oferecida era sempre muito menor do que o trabalho prestado. Elaine critica o processo fabril apontando que o fato de a costureira fazer só uma parte do processo acaba proporcionando aos patrões o pagamento de um baixo salário,

não dando oportunidade, nem de crescimento profissional, nem do aprendizado de novos conhecimentos. Heloisa ressalta também que ganhar palavras de incentivo, como uns parabéns, por parte do patrão não ocasiona um benefício real no final do mês.

O fato de o salário fabril ser tão baixo seria um dos motivos pelos quais Beatriz acredite que tantas costureiras optem pelo trabalho domiciliar em detrimento às fábricas, já que ela não trabalharia fora por um salário tão baixo. Denise também relata que quando trabalhava no atelier, tinha certeza de que a estilista lhe daria um salário maior, pois tinha noção do trabalho que ela realizava e de como ela contribuiu para o crescimento da empresa. Ao mesmo tempo, as filhas da proprietária faziam questão de mantê-la estagnada.

Ignorando a questão financeira, Ana e Cristina sinalizam ainda uma constante nas empresas de moda: ao divulgar uma nova coleção, em catálogos impressos ou redes sociais, figuram entre os agradecimentos os nomes dos estilistas e modelistas, mas nunca das costureiras. Nem sequer das piloteiras, que fazem as primeiras peças. Ana diz que ao se deparar com estas situações, sempre fica pensando em todas as costureiras sentadas em frente às máquinas e está certa em seu pensamento radical, de que ninguém valoriza a costureira. Ninguém.

Mesmo assim, várias delas enfatizam o momento de realização pessoal que varia para cada uma. Ana diz que sua maior satisfação é terminar uma peça, colocar no manequim e ver que está linda, maravilhosa! Essa alegria só é superada quando ela vê uma peça sua em uma vitrine, quando ela vê uma peça que ela fez e sabe que foi ela que fez. Cristina diz que sua paixão é trocar ideias com as clientes para a criação de uma peça. Quando lhe entrevistei, ela disse que, ao longo da conversa, já havia imaginado cerca de dez modelos para mim, visualizado eles em detalhes. Elaine diz que se sente realizada em saber fazer, em ver que as pessoas gostam do que ela faz. Esse sentimento seria uma forma de retorno pessoal. Podemos entender um pouco melhor essa realização através das colocações de Sennett sobre a atividade artesanal:

Habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo.[...] O artífice frequentemente enfrenta padrões objetivos de excelência que são conflitantes; o desejo de fazer alguma coisa bem pelo simples prazer da coisa benfeita pode ser comprometido por pressões competitivas, frustrações ou obsessões (SENNETT; 2012, p.19-20).

As recompensas emocionais oferecidas pela habilidade artesanal na consecução desse tipo de perícia são de dois tipos: as pessoas se ligam à realidade tangível e podem orgulhar-se de seu trabalho (SENNETT; 2012, p. .31)

Cristina fala que se sentiu reconhecida na profissão apenas pelas próprias clientes, pois as outras pessoas, em geral, nunca valorizaram seu trabalho. Ela atribui este reconhecimento por parte das clientes ao fato de agora ela estar na posição de comando. Ela sugere que a falta de reconhecimento poderia até ter impacto nas motivações das costureiras que descontentes com a falta de reconhecimento poderiam executar o seu trabalho de qualquer jeito já que fazer um trabalho bem feito não era motivo de valorização.

Ana sinaliza a invisibilidade da profissão no trecho abaixo que insinua certa alienação das pessoas em geral com a origem de suas roupas:

Ninguém, ninguém tem noção. Se a pessoa vai na loja e vê aquela peça maravilhosa e pensasse assim: Ah, meu Deus, quem será que fez? Como é que essa peça foi criada, como foi desenvolvida para mim? Agora a gente ia ser mais valorizado... a costureira ia ser mais valorizada. Ninguém pensa isso! (Ana).

O nível de conhecimento das costureiras também não seria de grande ajuda para o aumento de seu reconhecimento segundo Heloisa. Para ela indiferente da costureira que sabe menos até a que sabe mais, todas são vistas da mesma forma. Ela ainda completa este pensamento com esta colocação:

Costureira...é igual ser uma faxineira [...] numa empresa tu não é nada mais importante do que uma faxineira. Independente de ser para empresa ou tanto para pessoas da família... (Heloisa)

Denise relata este desprezo em relação a profissão também por parte dos colegas de faculdade. Segundo ela, seguidamente os colegas usavam a palavra costureira para nomear ela e outra colega em tom depreciativo. Denise diz que em várias oportunidades fazia questão de reforçar que, sim, ela era costureira e que tinha muito orgulho de sua profissão. Tanto que em certa ocasião a professora da disciplina de costura chegou a se emocionar e chorou, comentando que era muito difícil trabalhar com esta atividade, tão desvalorizada. Até hoje ela passa por isso em certos momentos, dependendo do local onde está, quando diz que é formada em moda e trabalha como costureira:

Mas dependendo de onde eu falo as pessoas pensam: Coitadinha se formou para ser costureira. E na verdade eu sou uma costureira que me formei, né...mas é muito diminuído assim ... eu sempre falo costureira, costureira (Denise).

Certa vez, Denise estava acompanhando um familiar na escolha de um tecido em uma loja e surgiu a dúvida: o que tu é minha? Tu és minha estilista? Denise respondeu que era a costureira dela, ao passo que ela rebateu dizendo: “Ai, não é só costureira”. Denise diz que,

por mais que exista uma apropriação por ela da profissão, as pessoas ainda associam a costura a uma tarefa desqualificada e de pouco prestígio.

Pela perspectiva de Honneth (2009), a chave para o reconhecimento está ligada às relações estabelecidas entre o “eu” e o “outro”, onde no encontro com o outro as identidades se construiriam. O reconhecimento surgiria da necessidade de obter respeito nas relações subjetivas, que estariam separadas em 3 esferas: amor, que configuram as relações pessoais com vínculos afetivos; a esfera jurídica-moral onde estariam situadas os direitos e deveres do indivíduo; e por último a esfera social, formada pelos valores intersubjetivamente partilhados. Ao analisarmos a costureira como indivíduo em busca do reconhecimento, considerando as três esferas citadas por Honneth, pode separar claramente onde estão as relações que interferem com seu próprio reconhecimento:

Na esfera do amor, representada pela sua família e amigos, a costureira cria seus elementos de autoconfiança, que não está necessariamente ligada à sua profissão, mas sim a costureira como indivíduo. A autoconfiança em relação ao seu trabalho pode ser o que mantém algumas delas atuantes quando se contrapõe situações como a vontade de seus maridos de que não trabalhem ou a dificuldade de permanecer em uma profissão tão mal remunerada.

A esfera jurídica/moral onde se consolidam os direitos e deveres, as relações são estabelecidas principalmente neste caso específico em relação ao seu trabalho e sua interação com a empresa, com seus colegas de trabalho, com o mercado em geral e com os clientes. Nesta esfera surgem grandes descompassos, sendo que o reconhecimento pode ser percebido de diferentes formas, dependendo da relação que se estabelece em cada um desses vínculos. Podemos perceber que as costureiras de facção e as empregadas nas fábricas são as que menos enxergam este reconhecimento por parte das empresas, e nem chegam a ter conhecimento se o cliente consegue atrelar o seu trabalho as peças confeccionadas, uma vez que elas não têm contato algum com o cliente final. Em contrapartida, as costureiras de reforma entendem que são reconhecidas quando conseguem fazer peças inteiras e não apenas consertos, pois seus clientes entenderiam o trabalho realizado como passível de maior reconhecimento. De todas entrevistadas são as costureiras que possuem atelier próprio e trabalham com peças sob medida as que enxergam maior valorização e reconhecimento, tanto por parte de pessoas que enxergam o resultado de seu trabalho em eventos e outras ocasiões, como pelas próprias clientes que se mantêm fiéis aos seus serviços.

A esfera social, onde a costureira encontra o reconhecimento conforme os valores socialmente definidos, é a esfera onde normalmente estão associadas as valorações do ofício

de costureira, que geralmente associa a profissão à mão de obra básica sem muitos conhecimentos técnicos. Neste sentido, posso afirmar que houve uma completa harmonia nas respostas das entrevistadas no relato de que sua profissão não é valorizada socialmente. Como me disse uma delas, “dizer que é costureira é que nem faxineira”, demonstrando em apenas uma frase toda depreciação pertinente a outra categoria atrelada à baixos salários, mão de obra desqualificada, baixa escolaridade e vinculada ao trabalho doméstico. Vale ressaltar que, nesse sentido, a desqualificação não se refere a uma falta de qualificação, mas do entendimento comum de que a qualificação válida é apenas a qualificação formal, proveniente de uma regulamentação técnica e que oferece alguma comprovação, como um diploma ou certificado. O mesmo se aplica a questão da associação com o trabalho doméstico, que resulta em um senso comum de ser uma tarefa possível para qualquer pessoa e não requisitar maiores aprendizados ou qualificações. Um trabalho de costureira é realmente um trabalho de pouco valor, que apesar de muito necessário com certeza não é uma profissão a ser almejada pelas novas gerações.

Para Dejours (2009, apud BENDASSOLLI, 2012) o sofrimento seria um importante conceito dentro da psicodinâmica relacionada ao reconhecimento no trabalho, e que resulta do encontro do sujeito com o real. O trabalho tem a dupla função de produzir e de viver junto sendo ao mesmo tempo produção e relação social. Na esfera social, exige cooperação entre as partes, que em um primeiro momento está ligada à necessidade de produzir e em segundo porque ao mesmo tempo que oferece sua contribuição à atividade o sujeito espera algo em troca, principalmente uma retribuição de natureza simbólica, a qual assume uma forma específica: o reconhecimento. Podemos notar neste sentido que os relatos em sua maioria situam suas reclamações principalmente na expectativa e na falta de reconhecimento pelos outros, já que as entrevistadas relatam momentos de satisfação pessoal oriundos de suas experiências e expectativas individuais em relação ao próprio trabalho (como por exemplo, quando veem uma peça finalizada).

O reconhecimento ainda dependeria, segundo Dejours (2009, apud BENDASSOLLI, 2012), da realização de julgamentos que recaem sobre a qualidade do trabalho realizado e que podem se inscrever no nível da personalidade do sujeito com ganhos no registro da identidade. Assim, dependente de julgamentos externos, podemos dizer que essa relação entre o trabalho e a identidade é mediado pelo outro na esfera do reconhecimento. Por essa razão é visível identificar a insatisfação das entrevistadas que entendem que a profissão é muito desvalorizada, pois essa é a maneira como entendem que seu trabalho é percebido dentro do contexto social pelos outros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tinha como principal objetivo entender aspectos relevantes a respeito da profissão e do aprendizado da costureira através de sua própria vivência, o que foi de toda forma alcançado através das entrevistas com as profissionais que participaram deste estudo.

O contexto histórico trazido no primeiro capítulo tornou-se imprescindível para estabelecer o cenário dos primórdios desse ofício e nos aproximar de problemáticas que envolvem a profissão até os dias de hoje. Destacou-se através da história a transformação desse ofício pelo capitalismo que inicialmente, por sua característica completamente artesanal, permitia ao profissional a propriedade do produto final, enquanto a industrialização separou definitivamente as etapas de desenvolvimento do produto, fazendo com que a profissional da costura trabalhasse apenas com a montagem da peça. Esse cenário é facilmente observado na estrutura hierárquica e nos processos de produção fabril, como relataram as entrevistadas que tiveram passagens por essas situações de emprego.

De todo modo, a história também nos mostra que desde a criação e a regulamentação do ofício da costura na Idade Média, existiu uma divisão de gênero do trabalho. Os costureiros e alfaiates sempre tiveram notório reconhecimento enquanto as mulheres costureiras eram responsáveis apenas por pequenas tarefas de costura. O trabalho da costura masculino foi se transformando e ganhando distinções, dentro e fora das fábricas.

O costureiro da Idade Média evoluiu para a situação de alfaiate ou criador de moda, uma situação em que seu trabalho ainda remonta ao processo artesanal e por isso proporciona maior autonomia ao profissional. Mesmo dentro da fábrica, os homens aos poucos foram sendo destinados às tarefas que envolviam mais conhecimentos técnicos, como a modelagem e o corte das peças, enquanto a costura foi assumindo um papel mais técnico e operacional. Outra colocação importante para demonstrar a diferença na valorização do trabalho masculino e feminino na costura é a associação da atividade do alfaiate com um conhecimento técnico de seu trabalho enquanto a atividade da costureira é associada a um trabalho doméstico, e por isso sem grandes qualificações.

Notoriamente a mulher ainda sofre uma enorme desvantagem no mercado de trabalho. Fica claro nos relatos das entrevistadas que, na maioria das vezes, não é de seu poder exclusivo a decisão pela profissão e muito menos por uma ou outra posição de atuação, mas ao contrário, sofre pressões diversas ocasionadas pela sua posição social (necessidade de trabalhar), projeto familiar (ter filhos, cuidar deles) e nos casos das costureiras com maior faixa etária, a opinião e vontade do marido.

Embora neste último caso, as entrevistadas relatem a opinião de seu cônjuge como um “conselho” apenas, cabe ressaltar que trazem a inevitável opressão machista de uma sociedade que ainda limita a autonomia da mulher reforça as responsabilidades femininas com a casa e com a família enquanto o homem pode se dedicar exclusivamente ao trabalho. As tensões relativas aos aspectos familiares são mais tênues conforme a geração dessas trabalhadoras, pois é possível verificar que as mais jovens já possuem um nível de autonomia maior em relação à família e aos companheiros, podendo tomar decisões mais livres de consentimentos, uma vez que a mudança social relativa ao mundo feminino tem proporcionado uma libertação da mulher do estigma do ambiente doméstico e uma apropriação de sua carreira que não sofre mais tanto com o projeto de vida familiar. Além disso, a escolha por não ter filhos ou adiar a maternidade é um fator importante que atua nessa mudança familiar.

O cenário atual que tornou mais fácil o acesso à educação também pode ser associado ao desinteresse da profissão fabril pelas gerações mais novas, que, uma vez em contato com a costura, optam por atividades mais ligadas à criação e ao desenvolvimento, deslocando-se para outras profissões que trabalham com a costura, mas não executam essa tarefa diretamente. Isso é facilmente observável no cotidiano fabril e na memória das pessoas que sempre associam a costureira à figura de uma senhora. Ainda hoje a costura é uma opção para jovens que não possuem qualquer qualificação e entram no mercado de trabalho através de uma posição fabril, enquanto os jovens que buscam alguma qualificação acabam se destinando a uma graduação de moda e mudando para posições mais qualificadas no mercado de trabalho durante seu aprendizado.

Abordando as posições de atuação da costureira, algumas considerações são resultantes das entrevistas e observações. Primeiramente a relação entre a posição fabril e de faccionista e o ideal de autonomia que a segunda posição parece trazer para as costureiras nessas posições. Na fábrica conseguimos observar a maior divisão do trabalho, onde cada costureira faz operações repetitivas em uma jornada regular de trabalho, sempre limitada por tarefas ou processos predeterminados, com uma remuneração própria regida por um salário-base da categoria: todos os aspectos estão claramente definidos e poucos mudam ao longo do tempo, independentes de sua experiência como costureira. Como faccionista, a costureira conseguiria construir sua própria jornada de trabalho, optando por prestar serviço de acordo com sua escolha e recebendo uma remuneração condizente pelo lote produzido. Supostamente, esses aspectos garantiriam o poder de escolha de tempo, tipo de serviço e remuneração. O que enxergamos é justamente o oposto, uma vez que ainda fora da fábrica a costureira sofre pelas exigências da empresa contratante. O tempo de produção é definido pela

empresa que oferece o serviço, cada vez mais curto. A opção por escolha do tipo de serviço na verdade põe a trabalhadora contra a parede, pois negar um ou outro lote pela dificuldade pode fazer com que a empresa considere não entregar próximos lotes. E, por fim, a remuneração maior, que do ponto de vista das faccionistas seria o melhor ponto de comparação entre o ambiente fabril e a facção, só é atingida quando a faccionista se impõe um ritmo de trabalho extensivo, com uma jornada muito maior do que a fabril e na maioria dos casos de seis a sete dias de trabalho semanalmente.

A utilização das facções como fonte de escoação da produção fabril, na verdade, só resolve o problema do capital que encontra na flexibilização da produção uma forma de aumentar sua produtividade e otimizar ganhos, fracionando etapas que podem ser externas à empresa. Para as trabalhadoras, trata-se de mera ilusão, visto que todos os relatos de costureiras que trabalham adomicílio, faccionistas ou não, trazem a informação da extenuante jornada de trabalho em comparação à jornada normal fabril, sem contar outros fatores como o peso da responsabilidade pelas entregas e a falta de amparo caso haja alguma questão de saúde que a impeça de trabalhar.

Ao contrário do que poderia se imaginar, nem todas as costureiras almejam ser criadoras ou estilistas: o ideal de crescimento profissional está diretamente atrelado à figura mais próxima de poder criativo a que seu trabalho está submetido. O conflito entre as costureiras e seus superiores assume papéis distintos em cada posição. Na fábrica a supervisora de costura é vista como uma figura de permissão e consentimento de até onde a costureira pode ir ou o que pode fazer, desenhando uma relação que pode ser desenvolvida para gerar melhorias no dia a dia da costureira. Enquanto isso é com a modelista que surgem os maiores embates e é ela a figura de maior respeito e admiração. As faccionistas parecem estabelecer o mesmo tipo de relação, uma vez que dependem das supervisoras para avaliação do seu serviço, mas é com a modelista que acabam entrando em conflito quando precisam reivindicar alguma melhoria na peça ou informar algum possível problema no lote. A modelista, nesses dois casos, é, sem dúvida, o ideal dessas trabalhadoras, o posto que vislumbram um dia alcançar, o crescimento profissional que esperam atingir com uma qualificação.

Como costureira em atelier, a figura de maior tensão é o estilista. Fato ocasionado principalmente porque, durante o aprendizado dentro do atelier, a costureira que se interessa acaba participando ou realizando as tarefas de modelagem e corte, não criando nenhum tipo de conflito entre algum profissional de modelagem. Em contrapartida, seu ideal profissional é chegar a ser estilista, ter seu próprio atelier, acreditando que na maioria dos casos a

profissional de costura acaba participando de todas as etapas e formando um conhecimento pleno do processo, o que a equipara ao trabalho do dono do atelier. No caso da costureira de reformas, como seu trabalho é normalmente em casa e solitário, não se estabelece questões de subordinação com colegas, mas sim com seus clientes. Esses são os únicos responsáveis pelos seus conflitos, mas não interferem em qualquer ideal da costureira em relação ao seu trabalho.

Outro conflito permanente relatado parece ser o convívio com colegas. Alternando entre a dificuldade de ser aceita até a ajuda prestada pelas colegas em um momento de dificuldade, sem dúvida ressaltando a lenta inserção das novatas em grupos já formados. De certa forma podemos entender que, por não existir uma diferença de posições e qualificações entre as trabalhadoras da costura, este posicionamento reativo, de não facilitar a entrada de novas colegas, trata-se de uma preservação da posição, normalmente adquirida com o tempo e formada no relacionamento com as colegas e supervisoras.

Embora as fontes de aprendizado da costura tenham sido diversas, a reclamação geral das entrevistadas é a separação dos conhecimentos de costura, corte e modelagem, que, no ponto de vista de todas elas, são inseparáveis. Ser uma costureira, em suas palavras, significa saber fazer uma peça inteira, e para isso são necessários todos esses conhecimentos. A separação desses processos, inicialmente feita pela ótica fabril, foi aos poucos limitando as qualificações disponíveis para cada área em separado. De fato, as qualificações de costura disponíveis tratam em geral apenas da montagem das peças, passando superficialmente pelo corte e nunca pela modelagem. A modelagem é tratada como um conhecimento precioso, necessário de ser tratado em outro momento, de difícil acesso e muito mais qualificado. Talvez por isso mesmo as costureiras enxerguem este conhecimento como o único possível de ser obtido para um crescimento profissional, destacando que o objetivo de costureiras fabris e faccionistas é um dia se tornar modelista. As costureiras de reformas também enxergam a modelagem como um potencializador de ganhos, uma vez que, através dele, conseguem fazer peças mais elaboradas e sob medida e não ficar apenas nas reformas. Independentemente de suas posições, todas as costureiras criticam o modo como a costura é ensinada, seja em uma qualificação formal ou na rotina do trabalho: excluindo conhecimentos complementares que fazem parte de uma formação correta da costura e definindo-a apenas como um conhecimento técnico.

A importância da elaboração da peça inteira confere à atividade da costureira uma espécie de ritual, como se houvesse uma necessidade natural de concluir ou completar a sua obra. Tal fato pode ser atrelado à característica artesanal de sua atividade, que, mesmo

industrializada, ainda preserva valores e hábitos que podem ser atrelados ao trabalho do artesão, do artista. Fazer uma parte do processo é encarada como deixar uma obra inacabada.

Quanto ao aprendizado, realmente é possível notar que a maneira como a costureira aprende a costurar influencia a sua colocação no mercado de trabalho. As entrevistadas que passaram por cursos de costura com o intuito de adquirir o aprendizado formal acabaram inclinando-se para as posições relativamente mais autônomas, como de costura em ateliê próprio e em reformas. Enquanto isso, as costureiras que aprenderam a costurar no ambiente doméstico ou no próprio trabalho ocuparam as duas posições ligadas à atividade fabril (empregadas em fábricas ou faccionistas). Podemos ainda concluir que, de certo modo, a falta de opção destina à carreira fabril enquanto a oportunidade do aprendizado formal acaba indicando outros caminhos, abrindo um leque de opções um pouco maior para a escolha da costureira. O mesmo acontece com a qualificação, pois as costureiras que tiveram oportunidade de frequentar um curso de costura naturalmente estão predispostas a buscar uma segunda qualificação na área da modelagem com mais rapidez do que as costureiras fabris e faccionistas. Estas últimas, embora possuam a mesma conclusão que as primeiras, quanto à necessidade de qualificação em modelagem, acabam encarando essa etapa como um sonho distante. Importante, mas muito longe de ser alcançado.

Cada posição de atuação da costureira oferece diferentes graus de autonomia em relação ao seu trabalho, sendo que o local onde a costureira realiza sua atividade não tem, necessariamente, impacto nessa classificação. Como exemplo, podemos comparar o trabalho da faccionista e o da costureira de reformas, ambos realizados em sua residência, mas com interferências completamente diferentes sobre a autonomia. Enquanto a faccionista sofre diretamente as influências de uma subordinação da empresa contratante que acaba, de modo velado, definindo sua jornada de trabalho, seus ganhos e sua continuidade, a costureira de reformas negocia diretamente com seu cliente o prazo e o valor de cada serviço e, conseqüentemente, é dona de sua jornada de trabalho. Outra questão importante está na contrariedade de autonomia criativa e autonomia de tempo na comparação entre a posição da costureira de fábrica e a de ateliê próprio.

É indiscutível que a costureira fabril seja a que possui a jornada menos flexível e autônoma, porém é a que consegue planejar melhor o seu tempo livre, já que, ao contrário do que possa parecer, é a que usufrui de uma menor jornada destinada ao trabalho e ao mesmo tempo é a que possui menor possibilidade de expressar suas opiniões e modificar seu próprio trabalho. Em contrapartida, a costureira de atelier próprio, por mais que tenha uma jornada completamente flexível, é obrigada a trabalhar em uma rotina de muitas horas extras para

conseguir dar conta de suas encomendas; por outro lado, porém, é a que pode definir todo o seu processo de trabalho e inclusive definir sozinha ou junto com o cliente toda a criação da peça de roupa.

A invisibilidade das costureiras parece ter nuances um pouco diferentes, de acordo com suas posições e a ligação que têm com o produto final. As costureiras fabris são as menos prestigiadas nesse sentido, porque nunca são ligadas visivelmente com os produtos por elas confeccionados. Os clientes, que valorizariam o seu trabalho, estão muito distantes para criar essa associação e sempre relacionam os atributos de uma peça de roupa à marca, não à trabalhadora que confeccionou a peça. A costureira de reformas, por outro lado, por não executar a confecção de uma peça do início ao fim, é vista muito mais como uma prestadora de serviços do que uma profissional que pode criar algo. Nesse sentido, por mais que o cliente valorize seu trabalho, também nunca fará uma associação direta que envolva a criatividade ou assinatura daquela costureira em uma peça de roupa. Assim, no outro extremo, a costureira de atelier é a única que consegue ser considerada como uma trabalhadora que cria seus produtos e por consequência a única entendida pelo cliente com certo prestígio; e por isso até os próprios clientes tentam desvincular suas atividades da nomenclatura de costureira: entendem como uma espécie de estilista-criadora, muito mais do que apenas uma costureira⁵⁷.

É importante verificar que, mesmo com essa diferença de autonomia, a questão do reconhecimento não se resolve. Todas elas, independentemente da qualificação e da atual posição, afirmam que não se sentem reconhecidas, tanto profissionalmente quanto socialmente. Como coloca uma das entrevistadas, “Dizer que é costureira é o mesmo que dizer que é faxineira”, demonstrando a associação a outra profissão extremamente desvalorizada. O fato de estar associada historicamente a um trabalho doméstico feminino pode explicar essa visão desqualificada da profissão, uma vez que era a alternativa de remuneração feminina disponível e amplamente disseminada como um “bico” para atingir qualquer remuneração possível, pois a mulher dificilmente poderia estudar e sempre esteve ligada às responsabilidades do lar.

Outras questões parecem configurar um cenário de certa autonomia na profissão, formado por valores morais presentes para todas as costureiras. Trabalham muito, descansam pouco, se satisfazem ao ver o resultado do seu trabalho e o crescimento do seu aprendizado, se comprometem sempre com seu trabalho independentemente do resultado financeiro ou do reconhecimento envolvido. Esses valores formam as regras de vida desse grupo, sendo que

⁵⁷ Conforme relato de Denise, sobre conversa com uma de suas clientes citado anteriormente na página 121 desta pesquisa.

são valorizados por elas como se fossem uma espécie de lei da profissão. Para elas, é preciso criar outras formas de valorização para seguir com a carreira, já que a remuneração e o reconhecimento nunca seriam atrativos para a escolha da atividade. O mesmo vale para o aprendizado da costura: o deslumbramento em poder fazer uma peça de roupa logo se esvai quando deparado às dificuldades dos processos e aos baixos ganhos com a profissão. Como cita Heloisa sobre o interesse das pessoas pela costura: “Aprender a costurar é diferente de ser costureira”.

A qualificação formal e o ensino da costura reproduzem a fragmentação do trabalho enquanto a dinâmica da costura no dia a dia se mostra completamente diferente. O que as entrevistadas trazem como necessidades nesse sentido seria uma capacitação que integrasse os conhecimentos técnicos de corte, costura e modelagem, o que lhes garantiria a autonomia necessária para poder escolher com mais autonomia as posições que poderiam ocupar, sem se preocupar com a necessidade de novas qualificações posteriores. Destaco o fato de que os conteúdos sobre criatividade ou processos criativos para o desenvolvimento das peças de vestuário no ponto de vista das entrevistadas nem seriam conteúdos necessários, pois elas entendem essa liberdade criativa como o resultado de um domínio dos três conhecimentos anteriores (corte, costura e modelagem) e que possibilita a criação de qualquer peça de vestuário. De certo modo, a proposta de oferecer o desenvolvimento dessa tríade de conhecimentos seria uma maneira de proporcionar melhores negociações no mercado de trabalho e uma posição mais valorizada socialmente. Para isso os cursos de capacitação, principalmente os oferecidos através de instituições ligadas à formação dos trabalhadores, deveriam se preocupar com uma formação integral dessa profissional, com autonomia para se deslocar em diversas posições dentro do mercado de trabalho e assim, obter melhores colocações.

A questão de gênero, muito longe de ser superada, exige uma atenção de políticas públicas. Vale ressaltar que é notória a necessidade de cada vez mais integrar na educação inicial básica a divisão de responsabilidades familiares contextualizando uma nova sociedade que entende os papéis femininos e masculinos responsáveis ao mesmo tempo pelo lar em conjunto e divisão de espaço para a carreira profissional. Questões como a dupla jornada, a responsabilidade exclusiva feminina a respeito do lar, bem como a desvalorização no mercado de trabalho em relação ao trabalho masculino podem ser aos poucos superadas, por meio de uma conscientização social que deve ser necessariamente iniciada dentro do contexto escolar. Um caminho longo, mas que parece estar sendo traçado aos poucos. Certamente, esse

investimento trará mudanças essenciais ao modo como essa e outras profissões são reconhecidas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alice R. P. **O avesso da moda**: trabalho adomicílio na indústria de confecção. São Paulo: Hucitec, 1986.

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (ABID). **Estudo prospectivo setorial**: têxtil e confecção. Brasília: ABDI, 2010. Disponível em: <http://www.abit.org.br/adm/Arquivo/Servico/114216.pdf>.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012. E-book.

ARROYO, Miguel G. O direito do trabalhador à educação. **Trabalho e conhecimento**: dilemas na educação do trabalhador. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL (ABIT). **Brasil Têxtil 2016**: Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira. São Paulo: ABIT, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL (ABIT). **Cartilha Indústria Têxtil e de Confecção Brasileira**: Cenários, Desafios, Perspectivas e Demandas. Brasília: ABIT, 2013. Disponível em: http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/cartilha_rtcc.pdf.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BARBOSA, Carla Melissa. **Histórias de vida e costura**: os saberes e sabores da mulher artífice. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BENDASSOLLI, Pedro F. Reconhecimento no trabalho: perspectivas e questões contemporâneas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 37-46, jan./mar. 2012.

BIAVASCHI, Magda B.; DROPPA, Alisson. História da súmula 331 do tribunal superior do trabalho: a alteração na forma de compreender a terceirização. **Mediações**, Londrina, v. 16, n.1, p. 124-141, jan./jun. 2011.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2008.

BONADIO, Maria Claudia. A produção Acadêmica sobre moda na pós-graduação *stricto-sensu* no Brasil. **Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, v.3, n. 3, p. 51-79, dez.2010.

BRAGA, João. **Reflexões sobre moda**, volume II. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

BRUNO, Flavio da Silveira. **A quarta revolução industrial do setor têxtil e de confecção: a visão de futuro para 2030**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da Mulher no Brasil: Tendências recentes. In: MUÑOZ-VARGAS, Monica; SAFFIOTI, Heleieth I. B.(org.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. Tradução de Renato Ambrosio. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

CALDAS, Dario. **Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2006.

CATTANI, Antonio David. **Trabalho e Autonomia**. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

CATTANI, Antonio David; RIBEIRO, Jorge da Rosa. Formação profissional. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012. E-book.

CAVALCANTE, Savio Machado. Terceirização do trabalho e dos sindicatos: tendências e desafios no setor de telecomunicações. **Revista Mediações**, Londrina, v.11, n.1, p. 81-106, jan./jun., 2006.

CENTRO DE TECNOLOGIA DA INDÚSTRIA QUÍMICA E TÊXTIL (CETIQT). **Globalização da economia têxtil e de confecção brasileira: empresários, governo e academia unidos pelo futuro do setor**. Rio de Janeiro: Senai/CETIQT, 2007.

COGO, Paulo Sérgio Fernandes. Trajetórias Profissionais. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012. E-book.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravatura [online]**. 2nd. ed. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: FLACSO, 2005.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **A situação do trabalho no Brasil na primeira década dos anos 2000**. São Paulo: Dieese, 2012.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Qualificação e mercado de trabalho: apontamentos para política pública em regiões metropolitanas**. São Paulo: Dieese, 2011.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. [Edição revista]. São Paulo: Boitempo, 2008.

FISCHER, Maria Clara B. A arte de aprender a trabalhar coletivamente na vida de uma costureira. **Revista TRAMA Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, p. 112-127, jan./ abr. 2016.

FISCHER, Maria Clara B.; FRANZOI, Naira L. Formação humana e educação profissional: Diálogos possíveis. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 29, p. 35-51, 2009.

FRANZOI, Naira Lisboa. **Entrea formação e o trabalho**: trajetórias e identidades profissionais. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.

FRASQUETE, Débora Russi; SIMILI, Ivana Guilherme. A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. **História Educação** (online), Porto Alegre, v.21, n. 53, set. dez/2017, p.267-283.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Formato ePub.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 11-27. (Coleção o sentido da escola.)

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 71-90.

GARCIA, Sandro Rudit. Terceirização. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012. E-book.

GAZZONA, Raquel da Silva. Trabalho feminino na indústria do vestuário. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 18, n. 61, dez./1997, p. 139-158.

GODINHO, Ana Cláudia Ferreira. Experiências de trabalho de mulheres estudantes do PROEJA. 37ª Reunião Anual da ANPEd, 2015, Florianópolis. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPEd, 2015. v. 1. p. 1-16.

GRISCI, Ligia Iochins. Dilemas pessoais no trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012. E-book.

GRUMBACH, Didier. **Histórias da moda**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

HOLZMANN, Lorena; PICCININI, Valmíria. Flexibilização. In: CATTANI, Antonio David ; HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012. E-book.

HOLZMANN, Lorena; PICCININI, Valmíria. Trabalho a domicílio. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012. E-book.

HOLZMANN, Lorena; PICCININI, Valmíria. Trabalho por conta própria. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012. E-book.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

JOFFILY, Ruth. **O Brasil tem estilo?** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 1999.

KÄERCHER, Karen Ambrozi. “Arremates do Lar”: um estudo etnográfico sobre saberes e fazeres domésticos entre mulheres que costuram. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN’S WORLDS CONGRESS, **Anais Eletrônicos...**, Florianópolis, 2017.

KUENZER, Acácia Z. **Pedagogia da Fábrica**: As relações de produção e educação do trabalhador 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LEITE, Marcia de Paula. Gênero e Trabalho no Brasil: Os desafios da desigualdade. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 8, Dieese, p. 45-60, ago. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda**: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre educação e ensino**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1Capítulo V (Processo de Trabalho e Processo de Valorização). 19. ed. RJ: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1, capítulo XIII (A maquinaria e a indústria moderna). 19. ed. RJ: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1, capítulo XIV. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de moda: a relação pessoa-objeto**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e educação. In: ARRUDA, Marcos; ARROYO, Miguel G.; FRIGOTTO, Gaudêncio; MINAYO GOMEZ, Carlos. **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NOVAES, Clarissa Alves de. **Evolução histórica do ofício de costureira e sua configuração em ateliês de costura de Viçosa – MG**. Viçosa: UFV, 2016. (Dissertação) – Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**.4. ed. rev. e atualiz. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

ROSSO, Sadi Dal. Tempo de trabalho. In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena (org.).**Dicionário de trabalho e Tecnologia**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2012.E-book.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Do Artesanal ao Industrial: a Exploração da Mulher**. Um estudo de operárias têxteis e de confecções no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques.3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL/CENTRO DE TECNOLOGIA DA INDÚSTRIA QUÍMICA E TÊXTIL (Senai/CETIQT).**Globalização da economia têxtil e de confecção brasileira: empresários, governo e academia unidos pelo futuro do setor**. Rio de Janeiro:Senai/CETIQT, 2007.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Facção: Como montar um serviço de confecção**. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-servico-de-confeccao,89387a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**. Nova Cultural, 1988.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SVENDENSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Tradução de Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TAVARES, Maria Augusta. Trabalho informal: os fios (in)visíveis da produção capitalista. **Revista Outubro**, n.7, 2002.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, _____, R.G. _____, profissional da área da costura, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa intitulada provisoriamente por “**Ofício: costureira** – Um estudo sobre educação e submissão na confecção de vestuário da região metropolitana de Porto Alegre”, desenvolvida pela pesquisadora Évelin Zanelatto Bordin. Fui informada, de que a pesquisa é coordenada/orientada por Jorge Alberto Rosa Ribeiro, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário, através do e-mail jorge.ribeiro@ufrgs.br.

Tenho ciência de que minha a participação não envolve nenhuma forma de incentivo financeiro, sendo a única finalidade desta participação à contribuição para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, são:

- a) Verificar a existência de participação criativa na confecção da peça de vestuário durante o trabalho de costura;
- b) Verificar como as costureiras enxergam seu trabalho dentro de cada posição que ocupam como escolheram estes postos de trabalho e como administram seus tempos de trabalho;
- c) Entender como foi a formação profissional da trabalhadora da costura e se teve acesso a cursos de capacitação e qualificação;
- d) Verificar a existência de possibilidade de construção de uma carreira profissional.
- e) Verificar se existe reconhecimento pelo trabalho da costura e de que forma é feito.

Fui também esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas serão apenas em situações acadêmicas (artigos científicos, palestras, seminários etc.), identificadas se necessário, apenas pela inicial de meu nome e pela idade.

A minha colaboração se fará por meio de entrevista informal que será gravada pela pesquisadora sendo que minha colaboração se iniciará apenas a partir da entrega desse documento por mim assinado.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida, ou me sinta prejudicada, poderei contatar a pesquisadora responsável pelo e-mail evelinzbordin@gmail.com.

Fui ainda informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, apenas sinalizando a pesquisadora que respeitará minha decisão e irá desclassificar minha entrevista para fins da pesquisasem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Porto Alegre, 13 junho de 2017.

Assinatura da participante:

Assinatura da pesquisadora:
